



Minha Sapatinha

Mágica

ANDRESSA GOMES



ANDRESSA GOMES

Minha Sapatilha
Mágica

1ª Edição
São Paulo



Copyright © 2017

Capa: Murillo Magalhães
Diagramação: Veveta Miranda
Revisão: Andreia Tonello e Fabiano Jucá

CIP – Brasil. Catalogação na Fonte
Catalogação pela editora.

G633s
Gomes, Andressa
Sapatilha Mágica/Andressa Gomes. São Paulo: Livros
Prontos Editora, 2017.

Biografia
ISBN

1. Romance Brasileiro I Título.

CDD B869.93

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte destas obras, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil

A meu amor, por não ser perfeito
mas, ainda assim: ser.
E para Lorenzo, o mais novo
membro da família.

Epígrafe

*“Eu não entendo que tipo de magia é essa que nos une
e ao mesmo tempo nos separa.”*

Marília Martins

Agradecimentos

A Deus, pois sem Ele eu nada seria. Sem seu cuidado, seu amor e sua forma de me amar a cada dia, eu jamais teria ideias tão mirabolantes e menos ainda as colocaria disponíveis em palavras.

Agradeço à minha família: meu esposo, meu filho, meus pais. Todos que me deram apoio ou me ajudaram sempre quando precisei me trancafiar pra escrever. Vocês são maravilhosos!

Agradeço aos meus amigos da vida, pessoas que deram uma chance ao ler esse livro, pessoas que gosto e que admiro desde muito tempo e agora sabem desse pedacinho da minha vida.

Agradeço aos meus amigos virtuais, do Wattpad, do Facebook, que também deram uma chance a esse livro e me ajudaram a divulgar e a crescer na plataforma.

Agradeço às amigas que se tornaram personagens. Desde o começo, quando as inseri na história, não foi pensando em tê-las como leitoras até o fim, foi apenas pelo carinho e pelo apoio que cada uma demonstrou por mim ao apresentar esse livro. Obrigada a todas, vocês são especiais demais pra mim.

Agradeço à editora Livros Prontos por confiar na minha história e dar uma chance para que ela fosse impressa, como sempre sonhei.

Agradeço a todos os leitores, vocês são anjos na minha vida! Deus me presenteou com os melhores leitores que eu poderia ter. Dedico cada linha desse

livro a vocês.

Agradeço à Lorena e ao Lorenzo, por serem personagens tão falantes na minha cabeça. Vocês não têm noção das coisas que Lorena me contava, me fazendo rir e gargalhar sozinha antes de escrever. E Lorenzo? Eu queria esganá-lo algumas vezes, mas ele sobreviveu e no fim mostrou o fofo que é. Obrigada.

Por fim, agradeço a cada pessoa que está segurando agora esse livro. Você é fundamental na realização desse sonho!

Muito obrigada!

Andressa Gomes

Sumário

[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)
[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo Sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)
[Capítulo Dez](#)
[Capítulo Onze](#)
[Capítulo Doze](#)
[Capítulo Treze](#)
[Capítulo Catorze](#)
[Capítulo Quinze](#)
[Capítulo Dezesseis](#)
[Capítulo Dezesete](#)
[Epílogo](#)



Capítulo Um

Xô preguiça! Xô preguiça! Não venha aqui me atrapalhar...

Pulei da cama — como todos os dias — às 6 da manhã, pronta e animada, disposta para começar minha corrida matinal.

Vesti meu blusão e minha calça *legging* preta enquanto “Xô preguiça”, da Eliana, tocava na minha *playlist*. Podem rir, não ligo. Desde os meus 9 anos essa música é a única que me tira da cama imediatamente ao tocar. Parece estranho uma mulher feita, de 24 — quase 25 — anos na cara, despertar todos os dias com uma música infantil, mas contra fatos não há argumentos.

Aqueci um pouco em casa ainda, fazendo uns agachamentos e alongamentos. Quando acabei, preparei meu suco detox à base de limão e água e ingeri tudo de uma vez.

O dia estava fresco e o sol ainda bem fraco, devido ao horário de verão. Correr me ajuda a aliviar o estresse e me preparar para um dia cheio. Sentia-me leve, como se o peso do dia anterior tivesse despencado dos meus ombros enquanto corria pela manhã.

— Droga! — Fechei os olhos por dois segundos e acabei por tropeçar em uma pedra.

Pronto. Meu tornozelo agora dói e preciso diminuir a intensidade da corrida — pensei.

Mudei para uma caminhada, ainda ouvindo músicas no meu iPod. Minhas músicas matinais são quase em sua totalidade eletrônicas, uma ou outra mais lenta apenas pra dar aquele ar de reflexão e uma quebrada no ritmo.

Lembrei que teria aula de balé infantil pra dar, mais tarde. Com esse tornozelo quase torcido não seria fácil, mas eu consigo. Difícil algo na vida me abalar.

Pensando em vida abalada, lembrei-me de minha mãe. Ficou grávida de meu irmão tão cedo e não pôde aproveitar muito da vida. Hoje ela é daquelas donas de casa não realizadas que vivem pra marido e filho. Tadinha, pelo menos eu dei sorte e nasci na melhor época da história para a independência das mulheres. Moro sozinha, tenho meu emprego, sou valorizada na minha profissão e não penso em homem tão cedo na minha vida.

Sim, eu sou feliz!

Finalizei minha caminhada tranquila parando em uma lanchonete perto de casa. Aqui é o melhor lugar pra tomar café da manhã. Adoro o pão de queijo que os Mirandas fazem. “Miranda Lanches” é o nome do local, compareço quase todos os dias, apenas não todos para que eu não engorde muito, senão minhas corridas perdem o sentido.

— Bom dia, Laura, me prepara 100 gramas de pão de queijo, por gentileza?
— pedi à atendente.

— Acaba de sair do forno, vou pegar pra você, Lore — Laura disse, sorridente.

Todos aqui me conhecem, e já sabem que sempre chego na hora exata em que os pães de queijo estão saindo do forno.

Peguei a sacolinha de papel com meu alimento da manhã, recoloquei meus fones de ouvido, agora plugados na música “Can’t stop the feeling”, cantada por Justin Timberlake, e saí dançante da lanchonete, sem fazer muito esforço por causa do tornozelo.

No meio do caminho, decidi parar na beira da calçada — devido à torção — para abrir meu saquinho e pegar mais um pão de queijo com calma, quando uma moto passou de raspão em mim, encostando o retrovisor de forma abrupta no meu braço, me fazendo perder o equilíbrio e soltar o saco da mão. Resultado: todos os meus pães de queijo caíram no ralo, literalmente.

— Ei! Não olha por onde anda, maluco?!!

O louco — ou louca — da moto parou um pouco adiante, apoiou os pés no asfalto e trouxe a moto de ré lentamente, até me alcançar.

— Do que me chamou, garota? — indagou, prepotente.

— Olha só — disse, apontando o indicador na frente do visor do capacete —, por pouco você não me atropela e causa um acidente feio! Eu perdi todos os meus pães de queijo fresquinhos graças à sua irresponsabilidade. Olhe por onde anda, garoto!

Era um garoto, pelo menos a voz dele denunciava.

Ele respirou fundo, levou a mão até o capacete e o retirou lentamente.

Naquele momento eu me senti em uma cena de filme, onde o mocinho, preocupado, finalmente mostra seu rosto detrás do capacete e faz de tudo pela vítima.

Mas não foi isso que aconteceu.

Aquele garoto — olhando bem, parecia mais um homem — arqueou suas sobrancelhas bem grossas e másculas, fazendo seu cenho franzir de leve, junto com um meio sorriso debochado.

— Não era eu quem estava na beira da rua — passou a mão nos cabelos, negros como toda a sua roupa, e os jogou para trás —, e sinto muito pelos seus pães de queijo. Quer que eu pague?

Abusado!

Estava zombando de mim!

— Acha que não posso pagar por *pães de queijo*? A questão não é essa, eu podia ter morrido! — exclamei, indignada.

Ele soltou uma gargalhada aberta, mostrando seu sorriso perfeitamente alinhado. Seus olhos o acompanharam, fechando-se durante o sorriso e pequenas covinhas deram “oi” nas suas bochechas.

Ele não é feio, mas também não é nenhum Thiago Lacerda da vida.

Sim, eu acho o Thiago Lacerda muito bonito e charmoso. Aquele homem não envelhece nunca!

Agora... Esse motoqueiro aqui seria fofo, se não fosse estúpido.

— Ai ai... Mal cheguei e já arrumo uma confusão pra lista — disse, olhando pro céu, falando consigo mesmo.

Eu estava de braços cruzados, esperando pelo menos um pedido sincero de desculpas.

— Tchau, pão de queijo! — Colocou o capacete, deu partida na moto e desapareceu pista afora.

E eu?

Eu ainda fiquei ali, com cara de tacho, sem meus pães de queijo nem meu pedido de desculpas.

Cheguei em casa só às 9 da manhã. Precisava estar na Gran Plie às 10. Liguei para minha mãe a fim de desejar um bom dia, como sempre faço.

— Bom dia, filha! — dona Estela me atendeu.

— Bom dia, mãe! Como a senhora vai?

— Feliz, alegre e contente, pois amanhã você fará 25 aninhos!

— Grande coisa, mãe, são apenas números. Dormiu bem? — rolei os olhos e falei entediada.

— Sim, filha! Estou organizando um jantar pra você aqui amanhã.

— Pra que jantar? Sabe que nunca comemoro aniversário.

— Porque esse aniversário será o divisor de águas da sua vida! Te espero amanhã!

E desligou.



Estava naquele exato momento na minha casa me aprontando pro tal jantar. Agora perguntem o nível de animação da minha pessoa...

Numa escala onde zero é a *Kristen Stewart* e seu rosto de sonsa em toda a saga Crepúsculo, e dez é a *Grazi Massafera* na época do BBB — meu Deus, aquela mulher não parava de mostrar os dentes! —, talvez eu estivesse quase sendo confundida com algum parente da *Kristen*, apesar de eu ser morena com cabelos longos e não branca como papel, muito menos um alvo fácil para Edward, o vampiro brilhante.

Mas como na nossa vida existem anjos da guarda, posso afirmar com toda certeza que possuo os meus. Isso mesmo, produção! Sou diferente e não tenho apenas uma melhor amiga, e sim SEIS para desabafar e me ajudar em situações catastróficas, como o meu jantar.

Como eu faço isso?

Simples, divido os segredos por tema e conto separado para cada uma. Todas são especiais e ficar repetindo segredo pra seis amigas é meio cansativo, então prefiro que uma passe para a outra. Por exemplo, a Raquel foi a primeira a chegar na minha vida. Aquela maluca é meio surtada e quando me liga não precisa nem se identificar, pois já reconheço quando ouço “*migaaaaaaaaaaaa divaaaaaaaaa*” do outro lado da linha. Pra *Quel* eu conto todas as minhas mancadas e micos do dia. Ela também comete vários e sempre me entende e me conforta.

E a Alice? Ela é mais séria, um enigma. A Alice tem mania de comemorar tudo que consegue na vida e do jeito que ela é esforçada, dá para imaginar a quantidade de comemorações que já tivemos dentro de 6 anos de amizade? Não imagina? Bom... darei apenas dois exemplos: término com o ex-namorado sem chorar e conseguir dar o fora no cara mais galinha da faculdade. Para mim, isso são coisas comuns, mas para Alice, dignas de comemoração. A espevitada adora uma festa!

Já a Eduarda, a Duda, é a mãezona do grupo. Sabe aquelas pessoas que dizem a coisa certa no momento ideal? É ela. Mas não se enganem, ela também entra no grau de surtadas, afinal, pra estar no mesmo ambiente que eu e as outras meninas tem que ter pelo menos uma leve insanidade mental (ou demência). Duda tem um filho de 4 anos chamado Pietro. O garoto é um anjo como o pai, mas quando vem com ela aqui pra casa, *Jesus acende a luz*, porque o menino pinta os setenta e ninguém vê. Fora isso ele é um fofinho, me chama de tia Lô e me dá altos beijinhos na bochecha. Duda não sabe, mas eu já ensinei o garoto como se conquista as menininhas. O menino será um *gentleman*!

A Anna, a Aninha, é a mais nova do grupo, porém não menos inteligente. Aquela garota dá chinelada quando o assunto é papo nerd. Juro que se me perguntarem alguma coisa sobre o que aprendi na escola ou sobre a história por trás dos filmes que assisto, terão o som do grilo como resposta. A garota sabe tudo! Tem apenas 20 anos, mas é a leitora mais voraz que eu já conheci.

A Emily e a Maysa são as amigas “*tô chegando*”, mas nunca chegam, são *superenroladas*, porém muito dedicadas à nossa amizade. É engraçado pensar nas duas de uma vez, mas é porque elas vivem juntas, pois dividem o apartamento. Adoro as dicas de moda da Emy, e a May é a *workaholic*¹ mais pirada que conheço. As duas são maravilhosas e umas fofas também.

Todas as seis estavam ali, naquele exato momento na minha casa, me ajudando a selecionar roupas e acessórios pra minha “comemoração”.

— Gente, eu já disse que esse é o que está em alta! — Emy falava, segurando meu top *cropped*.

— Mas é um jantar, algo mais sofisticado, acho que esse vestido ficaria maravilhoso — Anna retrucou, segurando meu vestido tubinho vinho.

— Pietro, volta aqui, garoto! — Duda correu atrás do filho, que pegou todas as minhas bolsas e colocou nos ombros.

— Vou vender e ficar rico, mamãe! — ele falou, orgulhoso.

— Gente, mais fácil fazer *uni-duni-tê*, não é? — May se manifestou, sentada à beira da minha cama.

— A hora está passando e eu estou me coçando pra ir logo para essa festa, Lore! Escolhe logo alguma coisa, por favooooooooor! — Alice me apressava do seu jeitinho ansioso.

— Gente, calma. Acho melhor fazer o seguinte — disse e rolei os olhos pelo quarto, procurando a integrante ausente das *Batgirls* (nosso nome secreto). — Queeeeeeeeel!

Uma Raquel alinhada em um vestido leve apareceu na minha porta, com um saco de batatas *Ruffles* na mão e olhar questionador.

— O que é? — perguntou e jogou mais batatas na boca.

— Todo mundo quebrando a cabeça e você comendo? Não vai comer nada no jantar, já estará com estômago cheio! — adverti.

Ela terminou de engolir e abaixou o saco de batatas. Olhava-nos séria.

— Eu não contei pra vocês?

Pronto. Sabe a frase mágica que causa o silêncio mortal no ambiente? É a frase “Eu não contei pra vocês?”.

Na cabeça de cada uma de nós já tinha a possibilidade de uma tragédia, no mínimo. Na minha passava um tsunami acasalando com o furacão Katrina, que devastava tudo e todos e me impedia de ir ao jantar.

— Fala logo, mulher! — gritei.

— Eu não tenho fundo. Isso tudo vai embora daqui a pouco, relaxa que tem espaço pra mais — disse naturalmente, como se não tivesse feito um suspense de

propósito, quase matando-nos de curiosidade.

— *Ahhh*, sua maluca! — nós cinco gritamos ao mesmo tempo, ela riu e saiu do quarto avisando que esperaria na sala.

Alguns minutos depois, consegui terminar de me arrumar e logo estávamos todas a caminho da casa da minha mãe, divididas em três carros. O meu, o de Duda e o de May.

Chegamos juntas e meus pais nos receberam com abraços e sorrisos na sala de estar.

Depois de todas nós estarmos devidamente sentadas, começamos a conversar sobre coisas interessantes — pelo menos pra meus pais —, como trabalho, crise financeira, fim do *brangelina*² e coisas do tipo.

A campanha tocou e minha mãe deu um pulo da poltrona.

— Deve ser seu irmão! — disse, animada, batendo palmas.

Mas... Meu irmão não mora no Brasil. O que ele fazia aqui no dia do meu aniversário de 25 anos? Seria tão importante assim que até ele tinha de estar?

— Meu filho lindo! Que saudade! — exclamou ao abrir a porta, exagerando na recepção.

Vi meu irmão entrar e, ao lado dele, uma mulher branca de cabelos pretos, muito bonita — deve ser a namorada que ele tanto fala por e-mail —, acompanhando-o. Os dois entraram e minha mãe começou a fechar a porta, mas foi impedida.

Quando a porta se abriu novamente, eu, que estava bebendo meu suco de caju — porque minha mãe é contra bebidas alcoólicas —, entornei uma grande quantidade no meu vestido, pois o susto que levei olhando para a imagem pairando à porta da casa da minha mãe, em pleno dia do meu aniversário, não poderia resultar em nada menos que isso.



Se o destino fosse uma pessoa, eu apostaria a minha coleção de DVDs com

as melhores séries e filmes de todos os tempos — sou viciada, confesso — que ele seria um velhinho turrão, barbudo e ranzinza. Um desocupado que decidiu olhar pra mim pela primeira vez nessas últimas quarenta e oito horas.

Além de me olhar, deve ter coçado a barba gigante e analisado toda a minha vida antes de dizer:

— Tá na hora das coisas darem errado pra ela! Vou dar uma estragada de leve na sua vidinha perfeita, estou vendo alegria demais. Vida, pra ter emoção, precisa de sofrimento!

Porque vou te contar...

Tornozelo torcido, pães de queijo perdidos, quase atropelamento, jantarzinho de aniversário e suco de caju no vestido estão na lista de acidentes para pessoas azaradas, com toda certeza!

Mas o pior não foi isso... Ah... Não foi mesmo.

Foi a visão da pessoa que eu menos esperei ver novamente, logo ali, na porta da casa da minha mãe.

Mas, Lorena, você é muito dramática! Até parece que isso tudo que houve com você foi arquitetado por um velhinho barbudo que tudo vê!

Pode não ter sido, mas, gente! É inacreditável a frequência de desastres na minha vida, se for analisar somente as últimas quarenta e oito horas. Nunca aconteceu algo igual.

Nunca!

Jamais!

Jamé!

Never!

Ps: Ainda estava encharcada de suco de caju, boquiaberta, olhando pro cara na porta.

O MALDITO MOTOQUEIRO ATROPELADOR DE MULHERES COMEDORAS DE PÃES DE QUEIJO!

— Está tudo bem, amiga? — Duda, posicionada ao meu lado, cochichou no meu ouvido.

Afirmei com a cabeça.

— Quer ajuda pra trocar a roupa? — ofereceu.

— Quero, vamos lá — respondi e me levantei com Duda, que deixou Pietro com Anna.

Subi as escadas sem atrair olhares, enquanto o burburinho da chegada do meu irmão e *companhias* retinha toda a atenção das pessoas.

Entrei no meu antigo quarto, onde minha mãe ainda guardava algumas roupas minhas para quando eu viesse visitá-la, e abri o armário.

Duda cruzou os braços e me olhou desconfiada, enquanto eu mexia nas roupas.

— Desembucha — disse.

Parei e foquei meus olhos nos dela.

— Como assim?

— Pode parando, sabe que a mim não engana. O que houve pra do nada ficar desastrada? Fora que fiquei sabendo pela Quel os desastres de ontem. O que tá acontecendo contigo?

Respirei fundo.

— Não sei. Não faço a mínima ideia. Deve ser coisa do velho barbudo!

— Mas que...?

— O destino! — cortei-a. — Ele está zombando da minha cara!

Ela começou a rir.

— Lorena, não vem com essa. Sério... Está tudo bem? — perguntou, preocupada.

— Ah, Duda... O tal do motoqueiro de ontem, lembra?

Ela rolou os olhos pro alto, como se buscasse na memória.

— Ah, sim! O que te apelidou de “pão de queijo”?

Bufei.

— É. O próprio. E ele está agora na sala, lá embaixo.

— Mentira! — Abriu a boca em espanto.

— Verdade. — Peguei um vestido que ainda cabia em mim e me troquei rapidamente.

Descemos juntas. Pedi a Duda que não falasse nada para as meninas, quis tentar fingir que nada aconteceu. Se bobear, ele nem deveria lembrar de mim.

— Filha! Vem conhecer a namorada do seu irmão e o irmão dela! — Meu pai me chamou, animado, enquanto eu descia as escadas. Sorri e caminhei até eles. Duda voltou para o sofá onde as outras meninas estavam.

— Esta é a Leonora, namorada do seu irmão. — Meu pai fez as apresentações.

Dei um beijo em seu rosto e sibilei “prazer”. Ela fez o mesmo. O sotaque dela é espanhol, mas fala português muito bem.

— Este é o irmão dela, Lorenzo. — Apontou para o motoqueiro, que antes estava atento a algo que meu irmão dizia, porém, ao ouvir seu nome, virou e me olhou.

Os olhos dele se arregalaram levemente ao me ver.

— Prazer, Lorena. — Estendi a mão, sugerindo um aperto.

Ele sorriu — aquele sorriso debochado que acredito ser natural dele — e puxou minha mão, aproximando-se do meu rosto, beijou uma bochecha e, quando foi beijar a outra, se aproximou de meu ouvido.

— Prazer... Pão de queijo. — E beijou minha outra bochecha.

PS mental: Ele não tem sotaque.

Droga, droga, droga!

Tentei não corar — em vão —, pois a proximidade daquele homem todo de preto com um perfume francês destruidor de olfatos e viciante ao extremo me fez ruborizar na velocidade da luz.

Sorri sem graça depois que ele se afastou e me retirei do local.

Sentei entre minhas amigas, mas minha mãe não me deixou interagir com elas por muito tempo.

— Filha, vamos lá no quarto por um instante?

Levantei e subi novamente.

Chegando lá, dona Estela me pediu para esperar e foi até seu quarto. Voltou em instantes com uma caixa na mão.

— Filha, eu queria te contar antes sobre isso, mas a regra é apenas aos vinte e cinco anos.

Oi?

— Sobre o que, mãe?

Ela sentou ao meu lado na cama e abriu a caixa.

Uau.

Dentro dela se encontrava um par de sapatilhas.

Não... Não eram sapatilhas que qualquer mortal usaria, eram AS SAPATILHAS!

Acetinadas, rosas, com pequenos cristais cravejados pelo tecido, fazendo-as brilhar quando a luz atinge. Limpas, completamente feitas à mão e maravilhosas. Não acredito que ainda fabricam modelos tão bem feitos como esse atualmente.

— Essas sapatilhas estão na nossa família há muitas gerações. Foram fabricadas em 1720 pela madrinha da nossa antecedente. São diferentes, não podem ser usadas para dançar.

— Mas então pra que serve, se não poderei dançar com elas?

— Aí é que está. Elas têm poderes mágicos.

Para tudo.

Se eu estivesse bebendo algo, teria cuspidido na cara da minha mãe naquele instante.

Comecei a gargalhar alto.

— Qual a graça? — Mamãe perguntou.

— Você aí contando historinhas de criança. Não sou bebê, mãe! Nem vejo mais os filmes dos clássicos da Disney! — Mentira, eu ainda vejo alguns secretamente.

Ninguém precisa saber que eu acredito em contos de fadas, não é?

Acho bom.

— Filha, é real. Quando eu fiz vinte e cinco também não acreditei, mas então as usei e...

— E...?

— Aconteceu — complementou.

Odeio esse suspense.

— O que aconteceu, mãe?

Ela puxou uma boa dose de ar aos pulmões antes de soltá-los lentamente e me olhar fixamente.

— Você retorna por uma hora inteira no tempo — disse, como se estivesse afirmando que o céu é azul.

— Uma hora inteira? E... As pessoas percebem?

— Não, ninguém lembra da última hora, apenas você. Mas para usar você precisa estar em um local fechado onde ninguém possa te ver usando a magia. Um banheiro, um quarto... Ninguém pode ver, senão não funciona. E, por favor — ela segurou minha mão —, não conte a ninguém, nem às suas melhores amigas. A magia pertence apenas à nossa descendência, não há como provar a ninguém, a não ser usando-a. Apenas nós podemos usá-la.

— Como faço, então, pra testar?

— Calce as sapatilhas e fique nas pontas dos pés. Feche os olhos por cinco segundos e os abra novamente. Pronto, voltará para uma hora antes do momento atual.

Não esperei ela dizer mais nada. Peguei as sapatilhas, corri pro banheiro e as calcei.

Cruzei as pernas numa posição de dança e me coloquei nas pontas dos pés enquanto fechava meus olhos.

5

4

3

2

1

Abri.

- 1. Workaholic - viciada em trabalho***
- 2. Casamento de Brad Pitt e Angelina Jolie***



Capítulo Dois

Lá estava eu, dentro do banheiro, estática, um pouco tonta e enjoada — não me informaram os efeitos colaterais —, porém pronta para verificar se tudo deu certo.

Retirei as sapatilhas, fui ao meu quarto e as guardei na caixa. Calcei meus sapatos e desci lentamente as escadas rumo à sala de estar. Meus olhos correram pelo ambiente e vi que minhas amigas ainda estavam entretidas com o meu pai. Meu irmão, sua namorada e o motoqueiro cheiroso não estavam ali, provavelmente ainda não haviam chegado. Sentei ao lado de Raquel no sofá.

— Eu também fiquei chocada com a notícia do término deles! Sempre os achei um casal tão fofo! — Alice comentou sobre brangelina.

Minha mãe surgiu na sala com uma jarra de suco de caju e copos em uma bandeja. Começou a servir e quando chegou a mim, não disse nada, apenas sorriu e me serviu.

Realmente ela não mentiu quando disse que apenas eu me lembraria da última hora.

A conversa fluía tranquilamente e então a campainha tocou.

— Deve ser seu irmão! — Minha mãe disse, alegre.

Sei que é ele, mãe. Junto com a namorada e o assassino de pães de queijo.

Aconteceu tudo como da primeira vez. Eles entraram, minha mãe fechou a porta, o motoqueiro — o tal do Lorenzo — entrou por último, assustando minha mãe (de novo). Cumprimentaram a todos e se acomodaram na sala.

— Amiga, você está bem? — Eduarda caminhou e sentou ao meu lado.

Dessa vez não derrubei o suco. Ah, estava com meu vestido anterior.

— Sim, Duda, está tudo ótimo, não poderia ficar melhor!

Ela me lançou um olhar desconfiado, porém assentiu e voltou ao seu lugar de antes.

Conversa vai, conversa vem, meu pai parou de tagarelar qualquer coisa que fosse e chamou meu irmão e seus amigos.

— Como cresceu, filho! Como tem sido na Espanha?

Ah, é daí que veio o sotaque da Leonora.

— Tudo perfeito por lá, pai! Estava morrendo de saudades de vocês. — Virou pra mim, ainda de pé, bebendo suco. — Maninha, como se sente finalmente com vinte e cinco anos?

Parei de semicerrar os olhos que estavam atentos a tudo e a todos — inclusive Lorenzo —, e os foquei em meu irmão.

— Melhor impossível! É como rejuvenescer ao invés de envelhecer — disse, animada.

— Ou como voltar no tempo, né? — ele disse, arqueando uma sobrancelha desafiadora.

Meu irmão sabia da magia? Como assim?

Olhei os outros rostos, estavam todos atentos a mim.

O motoqueiro também estava atento a mim, em silêncio.

Minha mãe pigarreou, salvando a pátria.

— Bom... Fiquem à vontade, podem comer o que quiserem. O jantar está servido. — Olhou para mim. — Filha, vamos lá em cima um pouco?

Assenti.

Subimos e fomos ao meu quarto.

Sentei na cama e ela viu as sapatilhas na caixa, em cima dela.

— Ah, você usou — afirmou.

— Sim! — exclamei, animada. — E é incrível, mãe... Meu Deus!

— Te falei tudo sobre elas ou você mal me escutou e já saiu correndo para usá-las?

Meu sorriso fechou um pouco.

— Me conhece, né? Saí correndo. — Corei.

— Pois então preste atenção. — Observei-a com atenção. — Regra número um: deve esperar um intervalo de duas horas após usar a sapatilha, para que possa usar novamente. Regra número dois: cuidado com os lugares onde a usa, para não perdê-la. Regra número três: você não pode se tornar dependente da magia, senão ela castiga você. Regra número quatro: a magia durará até sua filha completar vinte e cinco anos. Regra número cinco: não conte sobre a magia a ninguém, em hipótese alguma.

— Uau. São muitas regras. Meu irmão sabe, né?

Ela passou a mão na cabeça, num gesto desconfortável.

— Tive que contar. Ele percebia a minha reação algumas vezes, quando eu já sabia as coisas antes de acontecerem. Claro que nunca achou que fosse magia,

mas acabei revelando tudo e ele achou o máximo. Por isso está aqui hoje, ele quis estar nesse dia importante. Dante está de férias do curso lá na Espanha e passará uns dias aqui.

— Vou falar com ele depois, com calma, então. E quem são aquelas pessoas com ele?

— Para de fingir que não sabe — ela riu. — Sua namorada e o irmão dela. Vamos descer, já sabe o que precisa saber.

Descemos e a cena do meu pai me chamando para conhecer a namorada do meu irmão se repetiu. Na hora em que Lorenzo puxou minha mão e ameaçou beijar minha bochecha, fui surpreendida.

— Prazer, Lorena — ele disse e eu fiquei sem ação.

Não era pra ele ter me chamado de pão de queijo?

Assenti me afastando e não corei mais, apesar de ainda sentir um aroma vindo dele, que me enfeitiçava. Pedi licença para chamar minhas amigas para o jantar.

A janta fluiu tranquilamente, meu irmão Dante contava suas aventuras na Espanha, sua namorada estava muito simpática, porém silenciosa. Lorenzo também quase não falou, mas percebi que ele me olhou algumas vezes.

Ao encerrar o jantar, as meninas ficaram um pouco mais, depois se despediram e foram cada uma para sua casa. Eu avisei que dormiria ali naquela noite, pois minha mãe quase me implorou pela manhã ao telefone.

Dona Estela avisou que não acordaria cedo no dia seguinte, então pediu para que eu fizesse silêncio ao sair. Meu irmão e sua namorada dormiriam no quarto dele e Lorenzo no quarto de hóspedes. Desejei uma boa noite a todos e me recolhi, a fim de dormir.

Xô preguiça tocou às 6 da manhã, como todos os dias, mas decidi não correr. Como estava na casa da minha mãe, preferi acordar lentamente e tomar um café da manhã reforçado antes de ir ao trabalho.

Levantei-me e entrei no banheiro do quarto para tomar um banho quentinho. Estava bastante frio e com certeza isso me afetaria, pois não havia trazido nenhum casaco.

Saí do banho, vesti uma roupa simples do meu armário e desci as escadas rumo à cozinha. Todos ainda dormiam, pelo menos aparentemente.

Enquanto preparava o café, ouvi o barulho da porta da frente ser aberta. Pouco tempo depois a pessoa responsável pelo barulho adentrou a cozinha.

Era Lorenzo, novamente todo de preto, com algumas sacolas nas mãos.

— Bom dia — disse a ele.

— Bom dia. — Aproximou-se e depositou as sacolas sobre a mesa. — Não te parabeneizei ontem.

Ele mexeu em uma das sacolas e pegou um saquinho. Estendeu a mim.

— Feliz aniversário atrasado — sorriu.

Eu, hein... Nem estava mais parecendo o babaca que me atropelou.

Quando abri o saquinho, a ironia.

Pães de queijo.

Sorri e agradei.

Sentamo-nos à mesa e tomamos café em silêncio.

— Então... Você não é tão ruim — soltei.

Ele sorriu de canto e bebeu um pouco de café.

— Talvez. Você não me parece uma histérica louca — Lorenzo rebateu.

— Ótimo. — Não tinha mais o que falar. — Bom, acho que já vou. Tenho que passar em casa antes do trabalho.

— Quer carona? — ofereceu, solícito.

— Não. Estou de carro, obrigada.

Retirei-me de lá após terminar meu café e comer todos os pães de queijo. Peguei minhas coisas, inclusive as sapatilhas, e saí da casa.

Guardei tudo no banco de trás do carro e me sentei à frente. Dei partida.

Nada aconteceu.

— Ah, não... Mais uma coisa pra lista de azar, não!

Tentei novamente e mais uma vez, porém o carro não ligava.

Não sei quanto tempo fiquei tentando ligar o carro, mas logo vi Lorenzo sair da casa e começar a se aprontar para sair com sua moto.

— Velhinho barbudo, você me paga! — gritei ao céu.

Saí do carro com pressa e gritei o nome dele, que parou antes de encaixar o capacete e me olhou espantado. Eu me aproximei.

— Aceito a carona.



Admito que nunca andara de moto, então podem imaginar a dor de barriga que me deu ao aceitar a carona de Lorenzo, ainda mais tendo plena consciência de que dois dias atrás ele quase me atropelou.

Ele pegou o capacete, que estava quase sendo encaixado na sua cabeça, e me estendeu.

— Toma. Mas acho melhor prender — disse, fazendo um movimento rolando o indicador na direção do meu cabelo.

— Ok. — Obedeci e coloquei o capacete.

Um vento frio soprou no momento em que me aproximei da moto para subir e estremei de leve, pois a imbecil aqui não pegou nenhum casaco.

Antes que eu percebesse, Lorenzo retirou sua jaqueta de couro preta e me entregou, ficando apenas com uma blusa de algodão, também preta, com mangas longas.

Não costumo reparar, mas a blusa deu uma marcada de leve no seu tórax quando ele tirou o casaco. Enfim... Aceitei o mesmo e subi na moto devidamente agasalhada.

Fiquei indecisa sobre como me segurar. Ele percebeu minha indecisão antes de dar partida, virou seu rosto de leve para trás e sorriu.

— Pode agarrar minha cintura com força, não sou o lobo mau — disse.

Agarrei-o e partimos.

Por um momento eu quis usar a sapatilha que estava na minha mochila, nas costas, para voltar anos — se fosse possível — no tempo e ter aprendido a pilotar motos. A sensação de liberdade e leveza que senti quando o vento bateu em meu corpo e a forma como a moto deslizava na pista era como correr pela manhã. Revigorante, porém bem mais rápido. Desliguei-me por alguns minutos de tudo e de todos, apreciando o momento.

— Vai pra onde? — Lorenzo perguntou em voz alta para que eu o escutasse, despertando-me dos meus devaneios.

— Ah, vou para casa. — Dei meu endereço e ele seguiu.

Ao chegarmos à minha casa, desci da moto e me desmontei, retirando capacete e casaco delicadamente, cuidando para que minha mochila não sujasse no chão ao apoiá-la nos pés.

— Obrigada por tudo isso. Pães de queijo, carona, casaco, capacete... É... Obrigada. — Afirmei sem graça, pois o julguei mal quando ele quase me atropelou naquele dia.

— Tudo bem. — Começou a colocar o casaco.

Olhei meu relógio de pulso, percebendo que ainda era cedo, e decidi sondar mais do motoqueiro misterioso.

— Você mora há quanto tempo aqui? — Ele parou o que estava fazendo e me encarou. — Você não tem sotaque espanhol.

Decidi explicar para que ele não me achasse inconveniente.

— Dez anos. Me adapto rápido aos lugares — respondeu e encaixou o capacete.

— Tá bom então, assassino de pão de queijo. — Saiu sem querer, juro.

Percebi por dentro do capacete sua sobrancelha arquear pelo meu comentário. Ele se acomodou na moto e levantou a viseira.

— Se eu fosse assassino de pão de queijo, teria que te matar — disse, sério.

Ai meu Deus. Será que ele é um *serial killer*?

Abri a boca em espanto e levei a mão no peito, assustada com o que ele acabara de dizer.

— Vo... Você me mataria? — gaguejei.

Ele riu abertamente e balançou a cabeça em negativa, provavelmente achando engraçada a minha pergunta.

Eu não achei nenhuma graça!

—Tchau, pão de queijo — despediu-se ainda rindo, abaixou a viseira e se foi.

Eu, hein, homem doido!

Entrei rapidamente na minha casa e comecei a me arrumar para a aula que daria naquela manhã. Pensei seriamente em usar a sapatilha para apagar a vergonha que acabei de passar com Lorenzo, mas decidi esperar um momento

mais oportuno.

Cheguei na “Gran Pliè” às 10 horas, no horário exato em que dou aulas.

Minhas aulas são tranquilas e bem descontraídas. Após a aula para iniciantes no balé que ministrei, fui até a sala do diretor da escola de dança, pois recebi o recado de que ele precisava falar comigo.

— Bom dia, senhor Alfredo.

— Bom dia, Lorena, aproxime-se.

Eu me aproximei de sua mesa e me sentei na cadeira de frente a ele.

— Vou direto ao ponto, pois não gosto de rodeios. Você está demitida.

Hã?

Peraí, mundo! O que está acontecendo aqui? — pensei.

— Mas... Por que está me demitindo? — perguntei, chorosa.

— Tivemos que cortar funcionários. Estamos enfrentando uma crise no ramo do balé e diversas academias de dança estão fechando as portas. A Gran Pliè não pode fechar, então, para que isso não aconteça, cortaremos gastos.

Simples assim.

Mas eu moro sozinha, tenho meu aluguel pra pagar, minha comida pra comprar, minhas contas. Como vou sobreviver?

— E... Encerro agora? — perguntei.

— Sim. Todos os seus direitos serão depositados na sua conta em uma semana. Pode assinar aqui — mostrou um papel — o encerramento do nosso contrato.

Eu peguei o papel, li rapidamente e vi que estava tudo de acordo. Assinei e o devolvi, ainda atônita pela notícia.

— Pode ir. Obrigado pelo tempo que passou conosco — disse, seco.

Levantei, assenti com a cabeça e saí daquela sala do medo. A vida estava realmente me sacaneando e o tal do velho barbudo me provocava com força total.

— Vou sair dessa! Você vai ver, vou sair dessa! — gritei na rua, olhando pro alto.

— Eita, maluca! — ouvi alguém falar, passando por mim, mas ignorei.

Caminhei até minha casa, com a bolsa de balé nas costas e minha dignidade no rosto, mostrando a todos que me olhavam na rua que nada poderia me deter. Não seria uma maré de azar rogada por qualquer pessoa ou coisa no mundo que me faria desistir dos meus objetivos de vida.

Minha cara de durona durou apenas até eu passar a tranca na fechadura do meu apartamento, pois depois que estava finalmente em casa, desabei em lágrimas incessantes e intensas, gritando comigo mesma e com o nada, dizendo como estava odiando minha vida nos últimos três dias.

Senti-me a Cinderela quando era gata borralheira. Desprezada, humilhada, pobre.

Lembrei das sapatilhas. Corri até meu quarto e as peguei na caixa onde deixei pela manhã.

— Você não serve pra nada! — Joguei o par longe, no chão da sala. — Lixo de sapatilha mágica, lixo!

Peguei meu notebook e entrei em um site de empregos. Alguém já avisou pra esses criadores de site de empregos pagos que, se a pessoa quer emprego, ela não está podendo se endividar, pagando 60 reais trimestrais em um plano para cadastro de currículos?

Enfim, acabei por encontrar um site grátis e enviei meu currículo por e-mail para vários empregadores.

Passei um dia inteiro na bad.

No dia seguinte, após o almoço, fiquei na sala assistindo “The legends of tomorrow” até o fim da tarde, quando ouvi meu telefone tocar.

— Alô? — atendi.

— Senhorita Lorena?

— Sim.

— Gostaria de agendar uma entrevista de emprego para daqui a dois dias na academia “Clamp”, às 8 da manhã. A vaga seria para professora de dança de salão. Tem interesse?

Não sei tanto de dança de salão quanto balé, mas é o que temos pra hoje, certo?

— Sim, pode agendar.

Acho que finalmente o velhinho barbudo do destino sentiu pena de mim, ou cansou de me trolar.



Estava na tal academia da entrevista e percebi quantas pessoas eram matinais naquele lugar. O ambiente estava lotado de gente se exercitando e cuidando do corpo. A recepcionista, muito simpática, me atendeu e me encaminhou ao terceiro andar do prédio. Chegando lá, outra recepcionista me levou até a sala onde seria realizada a entrevista e lá estava eu, aguardando.

—Senhorita Lorena? — Um jovem senhor de aparentes 40 anos, porte empresarial e sorridente, entrou na sala.

— Sim — afirmei, devolvendo o sorriso.

Ele se sentou de frente para mim, com seu corpo separado do meu apenas pela mesa onde meu currículo estava em destaque.

— Vejamos... Você trabalhou por três anos na “Gran Pliè”, certo?

— Sim. Foi uma experiência excelente.

— Por que saiu de lá?

— Fui demitida por corte de gastos. — Decidi ser sincera.

— Entendo. A senhorita entende de dança de salão?

— Sim, entendo. Admito que minha rotina era o balé, mas danço de tudo um pouco e dança de salão é meu segundo favorito.

— Muito bem.

Ele decidiu me deixar dar uma aula teste remunerada no mesmo dia à noite e me liberou para conhecer o espaço e os funcionários do local.

Logo estava de volta ao primeiro andar, conversando com a recepcionista.

— Ah, você vai amar trabalhar aqui. É cada deus mitológico que aparece...
— Ela abanava o rosto com a mão.

— Não me incomoda ver homens bonitos, mas confesso que se tiver mulher chata como aluna irei me estressar rapidamente. — Brinquei.

— Ah, gata... Mulher chata aqui é normal. Apenas ignore.

Gostei dessa moça, descobri que se chama Luana, e combinei de conversar melhor com ela se eu fosse contratada. Ela me mostrou todos os cantos da academia e me apresentou aos professores e treinadores daquele horário. Disse-me que quando eu voltasse à noite já seria outra equipe, mas que a menina da recepção era nota dez e sabia o perfil psicológico de todos os empregados e clientes da academia.

Fiquei com um pouco de medo, admito. Que ser humano no mundo conhece todas as pessoas profundamente em seu ambiente de trabalho? Eu acho que Luana quis dizer, de maneira sutil, que sua colega do turno da noite era fofqueira.

Enfim...

Voltei pra casa, almocei, passei o dia vendo séries e lendo livros até dar a hora da aula teste da noite. Um pouco antes de eu tomar banho e me arrumar, coloquei uma música animada pra tocar e treinei passos de dança de salão para a aula que daria.

Meu carro ainda estava na casa da minha mãe, parado por falta de bateria. Precisava colocar uma nova e eu ainda não tinha recebido o suficiente para isso. Eu não podia cogitar mexer na minha poupança.

Peguei minha mochila com as sapatilhas mágicas — já tínhamos feito as pazes —, meus itens pessoais e fui pegar um ônibus.

Os dias andavam chatos e monótonos. Estava torcendo para que eu fosse aprovada na aula teste.

Chegando lá, conheci Gianne, a secretária sabe-tudo.

— Oi! Você veio para a aula teste como nova professora?

— Sim.

— Olha, passa direto por esse corredor e entra na última sala. Tem uns homens muito sarados treinando do lado de lá, mas são os mais reservados, eles não gostam muito de plateia, então finge que não viu e passa direto.

Que esquisito.

— Ok — Só me restou aceitar.

Segui direto para a última sala e aguardei o tal dono da academia.

Ele chegou 10 minutos depois e liberou minha aula. Duas meninas estavam lá como alunas enquanto ele me avaliava.

Foram 40 minutos de aula e, pelo que eu esperava, devia ter ido bem. Mas descobri que isso não aconteceu. Otávio, o dono da academia que me avaliou, apontou diversos pontos negativos onde precisaria melhorar e disse o que eu

deveria ter feito.

Pedi licença para ir ao banheiro.

Fui na velocidade do Flash para o banheiro no outro corredor, não sem antes arriscar uma olhada pelo vidro da sala de treinamento dos homens reservados, que Gianne mencionou. Não fiquei espantada quando avistei Lorenzo lá dentro, malhando em silêncio, suspendendo pesos, vestido numa bermuda folgada preta e sem blusa — o destino está me fazendo encontrá-lo de qualquer forma.

Ok, o abdômen dele é absurdamente sarado, entendi.

Decidi não perder tempo. Entrei no banheiro, calcei as sapatilhas e em instantes retornei uma hora no tempo, me dando 20 minutos de sobra antes da avaliação na aula teste. Retornei até a recepção e falei com Gianne.

— Fui ao banheiro rapidinho. Gianne, me diga uma coisa: você conhece aquele homem? — aponte para Lorenzo.

— Lorenzo Ascuero, 29 anos, solteiro, espanhol e suspeito de que sua profissão seja algo como agente do FBI, pois nunca o vejo pelas ruas com frequência. Passou um tempo na Espanha e retornou essa semana. Calado, reservado e sério. Nunca dá bola pra nenhuma mulher que se atira nele. Ouvi boatos de que a enfermeira que faz os exames médicos daqui da academia já foi pra cama com ele. Não posso garantir nada.

— Nossa... Ele não tem amigos? Não fala com ninguém?

— Pelo menos aqui não. Sempre o vejo calado. Entra mudo, sai sem boca — ela afirmou, cochichando, levando o polegar e o indicador unidos aos lábios como um zíper.

— Obrigada, Gianne, vou lá pro meu teste.

Ela sorriu. Realmente sabia tudo de todos. Fiquei espantada.

Meu teste correu bem, dessa vez, e consegui a vaga. Começaria na semana seguinte e saber que não estava mais desempregada me animou de uma forma descomunal.

Ao sair da academia, me despedi de Gianne, mas percebi que Lorenzo estava saindo da tal sala de vidro e vindo em direção à recepção.

Ele não me pareceu suado nem sujo. Devia ter tomado banho, pois até trocou de roupa.

Ah, sim, tomou banho, pois ele acabava de entrar na recepção e seu aroma me invadiu.

Lorena, Lorena... Acho bom parar de cismar com esse cara.

Mas eu estava tão animada, que talvez nem ser chamada de pão de queijo me irritasse.

Ele percebeu que eu estava de pé, com roupa de dança, apoiada com a mão no balcão da recepção e arregalou os olhos em reconhecimento. Caminhou até mim.

— O que faz aqui? — perguntou, ríspido.

Acho que me enganei quando disse que nada me irritaria.

Esse tom de voz grosseiro dele já me irritou.

— Trabalhare aqui a partir da semana que vem — respondi, ainda calma.

— Hum — disse e passou a mão na nuca, olhando para os lados. — Já vai embora?

— Sim, por quê?

— Por nada. Está com seu carro? Quer carona? — Cruzou os braços.

Estava achando as reações dele um pouco estranhas. Estava parecendo nervoso, não sei.

— Tudo bem — respondi, um pouco desconfiada.

Ele assentiu e saiu andando em direção à rua. Fiquei estática, parada na recepção, sem saber o que fazer.

— Não vem? — Ele parou, virou-se e me chamou na porta da academia.

— Ah, sim! — Me alertei e lancei um tchau para Gianne, que estava quase babando de boca aberta.

Corri até alcançar Lorenzo.

— Ei — disse, já perto dele na calçada da rua.

— Hum? — Parou e me olhou, arqueando uma sobrancelha.

Ele gosta de fazer isso, percebi.

— Você está estranho. Tá tudo bem?

Ele riu, parecendo ainda nervoso.

— Você nem me conhece direito e acha que eu estou estranho? É uma piada?

— Desculpa! — Levantei as duas mãos no ar, em sinal de rendição. — Acho melhor eu ir sozinha, não quis te incomodar.

— Não! — Ele me conteve antes que eu me virasse e saísse. — Vamos... Tomar um sorvete ali, daí a gente conversa. Gosta de sorvete?

Um sorriso surgiu em meu rosto.

— Adoro!



Capítulo Tres

— Morango? — Lorenzo perguntou quando me sentei à mesa da sorveteria com meu sorvete em mãos.

— Sim, algum problema com esse sabor?

— Nenhum. Combina com você. Rosa, balé, morango. Combina. — Sacudiu a colher do sorvete, sinalizando minha silhueta.

— Balé? Eu disse pra você que sou bailarina? — perguntei.

Ele arregalou os olhos, mas logo se recompôs.

— Seu irmão. Seu irmão me contou naquele dia — disse, sério, enquanto intercalava comendo seu sorvete de passas.

Ele estava muito estranho. Precisava sondar.

— Então, como você está? — arrisquei perguntar.

Ele parou de comer, afastou o sorvete da mesa, recostou as costas na cadeira e levou as mãos entrelaçadas atrás da cabeça.

— Você quer mesmo saber sobre mim, né? — deu um sorriso contido.

— Olha, estamos em um placar meio injusto. Você sabe o meu nome, conhece meus pais, sabe onde eles moram, onde eu moro, onde eu trabalho e a única coisa que sei de você é que se chama Lorenzo, veio da Espanha e não pede desculpas quando atropela as pessoas na rua. — Eu o encaro, sem piscar.

Haha, vamos ver agora, Lorenzo! Conte-me seus segredos!

— Pode começar sabendo que nunca atropeliei ninguém na vida. Trabalho com os negócios da família e meus pais são falecidos. Moro exatamente há dois quarteirões de onde você mora. Mais alguma coisa, senhorita? — ele se debruçou na mesa e aproximou o rosto de mim.

Eu ainda estava comendo meu sorvete.

Tudo nele exalava mistério. Realmente não estava de frente a nenhum sócia de príncipe da Disney.

— Já que estamos nessa coisa de conversar abertamente de boa... — terminei meu sorvete e limpei a boca com o guardanapo —, quero saber quem você é. Fale-me de você.

Ele semicerrou os olhos, recostou-se na cadeira novamente, passou a mão nos cabelos e bufou.

— Não sei o que está acontecendo e nem por que a gente tem se esbarrado tanto nesses últimos dias. Juro que não sou nenhum perseguidor e nunca precisei seguir nenhuma mulher na vida, então, se a sua dúvida é sobre minha índole, posso te garantir que não possuo nenhum interesse obscuro em você. Na verdade, pra mim você é apenas a garota que eu derrubei os pães de queijo por acidente, nada mais.

Não era pra eu me sentir um grãozinho de areia em meio a um deserto gigantesco, mas foi assim que me senti. Uma nada.

— É... — Abaixei os olhos, que agora ardiam um pouco pelo efeito das suas palavras. — Desculpe, eu... Confesso que duvidava um pouco da sua índole, mas não esperava nada mais de você em relação a mim. Desculpe por perguntar tanto e me intrometer no que não sou chamada. Obrigada pelo sorvete, mas acho que

já vou.

Levantei e não esperei sua resposta. Peguei minha carteira, tirei uma nota de cinco e deposei sobre a mesa. Ele me convidou, mas acabara de dizer que jamais me convidaria para um encontro — com outras palavras —, então preferi pagar.

Saí em passos largos até a rua com minha carteira na mão. Avistei um ônibus se aproximar do ponto e corri para alcançá-lo. Antes de subir, ouvi Lorenzo me chamar pelo nome, mas não me virei. Entrei no ônibus e fui embora.

Durante o caminho, tentei me lembrar em qual momento eu fui tão inconveniente e clara sobre os pensamentos obscuros que eu tinha a respeito de Lorenzo. Não é possível que eu seja uma pessoa tão fácil assim de ler e decifrar.

Das duas uma: ou Lorenzo é perito em decifrar pessoas, ou ele lê pensamentos.

Ah, vai dizer que isso não existe?

Até dois dias atrás sapatilhas mágicas e voltar no tempo também não existiam pra mim!

Ah, Deus!

Minha mochila com as sapatilhas!

Esqueci na sorveteria. E agora?

Dei o sinal próximo da minha casa e desci. Não tinha o celular dele, então caminhei até a porta da minha casa, desesperada, sem saber o que fazer.

Ele disse que morava há dois quarteirões de distância. E se eu fosse perguntando pela vizinhança? Será que ele estava com minha mochila? E se ele também não a viu e ficou na sorveteria?

Lorena, sua tonta!!!!

Quebrei uma regra, minha mãe vai me matar!

Ai meu Deus, ai meu Deus...

Meus olhos logo avistaram, na frente do meu apartamento, a silhueta de um homem recostado numa moto, de braços cruzados.

Eu me aproximei.

Era ele, Lorenzo.

— Ah, meu Deus! Diz que você achou minha mochila! — falei, ao me aproximar dele.

Ele virou e pegou algo em cima do banco da moto. Estendeu a mim, era minha mochila.

— Não precisava sair correndo. Ainda bem que eu sei onde você mora — disse, num tom preocupado.

— Obrigada. — Peguei a mochila. — Nossa... Meus batimentos cardíacos até se acalmaram. Essa mochila é muito importante.

Sem pensar muito, coloquei a mochila nas costas e o abracei, respirando fundo e soltando o ar lentamente, aliviada por ele estar lá naquele momento.

— Obrigada, obrigada — agradei, enquanto o apertava em meus braços.

Ele resistiu um pouco, mas logo cedeu e lentamente envolveu seus braços forrados pela blusa de manga comprida no meu corpo frágil e delicado.

— Não... Foi... Nada — ele dizia pausadamente e eu senti uma certa resistência em sua voz.

Acho que Lorenzo não é acostumado com abraços.

Eu me afastei lentamente dele e rocei os polegares no interior das alças da mochila, enquanto fitava o chão, sem graça pela minha atitude involuntária.

Afinal, ele mostrou não ter nenhum interesse em mim hoje. Não sei por que

eu fiquei esperançosa, ou achando que podíamos ter algo, nem que fosse uma amizade.

— Bom, vou entrar — falei e virei meu corpo em direção à entrada do prédio.

Quando estava quase atravessando a porta principal, senti algo conter meu braço.

— Lorena. — Era ele.

Virei e tomei coragem de encará-lo, após o mico que paguei, abraçando seu corpo forte.

— Hum?

Ele pôs as mãos nos bolsos e trocou o peso entre os pés num gesto nervoso.

Deu um passo à frente.

Mais um.

Estava com seu rosto a um palmo do meu.

— Eu... — começou a dizer, mas então fechou a boca pressionando seus lábios numa linha. Fechou os olhos e franziu o cenho. Parecia estar em guerra consigo mesmo.

De repente, abriu os olhos, rolou-os pelos meus de um lado pro outro, depois levantou uma mão e levou-a até minha nuca, fazendo criar uma trilha arrepiante da minha bochecha até lá. Quando enfim chegou, ele me puxou pra si e me beijou.

Seus lábios grudaram nos meus lentamente, num selinho demorado. Depois ele os abriu e os sugou devagar, saboreando-os como se fossem raros, preciosos.

Nosso beijo não se aprofundou, pareceu uma pequena prova.

Ele se afastou, abriu os olhos, me encarou, assentiu e se foi.

E eu?

Eu fiquei parada, corada, de boca aberta e olhos esbugalhados, sem entender absolutamente nada.



Estava dançando enquanto fritava meus ovos mexidos pro café da manhã na minha cozinha. Não, meu humor não tinha nada a ver com o quase beijo que Lorenzo me deu ontem, nem com o fato da música que estava tocando ser “Accidentally in love”, sabe, aquela do *Shrek*?

Apenas estava animada, não sei, acordei mais empolgada. Finalmente estou empregada outra vez e posso pensar no meu futuro, sem medo.

Pretendo, em breve, dar entrada na minha casa própria. Já consegui juntar um pouco de dinheiro na poupança — e está lá, intocável. Meu foco é a casa e em breve, quem sabe, dar aulas de balé particulares. Sempre quis ser professora particular.

Eu me alimentei bem naquela manhã e depois decidi correr. Eram 9 horas já, mas queria sentir o sol mais quentinho naquele dia.

Corri pelos quarteirões durante uma hora. Passei na lanchonete dos Mirandas e bati um papo leve com os donos, meus amigos de longa data: Natália e Felipe.

Nat é uma loira branquinha linda de estatura mediana, seu rosto é fofo e dá vontade de levá-la para casa. Felipe é alto, moreno e forte. Lembra-me o ator Theo James, com os traços do rosto muito semelhantes.

— Mas e aí, como vão os negócios? — perguntei.

— Ah, você sabe, não é, Lorena? Os pães de queijo vendem como água pela manhã e à tarde os *milk shakes*. Estamos indo bem, graças aos céus — Nat comentou.

— E o casamento? — perguntei discretamente.

Felipe parou de passar pano no balcão e me olhou de soslaio, como quem diz “assunto proibido”.

Natália colocou as mãos no rosto, apoiando os cotovelos no balcão, cansada.

— Meu Deus, Lorena! Que loucura essa coisa de casar! Não sei por que Felipe fez o pedido, eu já falei pra ele que não precisava de papel pra mostrar que o amo, mas ele insiste nessa loucura e, depois, quem tem de surtar com os preparativos sou eu!

Olhei discretamente para Felipe e percebi seu rolar de olhos devido ao que acabara de ouvir. Ele largou o pano em cima do balcão, limpou as mãos no avental e andou a passos duros em direção à cozinha.

— Desculpa te dizer isso, Nat, mas acho que você está exagerando. Felipe é um amor de pessoa e vocês já estão há sete anos juntos. Passou da hora de oficializar. Dá pra ver pelo rosto dele que ele te ama demais. Sei que nunca ligou pra essas coisas de festa, vestido, buquê... Mas pensa pelo lado bom, quem ama tem de ceder às vezes, você cede no casamento e ele vai ceder o resto da vida — dei uma gargalhada.

Ela riu comigo, mas logo ficou séria.

— A verdade é que eu estou com medo — disse baixinho para que apenas eu a ouvisse.

— Medo do quê, doida?

— Ah, Lore... A gente se dá tão bem, sabe? Medo desse título de marido e mulher pesar muito pra gente, não sei... Medo de dar errado. — Fez biquinho.

— Ah, relaxa, Nat. A vida está aí pra ser vivida apenas uma vez. Medos nos fazem retroceder e não viver o novo. Vai dar certo, confia! Vocês se amam — confortei-a.

Ela sorriu e agradeceu. Comi meu misto quente saboroso e cheio de queijo, porque quis variar, e tomei o suco de umbu natural mais delicioso da face da Terra.

Após me despedir deles, saí da lanchonete e voltei caminhando para casa.

Sentei no sofá, em silêncio. Minha casa estava limpa e silenciosa. Às vezes eu gosto do silêncio, transmite paz e me faz pensar.

Relaxeí meus músculos e deitei a cabeça no encosto do sofá, pensando nas palavras que disse para Natália.

Medo de viver o novo.

Grande piada.

Por que a gente consegue dar o melhor conselho para os outros, mas quando se trata de nós, não conseguimos segui-lo?

Morro de medo da minha nova vida dos últimos dias? Sim.

Morro de medo de começar a criar expectativas com o beijo de ontem? Sim.

Se eu vou arriscar e viver a vida?

HA! HA! HA!

Sabe por que eu nunca fui azarada? Porque eu vivo em cautela. Alerta 24h por dia.

Nunca pisei fora da faixa.

Nunca avancei o sinal vermelho.

Nunca colei.

Nunca trapaceei.

Nunca fugi da rotina.

Nunca cheguei atrasada.

Sempre certa, metódica, rotineira.

Chata, eu sei.

Mas daí minha vida dá um triplo twist desde que fiz 25 anos, me obrigando a lidar com essa nova realidade. Essa coisa de experimentar o novo.

Já sei!

Liguei para minhas *batgirls*.

Em instantes as seis amigas estavam interligadas numa só ligação. Como faço isso? Não sei, apenas faço hahaha.

— Fala, doida! — Raquel começou.

— Conta as últimas do babado — Anna disse.

— Bora, Lore, não tenho tua vida, amiga! — Duda me apressava.

— Calma, vacas! Queria pedir opinião sobre o que devo fazer. Ontem Lorenzo me beijou.

Pausa dramática.

Seis gritos histéricos ao mesmo tempo.

— Tá, mas e depois? — Maysa foi a primeira a perguntar.

— Gente, fala que eu tô ouvindo, só não posso ficar falando, pois estou no trabalho. — Emily falou.

— Depois, nada. Ele foi embora e eu não peguei seu telefone nem endereço.

— Que droga, amiga — Alice lamentou.

— O que eu faço?

Começou o burburinho de ideias simultâneas, sem que eu conseguisse ouvir ninguém claramente.

— Uma de cada vez, por favor!

— Pede o celular dele pro seu irmão — Anna sugeriu.

— Eu andaria mais arrumada a partir de hoje. Vai que ele aparece de surpresa e te vê com essas roupas de ginástica cafonas? — Maysa comentou.

— Eu esperaria. O que tem de ser, será — Duda sugeriu.

— Tem de ser será uma ova! *Vaaaaai* atrás do *boy*, sim. Ele ainda está na casa da sua mãe? Passa lá, ué! — Raquel afirmou.

— Não, foi só aquele dia. Ele mora perto de mim, mas não sei onde.

— Anda desfilando pelo quarteirão! — Alice disse, empolgada.

— Vocês são muito *foguentas*. Tá, suponhamos que eu faça isso tudo. Se ele não me der bola ou me ignorar?

— Posso responder essa? — Duda falou primeiro.

Todas disseram “pode”, inclusive eu.

— Eu focaria na minha vida pessoal e profissional, Lore. Se você está afim dele, espera o momento certo pra demonstrar. Ele parece bem sério, pelo que vimos naquele dia, e não quero te ver magoada. Mesmo querendo quebrar seu jejum de homens. Nem lembro a última vez que nos disse que beijou na boca — riu.

— *Ahh*, sai pra lá — ri. — Obrigada, meninas, amo vocês.

— Também te amo! — Todas disseram juntas e desligaram.

Eu me sentia melhor depois de conversar com elas.

Peguei minha sapatilha e decidi treinar um pouco essa coisa de voltar no tempo. Será que conseguiria fazer algo impactante?



Capítulo Quatro

Dormir deveria ser lei mundial. As pessoas deveriam ter um momento à tarde obrigatório para o sono, exclusivo.

É sério. A melhor coisa para o ser humano se chama dormir. Renova suas energias, te deixa relaxado, é gostoso, pode te render bons sonhos e é grátis.

Acordei da minha soneca da tarde aproximadamente às 18 horas. Decidi ir ao shopping testar minhas sapatilhas. Não estão entendendo? Irão entender logo.

Antes de tudo, usei as sapatilhas e voltei uma hora no tempo. Eram 17h e tive mais tempo para me arrumar pra sair.

Fui até a cozinha e peguei meu banquinho de madeira, levei até o quarto e o posicionei ao lado do armário. Subi e retirei de cima dele meu cofre, contendo meu cartão da poupança lacrado e intocado.

Hoje eu decidi gastar!

Guardei o cartão em minha carteira e separei minha roupa. Tomei uma ducha rápida e saí do banheiro cantarolando de roupão e toalha na cabeça.

Ao me despir do roupão, contemplei-me no imenso espelho que possuo em meu quarto. Ele é grande e consigo me visualizar inteira. Adoro.

Vesti minha lingerie e pus um vestidinho azul-marinho todo em renda, sem mangas, de gola alta, superelegante, todo grudadinho no corpo até a metade da barriga, onde uma faixa reforçada separa a parte da saia mais folgada e rodadinha até dois palmos acima do meu joelho.

Vestido estilo boneca, amo.

Soltei meus cabelos negros ondulados e bastante compridos da toalha e decidi escová-los.

Fiz uma trança lateral super da moda e finalizei meu look com maquiagem completa, contendo batom vermelho e acessórios em prata.

Depois de arrumada, me calcei, separei uma bolsa grande o suficiente para que minhas sapatilhas coubessem junto com minha carteira e alguns acessórios e pedi um táxi para o shopping.

Chegando lá, olhei o relógio. Já se passaram 50 minutos desde a última vez que usei as sapatilhas, então precisava de mais uma hora e dez minutos para usar novamente.

Passei no caixa eletrônico para verificar meu saldo. Hum... R\$42.800,00. Uau... Bastante coisa juntada em sete anos.

Segui para uma loja de grife, daquelas de rico mesmo, sabe? E pela primeira vez me senti poderosa e gastei quase oito mil apenas em uma loja. Demorei quase uma hora experimentando roupas e escolhendo, paguei as que comprei e fui ao banheiro.

Calcei as sapatilhas, fechei os olhos e cinco segundos depois os abri.

As sacolas sumiram.

Consultei o caixa eletrônico. Meu dinheiro ainda estava lá. Que maravilha!

Agora precisava esperar mais duas horas. Ainda eram dezenove horas e o shopping só fechava às vinte e duas.

Adoro magia.

Adoro minhas sapatilhas.

Adoro dar uma de rica e não gastar um real.

Decidi parar um pouco, fui até a praça de alimentação.

Por coincidência do destino, encontrei Alice, sentada em uma mesa, lanchando com um garoto superbunitinho. Deve ser um dos que ela mencionou outro dia. Não me aproximei, pois não sabia se era o Jonatas ou o Gustavo.

Comprei meu lanche e me sentei, feliz e sorridente. Apreciava cada pedacinho do lanche e quando acabei, percebi que Alice pediu licença ao garoto e foi em direção ao banheiro. Levei meus olhos até ela, que me viu e sorriu.

Fiz sinal pedindo para ela esperar no banheiro, ela entendeu e prosseguiu.

Levantei, mas algo me deteve.

Na outra extremidade da praça de alimentação vi Lorenzo, de preto como sempre, lindo e bem vestido, com companhia.

Uma mulher.

Branca de cabelos castanhos, estatura média e corpo cheio de curvas. Linda, por sinal.

Eu os vi caminhar até um restaurante da praça. Ele seguia com as mãos nos bolsos da calça e ela agarrando um braço dele, quando, de repente, ele parou e desvencilhou o braço da mão dela, levantou uma mão na altura do peito, espalmada, sinalizando “para” enquanto dizia algo. A mulher fez um biquinho estranho, ficou na ponta dos pés e o beijou. Ele permitiu o beijo rápido mesmo em meio à praça de alimentação e depois entraram no tal restaurante.

Não entendi por que ele me beijou naquele dia, se tinha namorada. Eu o vi beijando a tal mulher, apenas amiga que não era, certo?

Decidi esquecer esse cara estranho que tem tomado uma parcela bem

significativa dos meus pensamentos. Fui até o banheiro me encontrar com Alice.

— Lorena, demorou! — disse, assim que me viu. — Meu Deus, você está pálida. Viu um fantasma?

— Sim, fantasma que anda de moto e beija mulheres por aí — afirmei, desanimada.

— Lorenzo? Ele estava com uma mulher, mesmo tendo te beijado ontem?

— Sim. Não tivemos nada, apenas um beijo. Ele é livre pra fazer o que quiser.

— Tá, mas... Enfim... Você viu o Gustavo?

— Vi. Muito bonito. Parabéns — sorri.

— Boba, ele é um fofo. Me faz rir e me ouve, sabe? Mas eu saí com o Jonatas semana passada e estou mega indecisa, pois nos beijamos e eu adorei. — Ela fez um rosto sofrido.

— Beija o Gustavo — sugeri. — Você não está comprometida com nenhum dos dois, apenas conhecendo — justifiquei.

— Não sei... Me sinto mal. Parece que estou traindo Jonatas. — Alice cruzou os braços, envergonhada.

— Então não é o Gustavo. Antes de achar que trai um dos dois, olhe para os seus sentimentos. Acha que trairia seus sentimentos se beijasse Gustavo?

Ela pensou antes de responder.

— Acho. Ai meu Deus, eu gosto do Jonatas! — constatou, pelo que me pareceu, pela primeira vez.

— Resolvido.

— Obrigada, amiga, te amo! E você, o que vai fazer?

— Deixar pra lá. Nunca vivi em função de relacionamento, não será agora que viverei. Vou encarar tudo na boa.

Alice concordou comigo, então saímos juntas do banheiro. No corredor, avistei Lorenzo sozinho, vindo em direção ao local de onde saímos e fiquei nervosa.

— Alice, o que eu faço? — perguntei.

— Deixa comigo. No meu sinal comece a gargalhar olhando pro alto — disse. Assenti.

Caminhamos e quando estávamos quase de frente a Lorenzo, ela deu o sinal. Eu gargalhei olhando para o alto, continuando meu trajeto até o corredor principal do shopping com minha amiga, enquanto ela dizia:

— Mas é sério, amiga, ele é louco por você. Para de rir, o homem é um príncipe, até te levou flores naquele dia, não lembra?

Percebi pelo meu olhar periférico Lorenzo parar sua caminhada e virar o rosto em nossa direção.

Saímos da sua visão e começamos a rir.

— Amiga, você é uma atriz excelente! — disse a ela.

— Adorei! Agora esse Lorenzo motoqueiro cheiroso *pirifado* vai ver que não te merece!

— *Pirifado*? — indaguei, enquanto a acompanhava até seu par, que a esperava.

— *Piriquete* e safado. O que esse cara foi!

Rimos mais, então deixei minha amiga na companhia de Gustavo que, por sinal, é um amor de pessoa. Verifiquei as horas e vi que ainda faltava uma inteira até eu poder retornar no tempo.

Ou seja, a cena de agora a pouco não poderia ser apagada. Droga!

O tempo passou e usei minhas sapatilhas pela última vez quando, após as duas horas, fui ao cabeleireiro do shopping e fiz um corte chanel que ficou horroroso em mim.

Corri para o banheiro e, ao voltar no tempo, tive toda a minha cabeleira longa de volta.

Decidi parar de brincar com a sorte e cheguei em casa quase dez da noite. Tomei mais um banho e caí de pijama na cama. O dia seguinte era sábado e eu não tinha nada para fazer, apenas esperar um fato emocionante acontecer. Ou seja, nada de bom.

Dormi rapidamente, porém fui acordada pela madrugada com uma voz feminina tão cantante e suave que pareciam sinos de Natal no meu ouvido, dizendo:

“Não dependa da magia. Não dependa da magia. Não dependa da magia.”

De quem seria essa voz?



Levantei-me num susto no sábado pela manhã. O sonho ou a ilusão sonora que ouvi durante a madrugada não queria sair da minha cabeça.

Ao tomar café, fiquei pensando se talvez não tivesse usado magia demais ontem. Meus pensamentos foram interrompidos pelo toque do meu celular.

— Alô — atendi.

— Oi, maninha, é Dante.

— Ah, fala, chato.

— Tenho alguns ingressos para o show da banda do Lorenzo, que será hoje. Quer ir?

Hã?

Lorenzo tem uma banda?

Ninguém merece... A cada dia uma surpresa.

— Pode ser. Ele pediu pra me convidar? — Olha a ilusão na mente.

— Não, apenas me deu ingressos e disse pra eu convidar quem quisesse. Vai ou não vai, sapatinha? Vê se não leva esse troço mágico, não tô a fim de ter minha realidade mudada, não.

— Ah, maninho... — ri. — Eu irei.

— Te pego às sete. Tchau.

Estava prestes a dizer “não precisa, tenho carro”, mas lembrei que ainda não tinha comprado a bendita bateria, por não querer gastar dinheiro da poupança. Olha que ironia, não comprei a bateria, mas gastei no shopping! Tudo bem que recuperei tudo com a mágica, mas mesmo assim... Vou comprar logo essa bendita bateria antes de receber minha rescisão da “Gran Plie”.

O resto do dia foi um tédio. As meninas me ligaram perguntando se eu as queria acompanhar no parque novo que abriu. Elas parecem até crianças, adoram um parque.

Ok, eu adoro também.

Ok, também sou muito criança às vezes.

Mas eu neguei o convite. Passei o dia inteiro escolhendo a melhor roupa para ver a banda de Lorenzo tocar. Não que eu quisesse que ele me reparasse e me beijasse de novo, mesmo sabendo que talvez ele tenha namorada... Putz, eu queria beijá-lo novamente, e que se dane a namorada!

Que egoísmo, Lorena!

Sim... Caramba! Faz tanto tempo que não beijava alguém, e quando isso acontece, a pessoa tem de ser comprometida?

Velho barbudo... Mais uma obra dele, com certeza...

Na hora do show, eu estava a caminho no carro de Dante, junto com sua namorada Leonora, vestindo uma calça *skinny* preta e uma bata toda em paetê branco de alça. Na bolsa, apenas minha carteira. Deixei a sapatilha em casa.

Não fomos convidados apenas para o show, os ingressos nos davam acesso a um camarote vip próximo do palco que me permitia ver nitidamente tudo que acontecia lá.

Logo após a abertura do show, a banda dele entrou. De imediato, reconheci Lorenzo de costas no centro do palco. Todo em preto. Calça jeans preta e uma camisa fininha preta de manga curta. Dava pra ver as tatuagens que ele possui em um dos braços. Eu já havia reparado no dia da academia, mas assim, todo arrumadinho, parece bem mais... Como posso dizer... Bem composto.

Então uma voz soou nas caixas.

Uau.

Era uma voz grossa, sexy e, para piorar meu estado mental... Em espanhol.

Por que espanhol tem de ser tão sedutor?

Por eso yo te quiero tanto que no sé como explicar...

Gritos estridentes começaram a surgir. As garotas ficaram doidas ao ouvir aquela voz cantando um trecho de Juanes.

Logo, Lorenzo virou de frente, pegou um violão que antes estava em um encosto, sentou em um banquinho mais à frente e colocou o microfone num pedestal.

A melodia com a banda começou e “para tu amor” começou a tocar.

Juro por mim, por Deus e por minhas sapatilhas mágicas que nunca na vida eu acharia que Lorenzo é vocalista de uma banda romântica. Juro.

A irmã dele se aproximou de mim, provavelmente querendo limpar a baba que escorreu da minha boca.

— Ele tem uma linda voz, não?

— Sim. Só canta esse tipo de música? — fui cara de pau e perguntei logo.

— Não. Eles sempre abrem com uma lenta e romântica. O estilo é pop rock, o resto do show é com músicas mais animadas.

— Entendi. Eles cantam músicas próprias também?

— Sim, algumas vezes. Hoje receberam uma proposta de gravação. Em breve vão ter as próprias músicas para cantar em shows pequenos como esse.

Pequenos? Meu Deus, deve ter umas cinco mil pessoas aqui. Tudo bem que eles não são famosos nem nada, mas... Pelo menos bastante conhecidos cantando músicas de outros cantores famosos eles são.

— Que legal. — Sorri e continuei admirando os componentes daquela banda cheia de homens lindos.

Devia ter uns seis componentes. Não dava pra saber se todos os que estavam no palco faziam parte da banda, mas todos eram lindos.

Ele estava cantando e eu estava com meu irmão e cunhada no camarote da esquerda dele. Estava muito perto do palco, se ele se virasse mais um pouco me veria com certeza, debruçada na mureta, admirando sua performance.

“Para tu amor lo tengo todo, lo tengo todo y lo que no tengo también, lo conseguiré...”

Ele ora fechava os olhos saboreando a música, ora olhava para o povo à sua frente, dando aquele sorriso de canto e um olhar semicerrado, segurando o microfone nas pausas onde não tocava violão. Super mega sedutor.

Após a música inicial, começaram a tocar pop rock brasileiro e alguns em inglês e espanhol. Em nenhum momento ele me viu, não sei se devo agradecer por isso, mas no fim, meu irmão disse que iríamos para uma festa particular da

banda em comemoração ao contrato fechado com a gravadora.

Eu não recusei, óbvio. Queria ao menos parabenizá-lo pela conquista e pelo show.

Chegamos à casa decorada para a festa e lá fiquei, andando de um lado para o outro no salão principal, escuro e com luzes coloridas piscando como numa boate. Até esbarrar em alguém.

— Opa, desculpe! — falei.

O homem se virou e... Nossa... Ele era um componente da banda, reconheci. Moreno, mais que Lorenzo, com um olhar gentil e rosto quadrado contendo um cavanhaque delineado, olhos amendoados negros e sorriso aberto solícito.

— Eu que me desculpo por não te ver. — Olhou pros lados. — Você está aqui sozinha?

— Eu vim com Leonora e Dante, mas eles sumiram. — Dei de ombros.

— Ah, convidada de honra de Lorenzo, então. — Coçou o queixo, pensativo. — Vem, vou te fazer companhia.

Ele me estendeu a mão num gesto cavalheiro que de pronto aceitei. Não ia ficar naquela festa parada o tempo todo.

Ele me levou para uma sacada onde havia alguns casais e sofás confortáveis para nos acomodarmos. Achei estranho, mas me sentei quando ele pediu.

— E então, você estava no show? — perguntou.

— Sim, estava. Qual é seu nome? — perguntei, queria mesmo saber.

— Miguel. O seu é...?

— Lorena, prazer — sorri.

Ele sorriu de volta e começamos a conversar sobre diversos assuntos. A banda, a música, a vida profissional dele e seus gostos do dia a dia. Ele foi muito

simpático, gostei.

Então, de repente, eu vi Lorenzo passando a passos largos no meio das pessoas lá dentro do salão. Atrás dele, a mesma mulher do shopping, que tentava agarrá-lo pelo braço, que ele desviava e afastava com brutalidade.

— Meu Deus! — exclamei.

— O que foi? — Miguel perguntou.

— Lorenzo, ele parecia bravo com aquela garota. Coitada — lamentei sinceramente.

Miguel se acomodou melhor no sofá ao meu lado e aproximou seu rosto da minha orelha.

— Ele é assim o tempo todo com ela. Também tenho pena, mas a garota se sujeita... Então... — Se afastou e deu de ombros.

— Como assim? São namorados? — perguntei, curiosa.

Miguel deu uma gargalhada aberta e depois a conteve, e me pediu desculpas por não explicar direito.

— Ela é a fixa dele. Dos finais de semana. Não que ele a tivesse escolhido, ela apenas sempre estava lá, então meio que aconteceu... Mas ele não curte essa coisa de namoro, o cara não gosta nem que toquem nele direito. Geovanna é insistente, sempre tenta agarrá-lo, abraçá-lo, dar carinho, mas ele não gosta e trata ela assim.

— Ninguém pode aproximar as mãos dele? — Que esquisito.

— Não. Nunca falamos disso, pois ele não diz. Até cumprimento de irmão nós fazemos com ele apenas aquele aperto de mão ou no máximo tapinha nas costas. Mas ele é um cara legal, só tem esse problema.

— Entendi. — Mentira, não entendi nada.

Naquele dia ele me abraçou, mesmo relutante. Foi bom pra ele? Será que ele

me odiou?

Conversa vai, conversa vem... Eu e Miguel tomamos uns drinks e dançamos um pouco na pista.

Quando já estava ficando tarde e estávamos bastante movidos pela festa, ele se aproximou de mim na pista de dança e roçou seus lábios nos meus, iniciando um beijo. Eu gostei de Miguel, que mal tinha em beijá-lo? Mas uma mão pesada tomou meu ombro e me afastou dele. Eu me virei pra contestar e dei de cara com Lorenzo, de olhos semicerrados, observando a mim e a Miguel.

— Preciso falar com você — disse ele pra mim. Sua voz grossa me lembrou de que eu ainda estava abalada pelo nosso quase beijo do outro dia. Assenti e sem olhar para trás, fui com Lorenzo onde ele pretendia me levar.



Lorenzo andava rápido, abrindo caminho por entre as pessoas até uma outra sala, porém menor, onde não havia nenhuma pessoa, apenas sofás posicionados em um semicírculo e uma mesa de centro no meio.

Chegando lá, ele sentou no sofá do meio, se estirando nele como se estivesse cansado e, logo depois, passou a mão nos cabelos, jogando-os para trás. Seu rosto era difícil de ler, parecia confuso.

— Sente-se — disse.

Naquele momento, percebi estar parada na porta da sala iluminada à meia luz, que nem uma estátua.

— Você percebeu que estava me atrapalhando ou fez aquilo de propósito? — falei um pouco rude, me aproximando dele.

Ele teve um sobressalto. Acho que não esperava esse questionamento de mim.

Mas quando Lorenzo abriu a boca para dizer algo, Miguel chegou ao recinto, ofegante, e parou próximo de mim, colocando a mão no peito. Logo direcionou um olhar mortal a Lorenzo.

— *Estás loco, hermano? Que pasó?*

Eu sei espanhol, então não foi difícil entender que Miguel chamou o amigo de louco e perguntou o que estava acontecendo.

Lorenzo, porém, respondeu em português para que eu entendesse. Inocente haha.

— Irmão, pode fazer o favor de levar Geovanna pra casa pra mim? Vou ter que fazer companhia a Lorena, ordens do irmão dela.

Pronto. Acabei de perceber naquele instante que eu estava sendo tratada como uma inválida criança dependente da benevolência alheia.

— Ououou! Peraí... Não quero estragar a noite do casal. Pode ficar com a Geovanna. Miguel me leva pra casa, não é, Miguel? — Virei pra ele, arqueando uma sobrancelha.

Tomara que ele entenda a mensagem e me apoie.

— Claro! Eu levo Lorena pra casa — disse e cruzou os braços, olhando desafiadoramente para Lorenzo.

Lorenzo, que antes estava sentado de forma despojada, levantou-se e andou até Miguel. Ao chegar nele, sussurrou algo em seu ouvido e se afastou. Então parou de frente a ele e fez um gesto levantando a cabeça, como se incentivasse Miguel a falar.

Miguel me olhou, seu olhar era de desculpas. Droga, eu já tinha entendido tudo.

— Perdão, Lorena, mas tenho que ir. — Me deu um abraço, que retribuí, e se foi.

Juro que comecei a ter medo naquele instante. Lorenzo um dia me disse que não tinha nada com o que me preocupar sobre sua índole, mas essa cena que presenciei não me pareceu nem um pouco amigável.

Estávamos ainda próximos da porta da sala. Caminhei e me sentei no sofá, onde ele antes estava sentado.

— Desembucha. O que foi isso? — Apontei para a porta por onde Miguel acabara de sair.

Ele andou lentamente e sentou do meu lado. Por que ele ainda tem de ser tão lindo, cheiroso e misterioso? Era pra eu repelir esse motoqueiro de meia tigela.

— Seu irmão pediu para que eu a levasse pra casa. Apenas eu. Simples assim. — Jogou os braços para as costas do sofá e cruzou uma perna sobre a outra em um 4.

— Meu irmão sabe que não sou uma inválida. Sei andar na rua. — Naquele instante levei os olhos ao meu relógio de pulso e vi que já era tarde da madrugada.

O sono me bateu. Bocejei.

— Quer ir agora? — ele perguntou, ignorando o que eu disse, agora mais calmo e solícito.

Homens... Vai entender?!

— Quero sim. — Olhei em seus olhos ao afirmar e, em meio à escuridão do local, ainda pude perceber que ele estava sendo sincero. Os olhos nunca mentem.

Ele assentiu e levantou. Levantei e fomos em direção à saída da casa, onde a festa ainda estava rolando de vento em popa.

A cena de Lorenzo me passando o capacete e uma jaqueta de couro preta se repetiu, pois afirmei que não tinha levado casaco.

O trajeto da casa até onde moro era um pouco longo, agarrei nele e apenas senti o vento frio vir de impacto ao meu corpo pelos lados. Nunca pensei que eu gostaria tanto assim de motos.

De repente, senti algo úmido atravessar minhas coxas. Eu me virei para olhar e as gotas que atingiam a viseira do capacete logo começaram a ficar mais

fortes e intensas. Então, Lorenzo estacionou a moto na calçada.

Estava chovendo. Muito.

— Não dá pra dirigir com chuva, ainda mais sem capacete — ele disse.

— Faltam só dois quarteirões para chegar à minha casa. Posso ir andando, por mim tudo bem — disse eu, enquanto retirava o capacete, de maneira calma.

— Não! Você pode acabar ficando doente. Eu moro logo ali. — Apontou para o prédio a uns 100 metros de onde estávamos. — Podemos esperar até a chuva passar, aí te levo.

Sinceramente? Aquele cagaço todo que eu tinha dele havia voltado com força total. Jurei que, se o apartamento dele fosse todo preto, eu sairia correndo.

— Tudo bem. — Dei de ombros.

Eu o segui, lado a lado, enquanto caminhávamos até seu apartamento. Ele levava a moto e eu andava com o capacete na cabeça e o casaco no corpo.

Chegamos. Ele estacionou sua moto na garagem e subimos até seu mausoléu pelo elevador.

Sim. Seu apartamento era todo escuro. Paredes escuras, móveis em mogno, cortinas escuras. Tudo muito rústico e aparentemente antigo, porém lindo.

— Uau — eu disse, quando atravessei a sala, admirando a mobília.

— Vou pegar uma roupa seca pra você — ele falou, e meus olhos antes atentos aos móveis se viraram para ele, ao ouvir sua voz.

Lorenzo estava se despiando descaradamente enquanto caminhava até um corredor na esquerda do apartamento. Saiu tirando tudo. Sapato, meias, blusa, calça. Ficou seminu bem na minha frente. Que descarado!

— Eu estou aqui, sabia? — falei alto.

Ele, que estava quase entrando em algum cômodo, se virou e me olhou de

forma conflituosa.

— Eu sei. Vai dizer que nunca viu algum homem quase nu ou que é virgem ou freira?

Babaca nível mil. Estava quase saindo correndo.

— Não, mas acho que mereço ser respeitada. Não sou as garotas que traz pra cá. — Juro que tentei falar encarando apenas seus olhos, mas seu torso nu me puxou como um ímã.

Tá, eu dei uma verificada rápida no corpo todo dele.

Ele riu, de leve.

— Desculpe. É força do hábito. — Ele já estava quase dentro do tal quarto, mas voltou. — Ah, e eu nunca as trago pra cá. — Piscou pra mim.

Ele me pediu desculpas? O que há com o mundo?!

O motoqueiro abusado entrou no quarto, ou seja lá o que for, enquanto eu fiquei ali, no meio da sala, literalmente molhada, sem saber o que fazer e nem entendendo as reações do meu corpo pelo que ele dizia.



Capítulo Cinco

— Ficou bem em você. — Lorenzo apontou para sua blusa gigante e preta cobrindo meu corpo até o joelho. Sou baixa, mas nem tanto, porém magrinha, então imagina como ficou gigante?

— É, nada mal.

Ficamos sentados no sofá, sem ter o que fazer. Ele já havia colocado minhas roupas na secadora e também já estava vestido. Eram quase quatro da manhã e a chuva não ia embora.

Eu estava morrendo de sono, mas quase parando de medo de ficar em um local tão macabro com uma pessoa estranha como ele por perto.

— É... Quer beber algo? Comer? Dormir? — ele perguntou, um pouco desconcertado, ainda ao meu lado no sofá.

Suas roupas eram nada mais nada menos do que uma calça de moletom. Segundo ele, frio era psicológico. *Aff*.

— Dormir. Posso ficar por aqui mesmo. — Apalpei o sofá e lhe lancei um sorriso amigável.

Ele retribuiu, sorrindo de canto.

— Tudo bem. Não sei como tratar hóspedes. Nunca trouxe alguém aqui, então... — ele disse, levantando-se e esfregando uma mão na outra, um pouco nervoso, eu diria. — Ah, se sinta em casa. Desculpa, eu não sei fazer essa coisa direito de ser hospitaleiro.

Deu de ombros.

Pedi desculpas de novo? Eu estava incrédula.

Mas ri. Achei engraçada essa atitude repentina dele, quando até pouco tempo atrás estava todo soltinho, agindo como se eu nem estivesse aqui. Acho que fui eu mesma quem acabou o reprimindo.

Enfim, estava com sono. Bocejei e assenti para ele, que foi até um quarto e em instantes voltou com roupas de cama e um travesseiro.

— Pronto, aqui estão. — Estendeu a muda pra mim.

Se eu não soubesse que estava com Lorenzo e não qualquer outro homem, acharia falta de cavalheirismo. Nos filmes e livros, o cara sempre oferece a cama e dorme no sofá. Ou, pelo menos, arruma o sofá pra dama dormir.

Mas ele não é um príncipe. Preciso me lembrar disso.

Arrumei o sofá de um modo meio bagunçado e me deitei. Ele andava de um lado pro outro na sala, com uma mão na cintura e a outra coçando a nuca. Parecia incomodado.

Será que sou tão péssima hóspede assim?

— Ei, relaxa! Eu estou bem, pode dormir tranquilo. Amanhã bem cedo eu vou embora. Amanhã não, hoje — ri.

Ele estava sério.

— Minha preocupação não é essa... É...

Então o telefone começou a tocar. O fixo da casa dele. Olhei o relógio, eram

4 horas em ponto.

Quem em sã consciência liga para alguém essa hora?

Ele arregalou os olhos em espanto e foi até o lado oposto de onde eu estava para atender.

Não queria dar uma de fofoqueira, mas a curiosidade me consumia. Fiquei em silêncio e foquei minha audição no papo dele ao telefone.

"Hola mamá... Si... No... Un poco... No, no necesitas preocuparte... Está todo en mi control... Hasta ahora nada pero voy hacer eso. Beso... Hasta."

Parecia ser a mãe dele, não entendi muito bem, pois suas respostas foram vagas, mas me pareceu que sua mãe estava preocupada com ele e ele disse que faria algo... Mas o que seria?

E... Os pais dele não eram falecidos?

Enfim... Ele desligou e eu fingi estar dormindo.

Pude perceber seus passos se aproximando de mim lentamente. Pude sentir seu aroma amadeirado me invadir as narinas e fiquei só tentando controlar minha vontade de agarrá-lo ali.

Meu Deus... O que anos de seca fazem com a gente?

— *Eres tan bella* — disse ele, próximo ao meu ouvido.

Ele devia estar sentado no chão, pois sua voz ecoou bem do lado do meu rosto mesmo.

Então senti sua mão quente deslizando pela lateral do meu rosto lentamente, quase como numa fina carícia.

— *Muy bella.*

Ai meu Deus, ele estava ali do meu lado me chamando de bela, acariciando meu rosto.

O que eu fiz?

Haha, querem saber o que eu fiz?

Abri os olhos lentamente e encontrei os olhos dele fixados nos meus. Bem perto.

A sala estava iluminada apenas por um abajur grande no canto dela e o seu rosto estava um pouco apagado, mas bastante nítido pra mim.

Eu sorri de leve, tentando transferir calma para ele, pois seu rosto ficou um pouco franzido.

— Pode me beijar agora — falei.

Sim, universo!

Eu falei que ele podia me beijar!!!

Lorenzo, que permanecia com a mão perto da minha bochecha, se aproximou lentamente, ainda me olhando nos olhos, e depositou um selinho.

Se eu não o conhecesse, acharia até que ele estava com medo de me beijar.

Após o selinho, ele fez menção de se afastar, mas levantei minha mão e o agarrei pela nuca, trazendo seu rosto de encontro ao meu.

A partir daí começamos um beijo de cinema.

Eu saboreava aqueles lábios fartos e quentes como a última gota de água no deserto. Ora sugava, ora mordiscava-os até começarmos a nos beijar de língua, profundamente.

Lorenzo estava um pouco travado, mas com a minha insistência acabou se soltando e deslizando sua mão pelos meus cabelos.

Logo ele levantou e levou meu corpo junto, então ficamos os dois sentados um de frente para o outro no sofá, com os corpos virados cada um para um lado.

Continuamos nosso beijo, que por mim não teria fim nunca, mas logo senti sua mão descer do meu pescoço até meu seio.

Parei sua carícia e levei minha boca até sua orelha.

— Eu não sou elas. Não se esqueça — sussurrei. Dei mesmo de difícil porque sou dessas.

Ele deu uma risada contida e tirou a mão de lá, trazendo de volta ao meu rosto, juntamente com a outra.

Encaramo-nos por alguns segundos antes dele tomar fôlego e dizer com a voz carregada e grossa:

— Eu sempre soube que você não seria.

E voltou a me beijar.

Olha, não lembro quanto tempo ficamos nos beijando, mas após isso, eu deitei e ele ficou ao meu lado acariciando meu rosto até eu dormir.

Parece que naquele momento todos os muros de insegurança sobre ele caíram por terra. Eu estava me sentindo segura, acredita?

É, nem eu acreditei.

Vai entender a mente das mulheres, não é?

Fui embalada pelo sono, lembrei apenas que um tempo depois senti meu corpo sendo carregado para algum lugar, o sono estava tão pesado que não me permitiu abrir os olhos para ver.

Mas meu olfato sentiu o cheiro dele, era inconfundível.

Eu estava com ele, então estava tudo bem.



Naquela noite, sonhei com a bela adormecida. Estranho, mas o príncipe a

beijava e, logo após ela despertar, ele virava um lobo macabro, rugindo e batendo forte no peito, assustando a pequena princesa.

Levantei em um susto e me assustei mais ainda com o que vi.

O teto completamente branco.

Paredes completamente brancas.

Janela com persianas brancas entreabertas, deixando a luz do sol penetrar levemente no ambiente.

Fui descendo os olhos e percebi que eu não estava no sofá, estava em uma cama. Uma cama enorme, branca, com lençóis brancos, edredom branco. O quarto era todo em branco e eu estava com medo de caminhar ali e sujar algo. Eu estava deitada de lado, no canto esquerdo da cama.

Eu me virei lentamente para o outro lado, quando vi um corpo moreno virado de costas pra mim.

Um par de asas enormes marcava suas costas bem esculpidas e fortes. Eu queria tocar, mas contive a curiosidade e apenas levantei meu corpo lentamente, me sentando na cama, recostando as costas no encosto da parede.

Meu coração estava palpitando muito rápido. Levei meus olhos ao relógio de pulso, constatei ser 8 da manhã. Ou seja, eu não dormi quase nada.

Fiquei um tempo ali, sentada, com o friozinho gostoso do ar-condicionado ligado, me fazendo quase dormir novamente, quando percebo o corpo de Lorenzo se mover.

— Te acordei? — perguntei, quando ele se virou e, após esfregar os olhos, que estavam bem pequenos, me olhou.

— Não — disse, sério, e logo levantou-se da cama, calçou um chinelo e saiu andando em direção à porta.

Eu não sabia muito bem o que fazer naquela situação. Admito que nunca dormi fora da minha casa. Minto, nunca dormi na casa de um homem e estava

morrendo de vergonha de pagar algum mico azarento da lista dos que estavam me perseguindo desde que conheci Lorenzo.

Estranho pensar que minha vida começou a ficar azarada e atrapalhada exatamente no dia em que o conheci. Devia ser coincidência.

— Está com fome? Quer café? — Ele me despertou dos pensamentos loucos. Ainda estava na porta, olhando para mim.

— Ah, sim. Se não for incomodar — respondi, tímida.

Droga. Eu sempre fui uma mulher decidida, forte, com sorte e esforçada. Por que com ele eu tenho de ser essa cagona cheia de tremelique?

Droga. Mil vezes droga!

Lembrei de nosso beijo de ontem. Será que devo esperar algo desse beijo? Lorenzo é um enigma, não dá pra prever nenhum dos seus movimentos. Terei de esperar.

Se eu quero que nos beijemos novamente?

Óbvio e evidente que sim!

Aprenda uma coisa: Quando se tem o melhor beijo de toda a nossa vida, a gente deve desejar por mais! Anotem!

Passei os dedos suavemente pelos meus lábios e sorri. O cheiro e o sabor dele estavam comigo. Como se tivéssemos dormido abraçados.

Ah Meu Deus!

Será que...

Não, ele não me abraçaria dormindo. Miguel disse que Lorenzo tem sérios problemas com essa coisa de contato físico. Mas ontem ele quis me seduzir, eu que o impedi, pois não gosto dessas liberdades assim, de cara.

Ah, falem o que quiserem. Sou careta mesmo!

Tá pra nascer alguém que me faça quebrar minhas regras de conduta.

Pensando bem... Acho que a pessoa já nasceu e está agora na cozinha da sua casa, preparando o café.

Ah, não, Lorena! Não. Você não está encantadinha por ele, não está. Não pode estar!

Ele é mal-educado.

Ele é rude.

Ele é cheio de segredos.

Ele é cheio de não me toques.

Ele não trata bem as mulheres.

Ele não foi cavalheiro comigo.

Ok, cérebro, agora vamos para os pontos a favor.

Ele beija bem.

Ele canta música romântica.

Ele canta música romântica em espanhol.

Ele falou espanhol me elogiando no pé do meu ouvido.

Ele me colocou para dormir na sua cama.

Ele foi preparar café pra mim.

Ele é lindo.

Ele é muito cheiroso.

Acho que temos mais pontos a favor, né?

Sou doida, louca, pirada. Acabo de constatar isso.

Minha confusão mental não durou muito, pois Lorenzo adentrou o quarto com uma bandejinha contendo duas xícaras de café e dois sanduíches naturais. Sentou ao meu lado na cama e me encarou.

— Pode comer — disse. Ele estava sério, porém, não rude.

— Por que seu quarto é todo branco? — perguntei sem mais nem menos, na cara de pau.

Ele, que estava levando o sanduíche até a boca, parou e fitou os olhos em mim.

— Todos temos um canto da vida onde queremos apenas paz. — Deu de ombros suavemente e comeu.

Uau.

Bastante poético, eu diria.

O quarto dele é o seu lugar de paz.

Tentei não parecer descarada, mas olhei mais detalhadamente para o quarto. Vi no canto direito algumas estantes brancas contendo livros, um armário na parede de frente à cama e na parede do meu lado, a grande janela que, na verdade, era uma porta que dava para uma varanda. Enorme e com persianas brancas. No quarto não tinha TV, computador ou qualquer coisa eletrônica.

Após o café, eu pedi uma toalha para tomar um banho. Depois, ele tomou o dele e eu fiquei aguardando na sala, sem saber o que exatamente aconteceria.

Lorenzo apareceu minutos depois, vestido com uma calça jeans e uma camiseta preta na sala, pegou um molho de chaves e o capacete numa mesinha no canto da sala e virou-se para mim, que olhava tudo, sentada no sofá.

— Vamos? — perguntou.

Não me decepcionei pelo fato dele não estar carinhoso como ontem ou não mencionar nada sobre isso. Acharia estranho se fosse o contrário.

Mas no fundo, no fundo, eu queria que ele sorrisse pra mim, me abraçasse e me beijasse.

Mas não podemos ter tudo.

Como prometido, ele me deixou em casa e se foi dando tchau, acenando.

Subi para meu andar e entrei em meu apartamento sentindo algo muito estranho no peito.

Como uma premonição ou um sentimento de que algo de ruim estava prestes a acontecer na minha vida.

— Cruz credo, velho barbudo do destino! Tira essa aflição de mim! — gritei no meio da sala, antes de jogar meu corpo no sofá e cochilar mais um pouco.

A minha vida estava muito estranha, definitivamente.



Passaram-se alguns dias desde aquele fim de semana e eu não vi mais Lorenzo em lugar nenhum. Nem na academia, nem de moto na rua, nem quase me atropelando ou pelo shopping com Geovanna.

Bateu uma leve saudade, nada demais. Nada incontrolável. Pff... Óbvio que eu podia controlar. Eu sou Lorena Vidal, a mulher independente de 25 anos que pode conquistar tudo que almejar na vida com o suor do seu rosto.

Mentira.

A quem eu quero enganar?

Tava é doida pra conquistar aquele moreno misterioso *badboy dark* de olhos escuros e asas nas escápulas, que simplesmente me enfeitiçou com seu cheiro de homem.

Lorena idiota.

Cérebro idiota.

Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!

Quero gritar. Gritar muito, demais! Estou virando uma maluca. Vejo aquele homem em todos os lugares aonde vou, mas em nenhum deles ele realmente está.

Isso já aconteceu contigo?

Porque vou te contar... Está me consumindo essa coisa de ansiar que ele apareça do nada, sabe?

Enfim...

Foco no meu dia a dia.

Comecei a trabalhar na academia e logo na primeira sexta-feira fui chamada para um happy hour com a galera do trabalho. Não sou de beber, meus pais me acostumaram assim, mas acabei entrando no clima pra não parecer tão fora do grupo.

Conheci Diego, Flávio e Cléber, os personal trainers, e Diana, a outra professora de dança de salão. Além deles, também foram Gianne e Luana, as duas recepcionistas.

Estávamos num barzinho próximo à academia, lá por umas dez da noite, como combinado, falando sobre diversos assuntos, quando os homens começaram a se gabar de si.

— Ah, nem vem, Cléber. Eu sou o mais atiçado pelas alunas — Flávio afirmava, sorridente.

Ele realmente era o mais bonito dos três. Porte atlético completamente definido e sorriso sedutor bambeador de pernas fracas. Sem mencionar o cabelo dourado despojado, combinando com os olhos mais amarelados, na cor âmbar,

que eu já vi em toda a minha vida.

Ele realmente era um gato.

Conversa vai, conversa vem, Gianne entrou no assunto proibido pro meu cérebro nos últimos dias.

— Menina... Eu estava doida pra te perguntar num momento descontraído como esse. O que foi aquilo do Lorenzo naquele dia, hein? — Ela me deu um cutucão com o cotovelo que me fez quase esbarrar na bebida.

Eu me ajeitei sem graça e sorri levemente pra ela.

— Não foi nada. Nós apenas já nos conhecíamos, então... — Não concluí e dei de ombros.

— Hum... Sei — ela afirmou, pensativa, semicerrando os olhos, me analisando.

Medo.

É o que eu tava sentindo daquela olhada que ela me deu.

— Bom, está gostando da academia, Lore? — Luana me livrou do momento constrangedor.

Obrigada, Luana! Que Deus te abençoe!!!

— Ah, sim. Estou adorando dar aulas lá. A academia é super bem requisitada e os meus horários são ótimos — falei.

Eu trabalho na “Clamp” nas segundas e sextas pela manhã, e terças e quintas à tarde e à noite. Nas quartas não dou aula e fico super à vontade para fazer o que quiser. Fora que o salário é excelente e dá pra me programar tranquilamente.

Ao fim da nossa saída descontraída, Flávio, o professor gato, me chamou em particular. Fomos até o lado de fora do barzinho e ficamos conversando na calçada.

— Então, Lorena. A gente quase não se fala no trabalho. Eu queria te convidar para curtirmos uma noite juntos. Balada, passeio, cinema, o que quiser. Que tal? — ele disse, jogando seu sorriso sedutor e olhar fatal em minha direção.

Ele é bastante diferente de Lorenzo. Os olhos sorriem, são serenos. O sorriso é travesso, lindo. O corpo forte e bem moldado, mas prefiro o do motoqueiro.

Que imbecil, Lorena! Vai ficar comparando os homens com ele?

Minha vida estava numa maré de azar tão grande que, se eu desse bola pro Flávio e depois soubesse que ele é comprometido ou gay, não me surpreenderia.

Na verdade eu ria da minha cara de frente para o espelho.

Isso. Novo ritual. Achar graça das minhas desgraças de frente ao espelho, pois se o destino ri da minha cara, eu também posso.

— Pode ser — Sorri meio não rindo e assenti.

— Vamos então? — ofereceu.

— Agora? — me espantei.

— Sim, está cedo, tem uma boate muito boa que acabou de inaugurar. Vamos? — Estendeu a mão a mim.

— Tudo bem. — Dei de ombros.

Afinal, o que eu tinha a perder? O cara tá afim de mim, acho ele legal. Não devo satisfação a ninguém, não tenho namorado... Posso sair pra balada com quem quiser, certo?

Retornamos ao pessoal dentro do bar e avisamos da nossa saída. Os garotos zoaram Flávio com alguma piada interna e as meninas me deram beijinhos se despedindo.

Flávio foi no carro dele e eu, que já havia comprado a bateria do meu, o segui.

Chegando lá, naquele ambiente escuro com luzes coloridas e som estridente, eu e ele fomos para um canto mais calmo, onde podíamos falar sem gritar.

— O que achou do lugar? — Ele se aproximou de frente a mim e perguntou no pé do meu ouvido.

Senti o arrepio da sua voz atingir minha espinha, mas me contive e sorri.

— Adorei, muito inovador todo o ambiente. — Droga, eu não sabia nem como flertar.

— Vamos dançar — disse ele, e me puxou pelo braço, um pouco bruto, mas eu fui mesmo assim.

Chegando no centro da pista de dança, começamos a nos mover ao som das batidas. Ele ora me olhava nos olhos e sorria, ora ficava deslizando os olhos pelo meu corpo. Até que se aproximou, segurou minha cintura e me beijou.

Não foi um beijo carinhoso. Foi um beijo voraz, cheio de outras intenções. Intenções essas que eu não estava a fim de realizar.

Afastei-o um pouco e tomei fôlego. Flávio era intenso e eu não estava pronta para tanta intensidade assim, rapidamente.

Ele se aproximou novamente e continuamos a dançar grudados um no outro. Com o tempo, eu me deixei levar e logo começamos a nos beijar de novo, mas Flávio tinha uma mão muito inquieta e a levava em diversos locais que me deixavam desconfortável.

Já falei que sou meio careta com isso. Não que eu seja puritana ou santa, mas poxa, tem que ao menos rolar uma conversa boa, ter bastante afinidade. Odeio quando a pessoa quer levar logo pro lado íntimo, isso faz com que eu me sinta desmerecida de alguma forma. Como se o meu corpo fosse a parte mais importante. Mulheres não são corpos, são seres superespeciais e maravilhosos dentro de corpos. Tente pelo menos desvendar um pouco do interior, antes de sair correndo atrás do exterior como um cachorro sedento.

Afastei-o novamente, mas ele me conteve.

— Flávio, me solta, por favor? — pedi, com jeitinho.

— Calma, morena. Não estamos fazendo nada demais. Somos adultos. — Grudou seu corpo em mim e suas mãos novamente correram por diversos lugares.

Eu me senti mal com ele ali, assim.

Afastei ele de novo, mas o carrapato não desgrudava.

— Flávio. Por favor — falei, mais firme.

A cena se repetiu mais duas vezes, quando então um corpo afastou Flávio de mim.

— *Tá* ouvindo o que ela pediu, não? Quer que eu trate do seu ouvido? — Uma voz familiar esbravejou.

Quando me virei e fixei os olhos no dono da voz, logo reconheci.

Miguel.

Ufa, salva pelo gongo.



— Que cara babaca! Quem era? — Miguel perguntou assim que saímos da boate, após deixar Flávio lá parado, cheio de medo de apanhar.

— Um colega de trabalho. Bom, acho que não mais — sorri.

Ele riu do meu comentário enquanto caminhávamos até onde estacionara meu carro.

— Nunca mais soube de ti. O que tens feito de bom? — perguntou ele.

— Ah, trabalhado bastante. Nada muito animador. — Pergunto ou não pergunto de Lorenzo? — Naquele dia, se não fosse por Lorenzo, talvez

tivéssemos conversado mais.

Estava torcendo para ele agarrar a isca.

— Verdade. Lorenzo é meio temperamental, mas é um bom amigo. Falando nele, ele andou meio sumido esses dias — comentou ele, como quem não quer nada, com as mãos nos bolsos da jaqueta, chutando pedrinhas no chão enquanto caminhava.

— Ah, é? E... Você sabe por quê? — perguntei, sem mais nem menos, sabe... Ah, vocês entenderam.

— Não sei. Ele nunca se isolou por muito tempo. Às vezes durava uns dois dias apenas. Mas já estamos há quatro sem vê-lo. O vimos na segunda, no ensaio da banda, e só.

Chegamos ao meu carro.

— Bom... É isso. Obrigada, Miguel.

— Ah, de nada. Disponha sempre. Você é uma garota legal, merece caras legais. Daqueles que te levem flores e façam serenatas, sabe? — disse, sorrindo.

Miguel realmente é um anjo de pessoa.

— Obrigada — respondi, dei dois beijos em suas bochechas e entrei no carro.



No dia seguinte, sábado, meu despertador não tocou, pois não toca nos finais de semana. Então levantei, já eram quase dez da manhã, quando uma batida na porta me surpreendeu.

Eu não estava esperando visitas.

Ao abrir, dou de cara com Maysa, sorridente, vindo me abraçar.

— Amiga! Que saudade! — disse ela, me abraçando.

— Sim. Mas... O que houve pra me visitar? Deu pulga na bunda?

Comecei a rir, mas ela fechou o rosto e começou a chorar.

Ela era assim. Sua mudança de humor era uma característica genuína sua.

— Ah, May. Senta aí no sofá, vou buscar um suco de maracujá pra você — falei e ela obedeceu.

Ao retornar com o suco, sentei ao lado dela no sofá e passei uma mão em suas costas, afagando-a.

— Calma, bebe isso e me conta o que houve.

Ela enxugou as lágrimas e bebeu o suco. Após beber tudo, colocou o copo na mesinha de centro na nossa frente e se virou para mim.

— Emily e eu brigamos feio! Eu disse que ia embora por causa disso!

— Mas como? Vocês são unha e carne. O que aconteceu? — perguntei, espantada.

Elas nunca brigam. São como irmãs. Mais do que com as outras.

— Ah, foram várias briguinhas pequenas que acabaram numa bola de neve. Não sei o que fazer. Ganhei esses dois ingressos para inauguração do museu novo hoje e não tenho ninguém pra ir comigo.

— E as outras meninas?

— Todas ocupadas hoje. Na verdade você foi a primeira que veio na minha mente — disse, ainda um pouco tristonha.

Fiquei morrendo de pena. Odeio museus, mas pela amizade a gente faz tudo, né?

— Tá, eu vou contigo. Mas depois quero você e Emy resolvendo esse problema de vocês aí — afirmei, séria.

Eu me aprontei. Ela já estava arrumada. Peguei minhas sapatilhas, pois não sabia o que o passeio me esperava, e as coloquei na minha bolsa.

Fomos no meu carro mesmo e enquanto eu dirigia, May colocava várias músicas para dar um up no astral, no som do carro.

Chegamos lá e ela já estava mais animada. Entregamos os ingressos na entrada e começamos o tour chato na casa das velharias.

Ah, gente, não gosto e ponto.

Passamos por uma sala de quadros muito bonitos. Tá, alguns pareciam até terem sido pintados por bebês em fase de desenvolvimento motor, mas estavam lá, então deviam ter algum valor.

Nosso passeio foi rolando por quase uma hora. Maysa parava para olhar tudo com calma. Eu, que odiava aquele ambiente, pedi licença e fui até a cantina do museu. Sim, no final dele tinha, tipo, uma pracinha de alimentação. Aquele museu parecia um mini shopping.

Comprei um suco e voltei até onde Maysa estava. Caminhamos até a sala de esculturas. Tinha umas estátuas de gente sem uma parte do braço, ou pelados. Era uma coisa meio doida. Eu estava admirando uma escultura de uma mulher deitada, olhando pro céu, bem de pertinho, quando uma mão pesada me cutucou.

— Ei, senhorita, não pode se alimentar aqui.

Já era tarde demais. Meu suco havia caído todo em cima da escultura. Eu comecei a tremer de nervoso. Maysa estava do outro lado da sala, vendo outro item, e meus olhos temerosos foram de encontro aos do guarda que me cutucou.

— Sabe que a culpa foi sua, né? — indaguei, tentando conseguir um álibi.

Ele cruzou os braços e me encarou, sério.

Por que todo segurança tem de ser gigante? Meu Deus, esse cara dá medo.

— Não é permitido comer ou beber no recinto. A senhorita já começou errada. Agora terá de arcar com os danos do objeto que derrubou.

Opa opa, pera lá.

— Quanto cu-custa essa mulher pe-pelada? — perguntei com a voz trêmula, gaguejando.

Acho que só não fiz xixi de nervoso ali, pois teria de arcar com o piso também, e isso não seria nada legal.

Isso! O banheiro!

— Ham... Onde fica o banheiro por aqui? — Cocei o queixo, enquanto perguntava.

— Não vai tentar fugir, né? — o guarda replicou.

— Claro que não, apenas estou muito apertada. — Fiz cara de súplica, unindo as sobrancelhas e fazendo um biquinho leve.

— Tá, fica naquele corredor. — Ele apontou e eu fui correndo direto pra ele, sem May perceber.

Chegando lá, entrei na cabine e não pensei duas vezes.

Calcei as sapatilhas, fiz a pose de balé, esperei e *pluft!*

Retorno de uma hora no tempo: OK.

Aproveitei e usei o banheiro para sua finalidade original e na hora em que retornei à sala onde estávamos, May não estava lá, mas a estátua estava intacta.

Procurei minha amiga pelas salas anteriores e a encontrei rapidamente. Finalizamos o tour uma hora e meia depois e voltei pra casa. Convenci May a se abrir com Emily e se entenderem, para poder conviver em harmonia sempre.

Ela me agradeceu por acompanhá-la hoje e eu sorri.

Se ela soubesse de tudo o que houve de verdade, não me agradeceria.

Já era início de noite, deitei na minha cama, cansada pelo passeio e por ter dado faxina na casa durante a tarde, quando meu celular tocou.

— Fala, maninho. — Era Dante.

— Oi, irmã linda. Estava com saudades de conversar com você. Como vai?

— Quanto?

— Oi?

Eu ri.

— Quanto quer que eu te empreste? Tá muito carinhoso.

— Ah, vaquinha. Quero nada não. Na verdade, quero sim.

— Sabia! — exclamei.

— Quero um conselho. — Sua voz era calma, parecia conter ansiedade.

— Desembucha.

— Sabe a Leonora?

— Claro que sei. O que tem ela? — eu perguntava, rolando pra lá e pra cá na cama, com o telefone na mão.

— Acho que estou apaixonado. Estamos juntos há quatro meses, mas nunca falamos essa coisa de amar um pro outro, sabe? Como você acha que devo dizer isso a ela?

Nossa... Pergunta difícil. Leonora não era uma amiga íntima. Como saberia seus gostos? E se ela fosse um enigma, como Lorenzo? Meu irmão ia achar que estava agradando, quando na verdade não estava. Seria engraçado.

Ri com o celular na orelha.

— Tá rindo do quê, pirralha? — Dante perguntou, nervoso.

— Nada, não. Relaxa. Apenas diga. Seja verdadeiro e sincero. Mulheres gostam da verdade.

Ele respirou fundo do outro lado da linha.

— Ok. Sinceridade e verdade. Anotado. Obrigado, chatonilda, sabia que não ia negar ajuda ao seu melhor irmão.

— O único, você quis dizer, né?

— Ah, você entendeu. Beijo, te amo.

— Também.

Desliguei a ligação e fiquei pensando se um dia eu ainda ouviria essas palavras saírem da boca de alguém, sem ser da minha família ou das minhas amigas.

Seria um pouco difícil.



Capítulo Seis

LORENZO

Eu precisava me manter longe.

Distância.

Distância.

Distância.

Essa era a palavra.

Eu estava há dias sem entender muito bem o que estava acontecendo na minha vida e apenas falava com minha mãe, nas ligações que ela me fazia da Espanha às 4 da manhã, todos os dias.

Até que um dia, de tanto insistir, atendi uma ligação de Miguel.

— Finalmente, cara! — falou, assim que me ouviu atender.

— Fala logo, não tô afim de papo. — Fui rude.

— Fiquei preocupado só. Ontem encontrei a Lorena numa boate, sabe, a cunhada da sua irmã. Ela também parecia preocupada.

Respirei fundo.

— Só isso? Não preciso da preocupação de vocês. Semana que vem eu estarei no ensaio.

— Tá bom. E... — ele titubeou. — A Geovanna, tem notícias dela? — Ele parecia receoso.

Acho que estou perdendo alguma coisa aqui.

— Não, ainda bem que me lembrou dela. Obrigado. Agora tenho que desligar, tchau. — Desliguei antes que ele falasse algo.

A última pessoa que eu queria ouvir o nome era o de Lorena.

Aquela morena era tudo de que eu precisava manter distância.

Sempre gostei de mulheres submissas, que apenas fazem o que ordeno e não reclamam de nada. Distância sentimental é essencial pra mim, e Geovanna fazia isso bem. Apesar de estar interessada nitidamente em mim, nunca me exigia nada além do que eu podia dar.

Lorena era completamente o oposto.

Era confiante.

Era decidida.

Impulsiva.

Não influenciável.

Era de atitude.

E era linda.

Resultado: Distância. Distância. Distância.

Desde o dia em que esbarrei minha moto nela, senti um fio invisível me conectar àquela estranha. Fui rude, zombeteiro e até mal-educado com ela, afinal, não sei ser aquela coisa de “cara perfeito” que as mulheres idealizam. Ainda bem.

Mas eu tentei ignorá-la quando ela gritou comigo após o esbarrão. Porém, o tal fio começou a me puxar pra trás, e quando percebi já estava cara a cara com ela.

Eu a esqueci no momento em que parti com minha moto, após o quase acidente, mas no dia seguinte o ser que rege o universo me sacaneou e me fez ficar cara a cara com ela novamente. Meu "malômetro" até tremeu, um pouco antes de nos apresentarmos. Ele pode ter confundido a tensão do ambiente com o que ele realmente detecta e tremeu por isso. Ignorei-o e ali fiquei, observando aquela morena de olhos achocolatados e corpo esguio se movimentar no dia de seu aniversário. Minha mente só me repetia a mesma coisa, dizendo o quanto ela era linda.

Espantei os pensamentos sobre sua beleza no momento em que me lembrei do motivo de estar no Brasil durante aquele período. Sempre fugi da minha família por achar que eram todos loucos, mas receber uma missão daquele nível, mesmo sem acreditar que tudo o que eles me diziam desde a infância era verdade, fazia meu foco ser automaticamente direcionado ao que de fato me importava.

Até achei que Lorena e eu podíamos ser colegas. Amigos não, essa coisa de ter mulher como amiga não é pra mim. Elas são instáveis demais e eu não tenho paciência. Geovanna está saindo comigo há dois meses e eu já estou de saco cheio, mesmo que a coitada não faça nada demais. Apenas pede um abraço ou algo do tipo às vezes.

Mas não a abraço.

Nunca a abraço. Contatos físicos desse nível são portais e não quero abri-los para ela, nem pra ninguém.

Não posso abri-los.

Não quero.

Só que Lorena começou a invadir um espaço proibido em mim, naquele dia da sorveteria. Sempre fui reservado e, quando a vi na academia, pensei em ignorá-la. Todos os meus amigos da banda estavam lá, malhando também, e eles não podiam vê-la comigo. Não sei, apenas não podiam.

Mas...

Quando ela saiu correndo e esqueceu a mochila, eu pensei em não me importar e ir embora. Porém, o maldito fio pesou em minha mente, me fazendo ir atrás da morena. Daí aconteceu aquele maldito beijo, ou quase um.

Pior de tudo. Eu que o iniciei.

Depois daquilo, eu tive mais certeza ainda de que precisava manter distância dela.

Enfim... A queda no abismo foi naquela madrugada, quando, não sei por quê, a trouxe até minha casa.

Era pra tê-la deixado ir caminhando na chuva até seu apartamento, não era longe.

Era pra tê-la deixado pegar um possível resfriado.

Era pra não me importar com ela.

Por isso estou aqui hoje. Isolado, mantendo distância de tudo e todos e organizando essa coisa na minha mente que quer se alastrar.

Preciso contê-lo.

Meu celular tocou novamente, algumas horas após Miguel me ligar, no fim da tarde.

— Oi, Lea — atendi Leonora.

— Lorenzo, estou com problemas. — Sua voz era chorosa.

— Como assim? Onde está? O que houve? — perguntei, preocupado.

— Não, não precisa ficar assim, é algo que você não pode mudar ou me ajudar. — Respirou fundo.

Pensei e logo uni as peças.

— Não, Leonora. Não me diga que...

— Sim. Eu não consegui. — Ela começou a chorar no telefone. — Tentei, mas ele... Ele é especial.

— Droga, Leonora! Sabe que não podemos. NÃO PODEMOS! — esbravejei.

— Mas... eu não acredito no que mamãe falou, não posso fugir disso, Lorenzo. Confesso que estou com medo. Muito. — Chorava copiosamente.

Bati a mão na testa e lamentei.

— Droga... Droga... Vai embora, caramba! Volta pra Espanha! Vai ser melhor, se aquilo tudo for verdade.

— Não, eu confio que vai dar tudo certo. Você já encontrou?

Eu sabia a que ela se referia.

— Ainda não. — Soltei um leve bufo.

— Vai conseguir, eu vou ajudar. Vai dar tudo certo. — Tentou soar confiante.

— Tudo bem, vamos conseguir. Fica bem, Leonora. — Desliguei.

Agora definitivamente eu não podia me desligar da minha missão, não mais.

Liguei para Geovanna e ordenei que me encontrasse no local de sempre. Trinta minutos depois, cheguei ao hotel onde eu tinha uma reserva vip garantida sempre que eu ligasse.

E lá passei a noite com Geovanna, pela milésima vez.

Ela supria todas as minhas necessidades físicas, aliviava minha tensão, mas não resolvia o problema.

Ao amanhecer, percebi que ela estava ao meu lado na cama, com um braço por cima da minha cintura.

— Ei! — Afastei o braço dela e a cutuquei para que acordasse.

— Hã? — Ela abriu os olhos, sonolenta, e falou.

— Pode ir agora — soltei.

Ela imediatamente levantou e me fitou com os olhos cheios de lágrimas. Que chata, será que não percebe que nunca vai ter nada de mim?

— Lorenzo, por que faz isso? Nossa noite foi incrível ontem! Por que não podemos ter algo mais? — dizia, com a voz trêmula.

— Geovanna, não vou repetir tudo pela décima vez. Apenas vá — falei rudemente, com seriedade em meu olhar.

Ela limpou o rosto, começou a colocar suas roupas e me olhou com ódio.

— Chega! Pra mim acabou! Sabe aquele dia da festa da banda? Miguel foi muito cavalheiro comigo, acho que vou investir nele! — cuspiu, com ódio.

Eu me mantive sério, sentado na cama com os braços cruzados atrás da cabeça, olhando ela se aprontando para ir.

— Precisa da minha bênção? Eu abençoo. Fora — ordenei.

Ela se foi.

Se eu senti pena ou algo do tipo?

Não. Não sinto essas coisas.

O que eu percebi naquela manhã não tinha nada relacionado com Geovanna.

O que eu senti naquela manhã era que eu podia ter todas as mulheres do mundo na minha cama, uma por dia, mas meu cérebro não iria jamais apagar a imagem da bela morena.

A imagem dela estava começando a se alastrar lentamente.



Capítulo Sete

Mais dias se passaram e eu comecei a andar com minhas sapatilhas mágicas pra cima e pra baixo. Precisava me prevenir, vai que rolava algum desastre?

Tá bom... Rolaram alguns desastres.

Dias atrás mesmo, eu mandei uma mensagem falando tudo que estava acontecendo na minha vida, desabafei legal. Acabei até usando umas palavras meio chulas explicando pra Anna o porquê de eu não estar animada pra sair com as *batgirls*.

O desastre foi que, em vez de enviar a mensagem pra ela, enviei pro meu chefe. O dono da academia, sabe? Sim. Eu tenho o celular dele salvo no meu. Sou uma mulher precavida.

Daí, o que eu fiz?

Dá-lhe sapatilhas mágicas.

Pronto, resolvido.

Já no dia seguinte, foi um desastre meio esquisito. Meu celular não despertou e eu acordei em cima da hora da minha aula de dança de salão. Nem

deu tempo de dar a bendita caminhada. Cheguei lá atrasadíssima e então...

Dá-lhe sapatilhas mágicas de novo.

Depois disso, foi um desastre em cima do outro. Usei a bendita umas quatro vezes. Agradei mentalmente por tê-la, pois senão minha vida já estaria em ruínas, com toda a certeza.

Após dar minha aula daquela manhã, decidi almoçar fora. Rodei pelas ruas em meu carro, até me lembrar de um restaurante maravilhoso que fica próximo ao trabalho da Anna. Liguei pra ela avisando que iria pra lá e perguntei se ela não podia almoçar comigo. Ela concordou.

— Lore! Você está meio distante, aconteceu algo? — Anna me perguntou, durante o almoço.

— Ah, amiga. Aconteceram muitas coisas. Eu estou confusa e sem saber o que fazer com as coisas que estou sentindo.

Comecei a contar tudo sobre a jornada “Lorenzo” que estava sendo minha vida nos últimos dias e, em alguns momentos, ela ria, em outros apenas ouvia quieta.

— É isso. Sinto falta do desaparecido, mas não sei o que fazer caso o veja novamente — suspirei, derrotada.

— Amiga. — Ela segurou minha mão sobre a mesa e eu a olhei nos olhos. — Sei que não sou tão boa nos conselhos e às vezes até pareço não me importar, mas eu acho que você deve manter distância dele. Se ele mentiu sobre os pais, não deixa nada claro, não te dá indícios de que quer algo contigo, nem a deixa entrar em sua vida, nem que seja um pouco, depois de tudo que passaram, eu daria o fora disso antes de me magoar.

— Mas... Nós não temos nada sério. Ele não tem a obrigação de me dizer nada e... Eu acho que talvez com o tempo...

— Para! To vendo você há dois anos de novo, chorando por aquele namorado imbecil que te tratava como a prostituta dele, te procurando só pra sexo. Lorena, lembra! — Estalou os dedos na minha frente. — Não é que vocês

não tenham nada sério, vocês não têm nada! Ouviu? Nada!

Engoli em seco e absorvi a verdade.

Por isso era sempre bom ver de um ângulo externo.

Acabamos o almoço e, no momento em que eu abri a bolsa para pagar a conta, percebi que não tinha levado meu cartão do banco. Não quis pedir para a Anna pagar meu almoço, pois eu odiava ficar devendo dinheiro. Pedi licença a ela, me levantei da mesa e fui com minha bolsa ao banheiro. Antes a agradei pelo conselho. Segui até a cabine e lá calcei minhas sapatilhas, retornando uma hora inteira no tempo.

Imediatamente mandei outra mensagem para Anna dizendo que não precisava almoçar comigo, pois eu comeria em casa.

E foi o que eu fiz. Não sentia mais fome, mas não parecia que eu tinha acabado de almoçar. Aquele enjoo fraco tomou meu estômago e, ao chegar em casa, deitei um pouco antes de preparar o almoço.

Após o almoço, eu fiquei pensando na vida. Em tudo que eu sempre fui e em tudo que meus pais me ensinaram. Confesso que fui criada para ser tratada como princesa quando encontrasse alguém especial, mas minhas experiências amorosas só me provaram que eu tinha dedo podre. Afinal, algo de ruim tinha que acontecer. Sempre tive sorte em tudo, sempre fui bem-sucedida e feliz, mas no amor... Eu era um desastre.

Droga, era não, ainda sou.

Lorenzo não sai da minha cabeça. Sei que não o amo nem estou apaixonada, mas ele me instiga, me atrai de uma forma tão estranha que, quando o vejo, me sobe um calor incomum me sugando até ele. É como se eu e ele precisássemos estar juntos, unidos, como um só.

Muito esquisito, pois nunca senti essa coisa antes. Mas Anna tem razão, eu precisava focar no que eu sempre fiz após a superação do meu ex-namorado, que passava o fim de semana aqui em casa apenas para suprir seus desejos e durante a semana não atendia nenhum telefonema meu.

Quando deram 17 horas, eu notei que passara a tarde toda deitada no sofá, pensando na minha vida pós-sapatilhas, e acabei esquecendo de “faxinar” a casa, que já estava um caos.

Voltei uma hora no tempo com as sapatilhas e fiz a bendita faxina antes de tomar um banho e me arrumar para ir à academia.

Naquela noite eu não tinha mais aulas pra dar, porém o contrato dizia que, se eu quisesse usar as outras modalidades, eu poderia fazer gratuitamente. Decidi que começaria a malhar.

Nada relacionado com quem eu talvez encontrasse lá. Claro que não.

Droga... Tá, um pouquinho só relacionado.

Não me preocupo mais com Flávio, ele foi mandado embora dias após o episódio da boate. Como isso foi acontecer eu não faço a mínima ideia, mas fiquei tranquila de saber que não preciso temer seus abusos durante meu treino.

Estacionei meu carro na rua ao lado da academia, onde tinha um estacionamento particular para funcionários, e segui até meu destino a pé.

Chegando lá, Gianne, a sabe-tudo, me cumprimentou sorridente. Até demais, eu diria.

— Viu o passarinho furta-cor, doida? — perguntei.

— Não, mas acho que você vai ver o passarinho negro bem ali. — E apontou para a sala de musculação.

As paredes de vidro mal cobriam as salas, então pude avistar de longe Lorenzo, finalmente, após longos dias, malhando em um dos aparelhos.

Meu coração deu uma acelerada estúpida, porém respirei fundo e agradei à Gianne pelo aviso. Vesti minha máscara imaginária você-não-me-afeta-mesmo-sendo-lindo-demais e segui com o rosto erguido até a mesma sala, onde eu também me exercitaria.

Entrei lá e, claro, minha chegada chamou a atenção de algumas pessoas.

Lorenzo, que estava em um aparelho exercitando as pernas, virou o rosto imediatamente em minha direção, fazendo com que seus olhos se encontrassem com os meus, porém logo os desviou, se concentrando em seu exercício.

Dois podem jogar esse jogo, queridinho.

Chamei o professor daquele horário, para me dar as instruções iniciais. Era Maurício, o que foi contratado para ficar no lugar de Flávio. Um homem negro, alto, forte, de sorriso amigável.

— O que quer malhar? Qual área do corpo? — perguntou, ao se aproximar.

Enquanto eu pensava, rolei discretamente os olhos e percebi os olhos de Lorenzo em mim. Bom saber.

— Barriga, pernas e braços. Ah, me diga o que for melhor — sorri.

Ele me deu as instruções e ficou ao meu lado, auxiliando em todos os aparelhos. Mesmo não estando com Lorenzo no meu campo de visão, eu podia sentir seus olhos em mim. Será que ele viria falar comigo?

Não seria eu a dar o primeiro passo, chega. Dignidade em primeiro lugar.

Quase no fim do meu treino, avistei uma bela mulher branca de cabelos escuros se aproximando de Lorenzo e cochichando algo em seu ouvido, com a feição um pouco receosa.

Os olhos dele imediatamente perceberam que eu os vi, então desviei o olhar. Quando não contive minha curiosidade e voltei a olhá-lo, a mulher já arrancava sorrisos dele e então tirou algo do seio, algo metálico e quadrado, colocando-o dentro do short dele, na frente. De maneira descarada.

Parecia um...

Ah, não.

Não serei obrigada a presenciar isso.



Eu não podia me mostrar afetada.

Eu não podia me mostrar afetada.

Eu não podia me mostrar afetada.

Repeti mentalmente enquanto assistia Lorenzo largar os halteres no chão, lançar um sorriso sacana para a tal mulher e ir para o vestuário masculino, vendo a dita cuja entrando lá um pouco depois dele.

Assim que ela entrou, senti meus olhos arderem e então saí do aparelho onde estava e corri para o banheiro do outro lado do corredor, fora da sala. Não precisava saber que isso aconteceu, não precisava aceitar que aconteceu. Calcei as sapatilhas e retornei uma hora no tempo, voltando ao momento exato em que eu chegava na academia.

Os olhos não conseguiram conter as lágrimas, então as deixei cair. Eu estava parecendo uma tonta estúpida? Estava. Mas ele não saberia disso.

Coloquei minha mochila contendo tudo que eu havia trazido nas costas e andei a passos largos até a recepção, a fim de ir embora. Não falei com ninguém, apenas saí.

As lágrimas caíam sem parar. Ele ia mesmo transar com uma qualquer num vestuário de academia! Só de pensar nisso, atesto como me enganei sobre ele. Com certeza a parte fofa foi mero teatro e aquela coisa de “não trago ninguém ao meu apartamento” deve ter feito parte do pacote.

Mentiroso.

Sujo.

Cruel.

Será que ele não se tocou de que tínhamos vivido algo legal naquela noite? Será que ele achou que eu era do tipo careta demais pra ele?

Aff, não mereço isso.

Corri pela rua até chegar ao semáforo e, antes de atravessar, arrisquei uma última olhada para a academia. Surpreendi-me quando vi Lorenzo correr até a beira da rua com algo na mão e então, aparentemente ofegante, olhar de um lado pro outro como se buscasse algo. Até que seus olhos me veem.

Estava a uns 80 metros de distância e, sem pensar, desviei o olhar e comecei a atravessar a rua rumo à lanchonete, ao lado da sorveteria. Precisava me distrair e comida era a solução.

Meus olhos embaçados pelas lágrimas fitavam o chão enquanto atravessava e não me dei conta de que estava quase no meio da pista, quando ouvi uma buzina estridente me fazendo entrar em estado de alerta.

Em uma fração de segundos, fui puxada para trás por algo e o carro em velocidade altíssima passou a dois palmos de onde eu estava. Eu podia ter morrido.

Alguém segurou minha mão e me puxou mais para trás, até que eu retornasse à calçada. Meu estado de choque não me permitia perceber de imediato o que estava acontecendo, mas um tempo depois eu finalmente retornei a mim e olhei para meu corpo, verificando se estava sã e salva. Arrisquei uma olhada para os lados e levei um susto.

Era ele.

Lorenzo estava lá ao meu lado, com as mãos apoiadas nos joelhos de maneira cansada e respiração ofegante, fazendo seu peito subir e descer sem parar.

Eu já estava chorando antes, depois daquilo então eu abri uma porteira de lágrimas e me abracei, chorando incessantemente enquanto pensava em tudo que aconteceu nos últimos minutos.

— Ei, não chora — a voz de Lorenzo perto de mim, mas não o olhei. Continuei com os olhos fechados.

— Ei... — A voz dele estava mais suave. — Está tudo bem, foi apenas um susto. — Ele levantou meu rosto com o indicador, me forçando a encará-lo.

Sem pensar muito, eu abri bem meus olhos, que deviam estar vermelhos, e me lancei nos seus braços fortes, permitindo que eu tivesse ao menos esse curto contato com seu corpo, já que não terei nunca algo mais.

Lembrei-me de que não faria vergonha comigo mesma, quando percebi que ele não retribuiu o abraço. Ele estava imóvel.

Eu me afastei lentamente e o olhei nos olhos. Os olhos dele estavam arregalados, suas pupilas dilatadas e a respiração entrecortada. Seus lábios semiabertos auxiliavam as narinas, sugando mais ar aos pulmões e, assim como eu, ele parecia um pouco abalado pelo meu quase acidente.

— Obrigada — falei lentamente, um pouco constrangida pelo meu ato anterior.

Ele não disse nada, apenas olhava em meus olhos intensamente, sério e silencioso. Até que me puxou rapidamente para mais um abraço.

Esse abraço foi diferente. Ele participou.

Ele afagava minhas costas e me encaixava em si, com cuidado e cautela. Eu precisava me proteger, pois sabia o que aconteceria caso eu não tivesse retornado no tempo. Ele não se interessava por mim, o que sentia devia ser pena. Afinal, eu quase morri.

Então me afastei de seu abraço, agradeci novamente e voltei até a beira da calçada, aguardando o sinal fechar para ir à lanchonete. Meu corpo ainda estava um pouco trêmulo, mas eu conseguia me manter de pé. Eu sempre fui forte.

O sinal fechou e eu atravessei. Senti que Lorenzo vinha atrás de mim e, sinceramente, eu não estava disposta a aturar seus surtos de humor e mistérios naquele momento. Não quando eu estava tão sensível e abalada.

Entrei na lanchonete e sentei à mesa. Resolvi olhar um pouco o cardápio pra ver o que eu escolheria, mas uma voz irrompeu no ambiente.

— O sanduíche natural daqui é muito bom.

Ele sentou à minha frente. Estávamos separados apenas pela pequena mesa quadrada do estabelecimento e eu decidi ignorar suas tentativas de aproximação por pena.

Quem tem pena é galinha!

Continuei analisando o papel em minhas mãos, até que me decidi pelo bendito sanduíche natural. Fiz o pedido e fiquei aguardando em meu lugar.

— Vai me ignorar mesmo? — ele tentou me chamar a atenção.

— Desculpe. O que disse? — Me fiz de desentendida.

Ele franziu o cenho, estranhando minha atitude, provavelmente.

— Você quase foi atropelada, podia ter morrido e eu te salvei. É assim que você costuma tratar as pessoas que te ajudam na rua? — ironizou.

Respirei fundo.

— Não preciso disso. Sério, não preciso. — Balancei a cabeça em negativa e me levantei de onde eu estava.

Fui até o balcão cancelar o meu pedido e, com minha mochila nas costas, saí o mais rápido que pude daquele lugar. Não me faria bem mais uma dose do motoqueiro misterioso. Eu sabia que meu coração podia se apegar ainda mais e tinha que evitar.

Precisava.

Mas não adiantou muito fazer isso, porque o dito cujo foi atrás de mim, e ao me alcançar na rua, puxou-me pelo braço bruscamente, o que fez com que meu corpo voltasse e se chocasse com o dele.

— Você tem algum problema? — perguntou, prepotente.

— Eu? Eu não. Você tem? — respondi à altura.

Ele pareceu confuso, mas logo enrijeceu o olhar e manteve o corpo

imponente.

— Não sei do que está falando — falou, rude. — Ah, quer saber? Que se dane!

Afastou-se de mim, deu-me as costas e começou a andar para longe. Acho que a intenção dele era me provocar. Estava conseguindo.

— Ótimo! Que se danem todos! — Abri os braços, dramatizando e gritando.

Estávamos no meio da rua, discutindo sem um motivo aparente. Eu apenas queria evitar desejá-lo como desejava nos últimos dias e não abrir margem para algo mais, como estava sendo sempre que nos encontrávamos, desde o nosso primeiro beijo.

Ele parou, passou a mão nos cabelos um pouco nervoso, se virou novamente de frente para mim e passou a mão no rosto, impaciente. Depois pôs uma mão na cintura e outra na testa; parecia estar pensando em algo muito sério, pois seu cenho franzido não o abandonava.

Eu continuei encarando-o, pois não conseguia me mover. Era estranho.

De repente, ele olhou pro céu, balançou a cabeça em negativa e veio em minha direção rapidamente.

Enlaçou minha cintura e grudou nossas testas enquanto colava nossos corpos.

— Eu preciso fazer isso, pelo menos mais uma última vez. — A gravidade de sua voz rouca ecoou por todo o meu corpo, me fazendo arrepiar todos os fios de cabelo.

Então, ele me beijou.

Como sempre, iniciando de modo delicado, mas logo tomando uma proporção intensa e voraz. Seus lábios e sua língua quentes enlaçavam-se com os meus de maneira sensual e dependente. Eu só queria ter aquele beijo na hora que eu quisesse.

E só de pensar nisso no momento em que estávamos nos beijando, percebi o quanto eu já estava entregue.

Maldição!

Nosso beijo foi interrompido pelo toque do meu celular. Assim que atendi, percebi que Lorenzo também recebeu uma mensagem no dele.

Ao ouvir a mensagem da minha ligação e desligá-la, olhei com receio pra ele, que também estava em choque.

— Dante — falamos juntos.

Meu irmão estava no hospital.



O corredor frio do hospital me dava repulsa. Nunca gostei desse lugar.

Assim que chegamos, eu pensei que Lorenzo tinha recebido alguma notícia a mais, pois ele saiu correndo na minha frente e, ao pegar a informação do quarto de meu irmão, seguiu adiante sem me esperar.

Fiquei meio sem saber o que fazer, mas segui seus passos até o bendito quarto.

Chegando lá, logo avistei minha mãe, ainda no corredor, um pouco aflita.

— Mãe! — Corri até ela.

— Ah, minha filha! — Me abraçou forte.

Olhei para os lados, não vi meu pai, Leonora ou Lorenzo.

— Onde estão todos? — perguntei, ao me afastar.

— No quarto. Seu irmão foi atropelado do nada na rua. Um carro virou de forma rápida e a roda passou por suas canelas. As duas quebraram feio. Está todo engessado — disse, triste.

— Meu Deus! — exclamei, preocupada, colocando a mão na boca.

A porta do quarto se abriu, fazendo Leonora e Lorenzo surgirem, passando por ela. Os dois nos ignoraram e andaram até mais adiante, no corredor. De repente, Leonora parou e desabou nos braços do irmão, chorando copiosamente e de maneira intensa, fazendo-me pensar que o acidente pudesse ter sido pior do que foi me passado.

— Mãe, vou lá dentro — avisei e entrei no quarto.

Meu pai estava ao lado da cama de Dante, que dormia.

Ao lado de meu irmão, percebi o quão abatido ele estava. Seus olhos possuíam olheiras profundas e eu imediatamente pensei que talvez não tenha dado a atenção que ele merecia durante os dias em que estava aqui no Brasil. Em breve ele voltaria para seu curso na Espanha e eu não teria seu abraço de urso nem suas implicâncias para me manter feliz e sorridente em meio ao caos que andava minha vida.

Chorei.

Chorei por ele, por mim, pelo acidente, por minha displicência como irmã.

Abracei-o forte e pedi a meu pai que não me confortasse, eu precisava daquilo.

Meu irmão podia ter morrido em um acidente e eu me sentiria pior do que já me sentia. Não pude nem dizer que o amo.

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo, maninho lindo — comecei a dizer.

— Quanto? — Uma voz fraca e rouca ecoou dos seus lábios.

Dante estava acordando quando o abracei chorando.

— Oi? — perguntei, limpando o rosto, contendo minhas lágrimas tristes.

— Quanto quer? Está muito amorosa. — Tentou brincar.

— Para, seu bobo. Sabe que eu te amo. Não queria te dizer isso num quarto de hospital, mas é o que tem pra hoje. — Arrisquei um sorriso.

— Pequena Lorena... Você é uma pessoa muito especial. Só quebrei as canelas, eu ainda vou viver muito pra te perturbar.

— Acho muito bom. — Abracei de novo seu corpo frágil.

A porta se abriu e minha mãe chamou meu pai lá fora. Logo depois, Lorenzo e Leonora entraram.

— Meu amor! — Leonora correu até o outro lado da cama e beijou meu irmão.

Ver que eles se amavam me dava uma pontada de felicidade no peito. Pelo menos os dois sabem o que querem e se entregaram ao sentimento.

Lorenzo estava encostado na parede, de braços cruzados, um pouco inquieto e sério.

Fui até ele. Eu precisava ao menos mais uma vez tentar entender o que esse homem quer de mim.

— Ainda bem que não foi nada tão grave — falei.

— Ele não teve sua sorte. — Sua voz fria ecoou e eu quis me encolher.

Abracei a mim mesma e as dúvidas pairavam na minha cabeça.

Por que ser assim depois do momento que compartilhamos?

Por que não falar logo o que quer?

Por que jogar e brincar assim comigo?

— Por que faz isso? — tomei coragem e perguntei.

Comigo ninguém brinca!

Ele praguejou baixinho e fitou o teto.

— Foi um erro — me encarou e disse.

— Hã? — foi o que minha boca conseguiu liberar.

— O beijo. Não significa nada, foi um erro. — Os olhos dele estavam sérios e frios, mas seu maxilar estava trincado de uma forma que me revelava esforço para manter o controle.

Não era o que ele queria dizer.

Ou era?

Instintivamente, levei minha mão ao seu rosto e senti seu calor. Ele estava quente demais.

— Você está bem? Não é possível que esteja brincando assim comigo — tentei falar calmamente, afinal, estávamos em um hospital e meu irmão e minha cunhada estavam próximos de nós.

Ele simplesmente fechou os olhos, engoliu em seco e afastou minha mão de seu rosto.

Depois os abriu novamente e olhou na direção da sua irmã, que estava boquiaberta.

— Lorenzo... Não... Não pode... — ela titubeava entre as palavras, balançando a cabeça em negativa, olhando para nós.

Eu, que não entendi a mensagem oculta deles, fiquei apenas ali parada, enquanto Lorenzo saía de forma abrupta do quarto, levando seu calor.

— O que há com ele? — Me aproximei de Leonora.

Ela começou a chorar de forma controlada. Uma lágrima atrás da outra, enquanto me olhava nos olhos.

Olhei pra Dante que, mesmo cansado, assistia a tudo com olhos atentos.

— O que está havendo, gente? — insisti. — Por que Lorenzo me tratou assim aqui, agora, na frente de vocês?

— Vocês... Vocês... Tem algo? — Leonora perguntou cautelosamente.

Eu abracei meu corpo e respirei fundo.

— Não sei. Ele um dia me trata bem e no outro mal, hoje me beijou mais cedo e agora finge que não existo — falei, um pouco aflita.

Leonora tirou as mãos de meu irmão e ficou de frente a mim. Segurou minhas duas mãos e me olhou nos olhos.

— Lorena, eu amo meu irmão e por isso o entendo. Mas preciso te dizer, antes que seja irreversível. Fuja dele. Mantenha distância. Pelo seu próprio bem. Por favor. — Me pedia com os olhos lacrimejando.

Meu Deus... Devia ser algo muito sério, pois eu não entendi absolutamente nada.

Estava apenas ferida pela sua frieza novamente comigo, mas... Ouvir de sua própria irmã que preciso me manter longe me deu muito medo.

— Tudo bem — respondi, assentindo.

— Preciso que prometa — ela frisou.

Eu assenti novamente.

— Prometo.

Então dei um beijo na testa de meu irmão e me retirei dali. Eu me despedi dos meus pais, ainda um pouco em choque com tudo o que aconteceu naquele dia. Nem contei que quase fui atropelada, acho que esse era, dos males do dia, o menor.

Cheguei em casa, tomei um banho e caí na cama.

Já estava tarde e nem usando a sapatilha eu apagaria toda a dor que Lorenzo me causou naquelas últimas horas.

Eu decidi, a partir daquele momento, seguir a promessa que fiz à Leonora.

Eu precisava esquecê-lo imediatamente e ser feliz.

Eu tinha que ser feliz.



Capítulo Oito

Alguns dias se passaram e eu acordei cedo para minha corrida matinal. Ainda não tinha apagado o motoqueiro misterioso da mente, mas estava me esforçando muito.

Sabia que o que eu sentia quando o beijava era algo muito diferente de todos os outros beijos que já dei na vida.

Ah, Lorena, para de exagerar! Fica aí colocando o beijo do cara nas nuvens!

Gente, mas foi mesmo!

Não estou exagerando, juro. Senti algo muito mágico na nossa conexão. Não consigo explicar.

Enquanto caminhava nas ruas com minha roupa de ginástica e ouvindo som eletrônico no meu *iPod*, deixei-me levar e fui acelerando os passos até torná-los uma corrida.

Ao retornar meu caminho de origem, passei na lanchonete dos Mirandas e pedi minha tradicional porção de pão de queijo com suco de caju.

— Animada hoje, Lore? — Nat me atendeu.

— Normal, Nat. Apenas retomando minha vida de antes.

— De antes... De antes do quê? — perguntou, curiosa, enquanto preparava meu suco de caju.

Ai, Nat, não queria citar o motivo exato, vou falar pelas bordas, me perdoe.

— Minha vida deu uma desandada nas últimas semanas, acho que foi devido ao meu aniversário. Fiquei mais preguiçosa, azarenta e até babaca eu conseguir, acredita?

— Você, babaca? Meu Deus, as coisas mudaram mesmo! Logo a menina com os conselhos de ouro que tanto admiro. Mas e aí, tem dado certo essa “volta à rotina”? — Me entregou o suco e começou a separar meus pães de queijo.

Dei uma bebericada no suco, que estava divino de tão maravilhoso, e respondi.

— Por enquanto sim. Agora que estou trabalhando num ritmo menos frequente do que era na Gran Pliè, consigo fazer mais coisas e focar em outras.

— Ah, que legal. Fico feliz, Lore. Você é uma menina de ouro, merece tudo de bom na vida! — falou, e me entregou os pães adorados.

Finalizei meu lanche na lanchonete mesmo e, depois de me despedir dos meus amigos, voltei para casa.

Ao entrar em meu apartamento simples, bem decorado e limpo, respirei fundo. Nos últimos dias eu me sentia muito sozinha. Meus pais estavam direto com Dante no hospital, minhas amigas batgirls tinham suas vidas para cuidar e seus trabalhos, Nat tava organizando seu casamento, o pessoal do trabalho não era tão confiável e Lorenzo... Bom, Lorenzo também não gerou nenhuma novidade.

Comecei a ler um livro de autoajuda chamado “*Como despertar a grande mulher no seu interior*”. O livro ensina a agir diante de situações adversas e nos mostra como lidar com desprezo, engano, traição, entre outros fatos que toda mulher passa um dia.

Juro que na minha curta vida de apenas 25 anos, nunca pensei que estaria lendo esse tipo de livro. Sempre me achei autossuficiente para contornar meus problemas e lidar com todos eles de peito aberto, fossem o que fossem.

Mas a vida não é algo que se possa prever, é inesperada.

A vida é uma caixinha de surpresas.

E quando você se acha a dona da cocada preta, a girl power mais madura e poderosa do pedaço, a vida vem e te mostra que não é bem assim.

Eu levei uma rasteira da vida através de várias ignoradas de Lorenzo.

Ele, aquele cara doido e estranho, todo trabalhado no estilo badboy, me mostrou que eu podia ser feita de otária sem ao menos perceber.

O que eu decidi?

Não ser feita de otária.

Hoje ele me ignora.

Amanhã me dá um fora.

Depois me diminui com palavras.

Depois me empurra,

Por fim pode partir pra agressão.

Quem me garante o contrário?

Devemos nos proteger o quanto antes de homens-enigmas.

Pessoas que não passam credibilidade, confiança, nem tentam conquistar seu coração.

Lorenzo não queria me conquistar, nunca se esforçou pra isso e eu entendi que ele não merecia minha atenção, nem minhas lágrimas, nem meus

pensamentos.

Pronto. Chega de falar nele.

Depois dessa reflexão, eu preparei meu almoço e em vez de ficar como uma inválida em casa, preferi dar uma volta pelo bairro.

Abriu uma *delicatessen* nova há duas quadras de onde moro e eu jurei a mim mesma que passaria na inauguração.

Deixei o carro em casa mesmo, sempre gostei de me exercitar e, mesmo tendo feito minha corrida matinal, fui até a loja a pé.

Levei uma pequena mochila nas costas, contendo minhas sapatilhas mágicas e a carteira. Em meu corpo havia um shortinho curto jeans, uma regata de algodão vermelha e, para o rosto, óculos de sol. Passei protetor solar, estava um pouco quente na rua e, como iria andando, precisava me proteger.

Chegando na *delicatessen*, me espantei com a beleza do lugar. Era requintado, fino e rústico. Uma decoração toda em madeira clara com as paredes cobertas por papéis de parede claros em listras suaves, dando um ar de elegância e sofisticação ao espaço. Quando reparei na vitrine e nos mostruários, quase pirei. Era cada bolo, doce e guloseima bem criado e elaborado, que eu queria ter uns cinco estômagos pra encomendar um pouco de cada.

Fui até uma extremidade da loja, onde estavam exibidas as trufas de chocolate quando, de repente, uma senhora esbarrou em mim e meu corpo tombou pra frente. Todos os chocolates caíram no chão e alguns recipientes em vidro quebraram ao se chocar com o piso. Mas o pior não foi isso, a estante de madeira, que antes estava bem posicionada, pesou mais de um lado do que do outro, virando e causando um efeito dominó nas demais estantes interligadas a ela, tanto em cima quanto embaixo.

Resumindo: todo o mostruário da parede inteira caiu e seus recipientes quebraram.

Eu quis chorar.

Os clientes se afastaram de mim e eu fiquei em destaque naquele canto onde

o acidente aconteceu.

Total e completamente deslocada dos demais. Ótimo.

— Opa — falei, fazendo uma cara de lamento pelo ocorrido.

A dona ou gerente da loja se aproximou de mim cautelosamente, desviando os cacos de vidro do chão.

— A senhorita terá de arcar com a despesa. Foi um acidente, porém, foi causado pela senhorita.

— Tudo bem. Eu só preciso que me deixe usar o banheiro. É urgente, acho que me cortei — menti.

Ela me indicou a porta e eu caminhei com cuidado até o bendito lugar.

Calcei as sapatilhas e em cinco segundos saí daquele quadrado pequeno.

A loja estava intacta novamente e as vendedoras não entenderam muito ao me verem saindo do banheiro. Apenas sorri e pedi umas palhas italianas, paguei e quando estava quase me preparando para sair, a porta da loja se abriu e o cheiro da pessoa que nela adentrou invadiu meus sentidos instintivamente.

Ah, não.

Estou no modo superação. Preciso de controle.

Decidi ignorá-lo e, ao me virar do balcão onde acabara de pagar meu pedido, comecei a andar até a porta, mas nossos corpos se chocaram como se um atrativo magnético nos sugasse.

Ele, o dito cujo que preciso evitar pronunciar o nome, estava parado, bloqueando a porta, segurando algo na mão e olhando fixo para o pequeno aparelho.

— Desculpe — eu disse, por educação.

Ele levantou os olhos por um mísero segundo e me viu, porém voltou a

olhar o aparelho e deslizou o corpo para a esquerda, saindo do caminho para que eu passasse.

Sem dizer uma só palavra.

Passei também em silêncio, com a cabeça erguida, e retomei meu caminho para casa.

Entendi que ele já me deu mais do que todos os sinais de que não está afim.

Ao chegar em casa, cansada e com vontade de devorar minhas palhas italianas, levei um susto com a pessoa que vi plantada de mala e cuia na porta do meu apartamento.

— Nana?



Minha vida estava estranha há algumas semanas, mas naquele dia, quando vi minha prima que até minutos atrás achava que estava de boas morando lá no sul do país, parada na minha porta, tive a certeza de que a vida realmente nos prega peças.

— Que foi, *vadiranha* recatada? Vais ficar ai me olhando ou me dar um abraço? — Nana abriu os braços e sorriu pra mim.

— Meu Deus! — Corri e a abracei. — Que saudade, sua vaca!

Nós nos afastamos e imediatamente fiz uma verificação corporal nela com os olhos. Havia anos que não nos víamos pessoalmente e ela ainda era a mesma magrinha *branquela*, toda tatuada, de três anos atrás. Só que agora os cabelos, antes pretos, estavam ruivos.

Entramos e pedi que se sentisse à vontade. Eu não estava entendendo sua vinda repentina para o Rio de Janeiro, mas jamais negaria lugar pra ficar.

— Mas então, o que te trouxe aqui? — perguntei, enquanto assistíamos TV, comendo as palhas italianas, sentadas no sofá.

— Problemas. Sua mãe não avisou que eu viria? Liguei pra ela ontem.

— Não, pra te falar, ela está com a cabeça cheia. Dante está hospitalizado. Mamãe deve ter esquecido, mas tá tudo bem. Pretende ficar quanto tempo? — perguntei, preocupada.

Uma das características de Nana era que, por mais pirada que parecesse, não costumava tomar essas atitudes repentinas. Eu estava suspeitando de algo sério no ar.

Ela ficou séria e soltou um longo bufo.

— Não sei quanto tempo. — Olhou de soslaio pra mim e percebeu que eu mantinha meu rosto assustado e minha boca aberta. — E não quero falar disso agora! O que tem de bom nesse lugar? — Tentou fugir do assunto.

Senti cheiro de problema.

Alerta de ouvido de aluguel modo On!

Eu me aproximei dela e a encarei.

— Conta, vaconilda. Sabe que eu te amo e nunca vou te julgar ou te condenar por nada. O que aconteceu?

Percebi que os olhos dela começaram a marejar. Putz, a coisa era séria, porque ela nunca chora. Pelo menos nunca por algo banal.

Respirou fundo e conteve as lágrimas antes que caíssem.

— O maldito filho da p*** do Eduardo. Ele foi meu problema. Aquele covarde. — Sua voz assumiu um tom de irritação intenso, talvez até ódio.

— Ai, Deus... O que ele fez? Te traiu? Te enxotou de casa? Ele não seria capaz... — Balancei a cabeça, incrédula.

Nana e Eduardo estavam juntos há cinco anos e, desde que os pais dela faleceram há três anos, eles moravam juntos no apartamento dele. Não temos

mais nenhum parente nosso por lá, era apenas ela.

— Ele fez pior...— Então, ela tirou a blusa regata que usava e virou as costas pra mim.

Quando eu vi aquilo, levei a mão até a boca, assustada, e contive o soluço de choro que estava querendo me dominar.

O namorado dela a agredia.

— Meu... Deus... Como ele teve coragem? — Minha voz estava fraca, sentindo a dor por ela.

Ela, tentando permanecer aparentemente forte como sempre foi, colocou a blusa de volta e levantou do sofá.

— Estou com sede, onde tem água? — perguntou, como se não tivesse me mostrado marcas de agressão há menos de dois minutos.

Apontei para a direção da cozinha e a deixei à vontade. Se ela não gosta de falar dessas coisas, eu que não iria forçá-la.

Apenas saber disso já me confortava, pois ela confiou em mim pra isso e em mais ninguém.

Desde a infância, sempre percebi que ela não confiava facilmente. Muitas vezes se fechava e até tratava as pessoas de modo rude para saber se a pessoa realmente queria ajudar ou apenas mostrar o que não era. Nana é uma mulher admirável, inteligente e forte. Ela realmente não merecia ser tratada dessa maneira.

Ainda mais pela pessoa que ela mais confiou na vida.

A tarde foi divertida, pois esquecemos o fator responsável por sua vinda até aqui e ficamos nos deliciando nas guloseimas que comprei na loja, enquanto víamos algumas séries na TV.

— Já vai trabalhar? — Nana me perguntou, quando saí do banho.

— Ah, sim. Dou aulas de dança em uma academia. Quer ir ?— Ela fez uma careta, negando com a cabeça. — Podemos passar na *delicatessen* que inaugurou e comprar uns *pretzels*...

Sugeri propositalmente, ela ama *pretzels*.

— Não sei por que insistes tanto. Já falei, *vadiranha* recatada, tu não vais me subornar com comida! — falou, enquanto ria.

— Ok... Como sozinha aqueles *pretzels* maravilhosos e fresquinhos...

— Ah, tá bom, droga. Queria mesmo dar uma volta na rua — resmungou, e correu para o quarto, onde guardou sua mala.

Após Nana tomar seu banho e se arrumar, descemos o prédio e entramos no meu carro, no estacionamento.

— Depois da academia, poderíamos ir a um lugar? — perguntou, enquanto eu saía com o carro.

— Se não for muito longe...

— Eu pesquisei antes de vir pra cá. Sou orgulhosa, mas acho que me faria bem ir num lugar desses aqui. — Me mostra um papel que estava embrulhado em seu bolso do short.

Olho de relance e vejo a palavra “ONG” em destaque.

— O que seria isso ?— perguntei.

— Ah, uma ONG que ajuda pessoas vítimas de agressão domiciliar, principalmente mulheres — disse, firme.

— Hum... Podemos ir sim.

Eu que não ia negar. Imagino quão difícil deve ter sido pra ela aceitar dentro de si que seria bom falar e aceitar ajuda para superar seus medos pelo acontecido. Eu não fui agredida fisicamente, mas me sentia mal apenas por não ter sido tratada como merecia por Lorenzo. Nem consigo imaginar o quanto o

coração dela deve doer.

Chegando na academia, apresentei Nana aos meus colegas de trabalho e deixei ela se enturmando, enquanto eu dava minha aula. Não vi o dito cujo pelo local, então deixei meus pensamentos sobre ele de lado até acabar meu trabalho.

Sáimos após minha aula e fomos até a bendita ONG.

Era uma casa muito bonita num bairro próximo de onde eu moro, e muito bem cuidada. Tocamos o interfone, um pouco preocupadas pelo horário, mas logo um homem em roupas despojadas nos avistou da janela e correu para nos atender.

— Em que posso ajudar as senhoritas? O horário de atendimento já encerrou e a essa hora não temos grupos de apoio — falou educadamente, quando abriu a porta de ferro do murinho ao redor da casa.

Olhei para Nana, era ela que queria ir nesse lugar.

— Ah, queríamos apenas saber quando funcionam os grupos de apoio para vítimas de agressão. Cheguei no Rio hoje e só pude vir aqui agora, desculpe incomodar — ela respondeu ao homem.

— Tudo bem. — Ele retirou um cartão do bolso e estendeu a ela. — Pode me procurar aqui amanhã cedo? Te passo todas as informações — sorriu.

Ele deve ser o dono da ONG, pareceu muito solícito e simpático.

Nana assentiu e levou os olhos ao cartão.

— Carlos Augusto? Esse é você? — perguntou ao homem.

Ele pareceu um pouco envergonhado, pois levou uma mão até os cabelos negros compridos e bagunçados, jogando-os para trás, e deu um sorriso contido.

— É, mas pode me chamar só de Guto. Odeio esse nome — disse, e enfiou as mãos nos bolsos da bermuda cargo que usava.

Eu apenas assistia.

— Ok então, Guto. Amanhã voltamos aqui. — Nana disse, sorridente, e me olhou.

Me liguei que era a hora de ir.

— Ah, obrigada, Guto. Até amanhã. — Me despedi com um aceno.

Voltamos para o carro e, durante todo o caminho para casa, Nana ficou olhando pensativa para o cartão. Deve ser difícil demais começar uma nova vida tendo que sanar feridas abertas do passado.

Até que, ao virarmos o quarteirão onde fica meu prédio, ela se alertou para algo na rua e virou para trás.

— Uma Harley! — exclamou.

— Uma o quê? — perguntei, enquanto esperava o portão do estacionamento se abrir.

— Harley Davidson, uma marca de moto absurdamente estilosa e bem cara. Nunca ouviu falar? Acabei de ver uma ali na esquina. Uau... — explicou, eufórica.

— Não conheço marcas de motos — encerrei.

Falar de moto me lembra motoqueiro. E motoqueiro me lembra vocês-sabem-quem.

Ao entrarmos em casa, eu só queria poder usar minhas sapatilhas e apagar Lorenzo da mente. Ou apagar a última hora, onde Nana me fez lembrar dele. Será que adiantaria alguma coisa?

— Você tá bem, doida? — ela me perguntou, enquanto jantávamos à mesa.

— Não, eu não estou — resolvi admitir.

Então contei tudo relacionado a Lorenzo pra ela. Não chorei, pois eu já tinha passado dessa fase, mas expliquei cada mínimo detalhe.

— Poxa, e eu aqui te enchendo com meus problemas — ela disse, ao fim.

— Você nunca me enche, nem fala quase nada sobre isso. Relaxa, vamos superar nosso passado.

— É assim que se fala!

Levantei e fui para meu quarto, pensativa.

Eu queria ter contado de Lorenzo a ela? Será que não falei demais e agora, em vez de esquecê-lo, inventei mais motivo pra falar dele?

Peguei as sapatilhas, calcei sem nem pensar e esperei os cinco segundos.

Assim que as tirei, nem verifiquei o relógio, já voltei para a sala e encontrei Nana no mesmo local onde estava antes de eu usá-la.

— Você não está bem. Saiu do nada no meio do jantar e agora volta com essa cara de "dã". Precisa mesmo superar o motoqueiro, hein? — Ela brincou.

A ficha caiu exatamente naquele minuto.

Ah, Deus...

As sapatilhas não funcionaram.



Despertei no dia seguinte às 6 da manhã, com meu despertador rotineiro, e logo me levantei da cama. Nana dormia em meu quarto, na minha cama Box King, pois sou espaçosa. Ela, que não me parece uma pessoa muito matinal, resmungou algo e abriu os olhos, enquanto eu me arrumava.

— Que raio de música é essa pra acordar de manhã?

— Vai dizer que nunca ouviu “Xô preguiça”?

Ela praguejou algo baixinho e colocou o travesseiro na cabeça.

— Vai acostumando, pois eu só acordo assim. Ah, lá pras onze eu venho te buscar pra almoçarmos na minha mãe. Preciso falar com ela e ver Dante, que já está sendo tratado em casa. Aproveita a manhã e vai até aquela ONG de ontem. — aconselhei.

— Uhum — murmurou, sonolenta.

Fiz minha caminhada matinal e logo após, fui para a "Clamp" dar minha aula da manhã. Onze horas quase em ponto eu estava aguardando Nana, estacionada na calçada do prédio. Logo a vi sair da portaria principal, animada, de short, bata, chinelo e óculos. Como uma carioca, eu diria.

— Priminha, você é certa com horários, hein? — disse, ao entrar no carro.

Dei partida e colocamos algumas músicas animadas para ouvirmos durante o trajeto.

— Fui na ONG. As reuniões são duas vezes na semana à noite ou uma no sábado de manhã. Guto é muito gente boa. E o que são aqueles olhos azuis? Meu Deus, não consegui não perceber. Ele é muito charmoso, deve ter zilhões de gurias aos pés.

Enquanto eu ouvia Nana falar tudo o que Guto informou sobre a ONG, fiquei calada, apenas ouvindo e tentando me desconcentrar do fato das minhas sapatilhas mágicas terem falhado na noite anterior. Afinal, ela não podia saber. Ninguém, apenas minha mãe.

Chegamos à casa de meus pais e, assim que entramos, Nana foi direto pra cozinha beber água, reclamando do calor do Rio. Meus pais estavam um pouco abatidos, provavelmente por terem de ficar indo e voltando do hospital esses últimos dias.

— Mamãe, como a senhora se sente? — perguntei, ao abraçá-la na sala de estar.

— Bem, mas um pouco cansada. Normal, né, filha, já não tenho sua disposição. — brincou.

Eu ri e fui abraçar meu pai, após colocar minha mochila com as sapatilhas no sofá.

— E você, velhinho? — zombei dele. Meu pai nem se quisesse aparentaria um idoso. Nem cabelos brancos o sortudo tem.

— Levando a vida e trabalhando muito. E você, pequena Lorena?

Sim, meu pai e meu irmão às vezes cismavam de me chamar de “pequena Lorena”, deve ser porque rima, sei lá.

— Bem também. Vou lá ver Dante. Onde ele está?

— No quarto de hóspedes daqui de baixo — Dona Estela, minha mãe, informou.

Deixei Nana à vontade, ela sabia se virar bem sem mim, e fui até o quarto.

Chegando lá, a cena que vi me partiu o coração. Leonora agarrada no corpo do meu irmão, deitada ao lado dele enquanto ele dormia. As olheiras no rosto dela e as marcas das lágrimas eram profundas e intensas. Dante já estava melhorando, não havia motivo pra tanto sofrimento. Não consigo entender essa intensidade do amor deles dois. É estranho.

— Leonora? — Toquei seu ombro por trás e ela logo se levantou.

— Ah, oi, Lorena. — Fungou e deu um sorriso contido a mim. — Como vai?

Tentei modular meu tom de voz para não parecer bem demais ou muito mal.

— Vivendo. E você? Vejo que está cuidando bem do meu maninho. — Dei um sorriso contido, sem mostrar os dentes.

Ela assentiu, ainda séria como estava, e segurou minhas mãos nas suas. Já percebi que esse é o contato físico que ela gosta.

— Meu irmão... Tem te procurado? — perguntou. Havia curiosidade em

seus olhos, porém também preocupação.

Gente, o cara não era o lobo mal, ou não tão mal assim. Não entendo o porquê dessa cautela toda exagerada, mas tudo bem.

— Não, e eu também não quero que ele me procure. Seria legal nem falarmos dele, tudo bem? — respondi.

Ela assentiu e se afastou um pouco da cama, permitindo que me aproximasse de meu irmão.

Eu o acarinhei e deposei um beijo em sua testa. Não fiquei muito, pois ele estava dormindo. Ao me despedir de Leonora, caminhei até a porta, mas senti uma tontura estranha me atingir do nada. Me segurei na maçaneta e levei uma mão até minha testa.

Após me restabelecer, me virei e encarei Leonora pálida, boquiaberta, com os olhos marejados, me olhando.

— Não foi nada, estou bem — disse e saí.

Não sabia o que essa mulher tinha, mas ela se preocupava demais com Dante e não queria que ficasse pior por mim.

Chamei minha mãe e juntas fomos ao meu antigo quarto, onde podíamos conversar mais à vontade.

— Não funcionou — falei, após ter contado todas as minhas últimas aventuras com as sapatilhas.

Estela era uma mulher muito sábia, com certeza faria seu papel de mãe agora e, após me dar uma bronca, me daria a solução para meu problema.

— Filha, quando eu tinha sua idade e comecei a usá-la, também tive problemas. A gente pensa que pode sair corrigindo tudo o que acontece e acaba não lidando com os problemas da maneira correta. Você sempre foi tão centrada, esforçada e organizada, que não pensei que cairia no castigo da magia.

— Ca-ca-castigo? — Só de ouvir aquilo, minha espinha gelou.

— Sim, você está no castigo e não poderá usar a magia por duas semanas. Vai aprender a solucionar seus problemas sem ela — disse tranquilamente.

Eu quis dizer: *Mãe, olha só! Sem a magia não dá, ok? Se eu não puder usar a bendita, coisas quebrarão, prejuízos acontecerão e catástrofes mundiais serão noticiadas.*

Mas, como uma boa filha, apenas respondi:

— Então pra quê serviram as sapatilhas?

Mamãe se levantou da cama, onde estávamos sentadas, e andou pelo quarto, pensativa.

— Aí é que está — disse, depois de um tempo —, você tem de descobrir a função dela na sua vida. Na minha eu descobri, mas eu não sou você.

Estela deu de ombros, lamentando por não me dar a resposta esperada, e eu andei até ela e a abracei.

Tá na chuva, se molha, se encharca e ainda volta boiando pra casa!

— Obrigada, mãe.

Descemos e almoçamos todos juntos. Leonora veio buscar o prato de meu irmão e também levou o dela pra comerem juntos no quarto. Minha mãe elogiou muito minha cunhada, dizendo que a ajuda dela era essencial para eles e para Dante.

Depois de algumas horas de papo furado, eu e Nana voltamos pra casa.

Naquela noite, fomos à ONG assistir ao grupo de apoio. Fiquei feliz em ver várias pessoas com situações parecidas com as da Nana se reerguerem e conseguirem um novo amor ou até felicidade em áreas distintas de relacionamentos, mas percebi que o tal do Guto estava olhando direto pra minha prima. Algo tinha naquilo...

Ao voltarmos pra casa tarde da noite, Nana fez o mesmo gesto surpreso,

virando a cabeça pra trás, exatamente no mesmo ponto onde ela viu a moto no outro dia. Não perguntei nada e ela também ficou quieta.

Apenas decidi que deitaria em minha cama e teria bons sonhos, pois pelo menos neles eu poderia fazer o que quisesse, sem me preocupar com mais nada.



Capítulo Nove

Os dias se passaram de modo veloz. Meu trabalho me ocupava a maior parte do tempo e, com Nana lá em casa, nas horas vagas nos divertíamos como nunca. Fizemos um tour pela cidade, fomos ao cinema, aos atrativos do Rio, que ela tanto queria conhecer, e também começamos a procurar um emprego pra ela.

Sobre a ONG, ia sempre com Nana, me fazia bem também participar de algo tão animador e motivador como isso, mas quando ela passou a sair com Guto — não me pergunte como isso aconteceu —, às vezes voltava sozinha para casa.

— Estamos só nos conhecendo! — Ela se defendia do meu comentário acerca da proximidade deles.

— Sei. Ele parece um cara muito legal, mas me preocupa contigo, quero que seja feliz. — Fui sincera.

Nana entendeu meu ponto e logo paramos de tagarelar sobre Guto no trajeto para casa, após a reunião da ONG.

Quando nos aproximamos de casa, ela ficou um pouco tensa e inquieta. Estacionei em minha vaga e subimos pelo elevador em silêncio. Assim que entramos em meu apartamento, ela andou de um lado para o outro pela sala, coçou a nuca e parou na minha frente em seguida.

— Lorena, acho que a moto que vejo todos os dias a essa hora é dele — soltou rapidamente.

— Moto o quê? — Eu não havia entendido.

Ela rolou os olhos.

— Vem cá na janela. — E me puxou pelo braço até a grande janela da sala que dá com a esquina da rua lateral do meu prédio. — Olha lá, é ele, não é? — Apontou para uma pessoa montada em uma moto, num canto escuro da rua.

— Ele quem? De quem você tá falando, Nana? A tal da *Harley* é uma pessoa e não uma moto? É isso?

— Larga de ser tapada, Lorena! O tal do Lorenzo, vê se não é ele! Essa moto tá todo dia no mesmo lugar e no mesmo horário. O engraçado é que ele só vai embora minutos depois de você ter subido pra casa. Muito estranho, não acha?

Lorenzo.

Eu já havia superado esse nome.

Quem é Lorenzo na fila do pão?

— Tá, e se for? O que eu tenho a ver? — perguntei, ainda com a cara na janela, esperando algum movimento do motoqueiro.

— Tudo, né? O que ele iria querer a essa hora por aqui? Ficar de bobeira que não é. Ele deve estar querendo falar contigo, só pode! — concluiu, pensativa.

Fiquei quieta e, em alguns instantes, a moto deu partida e seguiu seu destino, saindo da minha visão.

Será que era ele? Mas... Não faz sentido!

Ele deve estar com vontade de dizer algo, ou pedir desculpas...

Claro! Pedir desculpas pelas grosserias e péssima forma de me tratar. Devia

ser isso.

— Vou ver se ele fala algo amanhã na academia. Vou esperar, se ele vier falar, ótimo. Se não vier, melhor ainda — falei, retornando para meu trajeto inicial.

Sentei no sofá, tirei os sapatos e estiquei as pernas.

— É assim que se fala, Lore! — Nana se aproximou, disse e seguiu direto para o chuveiro.

Naquela noite eu não consegui dormir.

Sonhei com todos os beijos que aconteceram entre eu e Lorenzo, desde o quase-beijo inicial. A forma como parecia estar em conflito interno antes de roçar os lábios quentes e macios nos meus. O desespero por afastar-se após o primeiro contato. O segundo beijo, na sua casa. Pra mim, o mais quente e ardente de todos. O beijo que conseguiu infiltrar um sentimento chato no meu peito, que eu já tinha retirado por completo nos últimos dias. E o último beijo, o beijo da salvação. O último, como ele mesmo disse, e ainda assim me beijou, revindicou meus lábios como se fossem seus e eu poderia sentir todo o calor que seu corpo emanava naquele momento. Pena que nada do que ele fez depois fez algum sentido pra mim.

Eu já o havia superado, de verdade. Não falava dele, não lembrava dele, não o imaginava.

Achei por um instante que essa coisa de não usar magia me deixou mais forte emocionalmente. Pois era assim que me sentia.

O dia seguinte se iniciou e Nana saiu cedo para uma entrevista de emprego. Como naquele dia eu trabalharia apenas à noite, tratei de acordar bem tarde e ficar o dia inteiro em casa sem fazer nada. Até que, às 11 da manhã, meu celular tocou insistentemente.

— Alô? — atendi.

— Oi, Lore! É Alice! Eu e a Duda nos encontramos aqui na rua e estamos ligando pra saber se está tudo bem contigo, você não nos tem ligado e no último

fim de semana, na nossa saída, pareceu um pouco aflita.

Minhas *batgirls* me conhecem bem.

— É Dante. Sabem que ele está melhorando, mas piorando ao mesmo tempo. Foi fazer uns exames mais detalhados ontem no hospital e o resultado demora um pouco — falei uma meia verdade.

Também me preocupava com as sapatilhas e com a magia retornar pra mim. Parecia fútil, mas eu já a tinha como um membro da família, não dava pra ignorá-la.

— Sei como é. Bom... Esperamos que ele fique bem logo, e você se cuide. Preciso te contar algo também.

O tom de voz dela me deu calafrios. Parecia notícia triste.

— Conte — falei.

— Ontem eu vi... o você-sabe-quem — não respondi nada. — O Lorenzo, amiga!

— Ah, sim. Não falo mais do falecido, esqueceu? Não quero saber de nada, mas já que começou a contar, agora continua — resmunguei.

— Tudo bem. Eu o vi na rua, saindo de uma loja de itens pra moto, com uma sacola enorme e meio redonda. Cabia um capacete dentro da bolsa, de tão grande.

— Ah, nada demais. Vamos mudar o assunto?

E logo conversamos sobre trabalho, dia a dia, os namoros-não-namoros dela com o tal garoto escolhido, e Duda pegou um pouco o telefone pra contar suas novidades.

Logo meu dia, que era para ser em um estilo tedioso, acabou ficando animado e divertido.

As horas passaram, Nana voltou da sua terceira entrevista desde que chegou

aqui no Rio e, dessa vez, tinha sido contratada na hora. Comemoramos indo até a *delicatessen* e compramos alguns *pretzels* do sabor que ela gosta.

No fim da tarde, eu fui dar minha aula e após as horas de costume, fiquei na recepção batendo papo com Gianne, esperando Lorenzo passar por mim após terminar de malhar.

Se ele estava me perseguindo, podia falar comigo ali, cara a cara.

A hora chegou, porém, Lorenzo, ao me ver assim que passou pela recepção, me ignorou surpreendentemente. Ainda ficou aguardando do lado de fora não sei o quê, que descobri ser uma mulher que também malhava na academia, minutos depois, e com ela na sua garupa, foi embora.

— Essa finalmente conseguiu um pedacinho do espanhol! — Gianne murmurou.

— Como? — Foquei minha atenção, antes em Lorenzo do lado de fora, agora em Gianne do lado de dentro. — Ela nunca pegou ele?

— Não, e olha que insistiu muito, mas hoje parece que ele acabou cedendo. Fazer o quê, pode escolher, né? Eu que me contentei com meu Valdomiro — suspirou, derrotada.

Eu dei uma risada fraca.

— Me preocupo apenas com o que ele está plantando pra si. Não parece feliz. — Tentei fazer minha parte do dia na conversa.

— Esse aí? Anda mais mudo que antes, nem mais um olhar dirige às pessoas... O pessoal da banda em que ele é vocalista disse que ele andou faltando alguns ensaios. A coisa tá feia pra ele.

Definitivamente hoje o tema “Lorenzo” decidiu ressurgir dos mortos.

Terminei de conversar com Gigi, como passei a chamá-la a partir daquele momento entre nós, e depois apenas foquei em dirigir até minha casa e dormir.

Dormir é vida!

Mas, ao passar pela esquina onde o motoqueiro ficava, lá estava ele. Passei lentamente e pude perceber que o homem era mesmo Lorenzo. Parecia muito com ele, pelo menos. *Não era possível que o encontro com a loira fosse tão rápido, pensei comigo.* Mas quem sou eu pra ficar pensando nisso?

Que se dane ele!

O melhor que poderia fazer naquele momento era dormir.

Boa noite, Lorenzo. Suma da minha vida de uma vez por todas, amém!



A semana seguinte passou como uma lesma.

Se eu soubesse que ficar sem magia era tão chato e monótono, eu teria me policiado quanto ao uso excessivo.

Claro que alguns desastres aconteceram e, dentre eles, ser confundida com uma atriz famosa na rua e cair no personagem, dando autógrafos e tudo.

Ah, gente. Quando sua vida está chata e uma pessoa te confunde com um famoso, você deve entrar na dança. Foi o que eu fiz, fingi ser uma tal de Mariana Rios e sorri, autografando e fotografando com fãs.

Outra coisa que aconteceu foi eu ter passado mal justo na lanchonete dos Mirandas e não ter dado tempo de ir pra casa. Morri de vergonha, mas o piriri não avisou sua chegada, então reinei no banheiro de clientes. Saí de lá roxa de vergonha, porque corar somente não foi suficiente.

Se eu voltei lá? Claro que voltei. Nat e Felipe são meus amigos e eles fabricam o melhor pão de queijo do Rio! Jamais ficaria sem retornar lá, apesar de não ter conseguido apagar a hora em que eu sofri aquele momento mega-ultra-constrangedor.

Até que chegou o bendito dia em que as duas semanas de abstenção da magia foram cumpridas.

Aleluia!

Nana trabalhava praticamente o dia todo e só nos víamos à noite. Ainda íamos à ONG e ainda víamos a moto de Lorenzo todo santo dia, na mesma hora da noite. Um dia eu ainda perguntaria a ele o que tanto ele arrumava na minha esquina.

Meu irmão amado ainda não estava recuperado. Não entendia o que ele estava passando, mas parece que ele acabou pegando um resfriado forte que abalou mais ainda seu sistema imunológico.

O meu prédio decidiu entrar em obras no estacionamento para melhorias programadas há alguns meses. Recebi a notificação na minha caixinha de correio, então sabia que não poderia estacionar o carro dentro do prédio por alguns dias.

Fui para a “Clamp” naquela noite, deixei as sapatilhas em casa, pois não precisaria delas, e dei minha aula, animada como sempre. Minhas alunas estavam aprendendo e acompanhando todos os passos com excelência e, após finalizar meu trabalho, bati um papo leve com Gigi e retornei com meu carro para casa.

Ao estacionar na rua lateral do prédio, percebi a ausência da moto de Lorenzo por perto. Posicionei o carro de uma forma que não causasse nenhum problema para outros carros ou pedestres. Porém, ao trancá-lo, senti um empurrão no meu ombro, juntamente com um puxão na minha mochila.

Meu corpo foi pressionado contra o vidro do carro. Eu não conseguia me mover, pois alguém uniu minhas mãos nas minhas costas e segurou os pulsos com uma mão. Sua mão deslizou da minha coxa até meu seio e eu quis vomitar. Depois sua mão saiu e voltou com algo frio e pontudo a ser pressionado na minha cintura e uma respiração quente junto a um corpo colado no meu, por trás.

Em minha mente só vinha a imagem do motoqueiro. Poderia ser ele ali, me atacando. Não dá pra prever seus movimentos, mas então ouvi a voz.

— Lindinha, dando bobeira a essa hora da noite? — Não era ele, não sabia se isso me causava alívio ou desespero. Me arrependi de achar que Lorenzo me

faria mal. — Vou pegar todo o seu dinheiro e seu carro. Você fique quietinha, sem mover um músculo, senão essa arma perfura seu corpo num estalo.

Eu estava em um misto de sentimentos, em choque, meu corpo tremia.

— Entendeu, patricinha? — rugiu um pouco mais alto.

— Uhum — falei trêmula e ele me liberou.

Arrisquei me virar lentamente pra encará-lo, mas sua voz me fez gelar e permanecer de costas, enquanto ele me roubava.

Fechei os olhos, apenas tentando manter a calma. Mas o embrulho no estômago e a tremedeira não queriam me deixar. Eu ouvia o homem mexer em minha mochila e jogar coisas no chão. Por um momento eu tive medo de morrer, medo dele abusar de mim e me deixar não só sem meus itens materiais, mas também sem minha dignidade e sem minha coragem de olhar pra mim mesma depois, sem sentir nojo ou repulsa.

Quando então senti um baque, como um barulho de algo sendo atirado ao chão e uns gemidos de dor.

Não me virei, continuei colada ao carro, mas então uma mão segurou meu corpo trêmulo e me virou pra direção da calçada.

Seria meu fim.

Adeus mãe, pai, Dante, *batgirls*, amigos e parentes. Juro que nunca quis morrer aos 25 anos, mas sentia meu fim chegar. Meus olhos ainda estavam cerrados, apertados de medo, e eu orava mentalmente para que eu fosse recebida no Céu com muito carinho pelo Criador.

— Ei. — Senti uma *sacudida* de leve. — Lorena?

Arrisquei abrir um olho apenas e me espantei com o que vi.

— Lorenzo? — Abri o outro e me afastei dele imediatamente, chocando minhas costas com o carro.

— Calma, já acabei com ele. — Apontou pra um corpo imóvel no chão.

Levei a mão até a boca, assustada.

— Você o matou? — gritei.

— Shhhhiu — Ele olhou para os lados e aproximou o indicador da minha boca. — Não grita. Ele vai ficar por um tempo desacordado. Vai, pega suas coisas e vai pra casa — sussurrou próximo de mim.

Respirei fundo e olhei minhas coisas espalhadas no chão. Andei lentamente até elas e as coloquei na mochila que havia sido atirada ao meio-fio. Após acabar tudo, pus minha mochila nas costas e comecei a andar até a entrada do prédio, ainda um pouco traumatizada com o que acabara de acontecer.

Durante o trajeto, senti que me seguiam. Virei lentamente o rosto para trás e lá estava ele, como um cão de guarda à minha escolta.

Era essa a minha chance, eu precisava perguntar por que ele ficava ali todo dia. Meu pavor pelo que aconteceu ainda estava lá, mas eu tinha que arriscar falar com ele sobre isso, mesmo que ele me ignorasse.

— Então... — comecei, assim que cheguei na frente do portão do prédio, me virando pra ele.

Lorenzo parou e cruzou os braços, entendi que estava esperando que eu continuasse a falar.

— Por que fica todos os dias a essa hora na minha esquina? Tá me perseguindo? Foi contratado pra me proteger? É do FBI? Algum programa de proteção? — Também cruzei meus braços e encarei seu rosto de modo desafiador.

A coragem surgiu não sei de onde, então eu tinha que fazer direito.

Ele deu uma fraca risada, interrompida na metade, e balançou a cabeça em negativa, olhando para o chão.

— Você pensou nisso tudo agora ou ao longo dos dias? — perguntou, com

um sorriso zombeteiro no rosto.

— Ao longo dos... — Percebi que ele aumentou o riso, estava caçoando de minha suspeita! — Ei! Eu que faço as perguntas!

Acabei abrindo um curto sorriso também. A tensão do acontecido recente já tinha se acalmado em meu peito de forma mágica. Incrível.

— Boa noite, pão de queijo. — Piscou pra mim, colocou as mãos nos bolsos do jeans escuro e saiu caminhando adiante.

— Lorenzo! Me responda! — gritei, já um pouco irritada com esse jeito doido dele.

O motoqueiro parou e virou-se, já estava a uns 100 metros de distância de mim, na calçada.

Ele fez um movimento apontando o indicador na minha direção e depois o polegar, como se pedisse carona na direção do meu apartamento, sibilando “você, já pra casa.”

Eu levantei os braços com as mãos espalmadas para cima e um rosto questionador, também sibilando “por que faz isso? Você é normal?”

.

Ele arrastou uma mão pelo rosto, parecendo impaciente, balançou a cabeça novamente, e então se virou e foi.

Eu não ia ficar me questionando todo o tempo sobre aquilo, mas após ter contado para Nana o que aconteceu e ter me preparado pra dormir, lembrei que nem o agradeci pelo seu gesto.

Quem sabe eu não tenha a oportunidade num futuro próximo?



Eu estou desolada.

Arrasada.

Destruída.

Como em tão pouco tempo minha vida poderia ter virado roteiro de novela mexicana de um modo tão perfeito? Preciso dar de cara com o roteirista, pois adoraria sugerir algumas alterações.

Ah, só pode ter sido o velho barbudo. Ele definitivamente me odeia.

Um mês se passou e nesse tempo muita coisa aconteceu, uma delas é que descobrimos que meu irmão tinha câncer.

No dia em que eu fui visitá-lo e descobri o câncer de pulmão, fiquei indignada. Dante nunca foi de fumar ou fazer algo que o prejudicaria. Não entendo o motivo dele ficar assim, de repente.

Leonora, como sempre, estava em prantos, ajoelhada ao pé da cama dele. Ela estava mais magra e abatida. Lorenzo estava ao lado dela, tentando acalmá-la.

— Vamos, Lea. Precisa comer alguma coisa, vem comigo — ele dizia à irmã.

Eu estava na porta do quarto sem entender muito, apenas os vi sair em silêncio, sem nem olhar pra mim. A coisa devia estar feia.

— Maninho — falei, segurando sua mão e depositando um beijo em sua testa ao me aproximar da cama.

— Estou morrendo, pequena Lorena. — Ele começou a chorar. — Morrendo.

— Como? Como assim morrendo? — Eu estava entrando em desespero e as lágrimas começaram a brotar nos meus olhos.

— Tenho câncer.

E foi assim que eu soube. Como uma flechada no meio do meu peito, sem dó nem piedade.

Ele começou um tratamento para o câncer na semana seguinte, eu sempre ia pra revezar com meus pais e Leonora, que não o abandonou em nenhum instante, mas minha mente não queria aceitar o fato dele estar morrendo. Meu irmão simplesmente não podia morrer.

Dante sempre foi aquele irmão implicante, que na infância não deixava que eu brincasse com seus brinquedos porque não eram “coisas de menina”, mas ao passar do tempo, começamos a criar uma amizade tão profunda que, sempre que ele precisava dos meus conselhos ou que eu escondesse algum segredo seu, eu fazia. E vice-versa.

Não imagino minha vida sem ele. Meu mundo perderia totalmente a cor.

Algumas semanas depois da descoberta, eu simplesmente parei de usar as sapatilhas por qualquer motivo, usava-a por coisas que eu considerava extremamente importantes ou para o benefício de outras pessoas. Percebi que o mau uso era devido ao meu egoísmo de alterar o tempo apenas para me beneficiar, quando podia usar para o benefício de pessoas que realmente precisavam.

Um dia eu estava com elas na mochila e fazia minha caminhada na rua. Após virar a esquina da lanchonete dos Mirandas, eu vi um menino pequeno atropelado no meio da rua. Seu corpo estava estirado no chão. Havia morrido. Meu coração se compadeceu e eu imediatamente perguntei para uma pessoa que estava perto dali há quanto tempo tinha acontecido o acidente. Meia hora foi a resposta que obtive, então entrei na lanchonete, fui ao banheiro e retornei no tempo. Fiquei na calçada da rua esperando o menino passar e, antes que ele atravessasse, eu o segurei e ofereci minha ajuda.

O menino foi salvo e eu retornei feliz pra casa.

Nana me pediu dinheiro emprestado para alugar seu apartamento e ter sua independência. Eu a ajudei e conseguimos um apê mobiliado pequeno e aconchegante por um valor superacessível, para que ela morasse e conseguisse pagar.

Meus dias estavam novamente solitários e tristes, devido à doença do meu irmão e ao fato de eu ainda não estar me sentindo completamente feliz. Pior era que eu nem sabia por quê.

Fui ao mercado alguns dias atrás e, durante as compras, dei de cara com Geovanna e Miguel. Eles estavam abraçados, carregando um carrinho de compras, sorridentes e felizes.

— Oi — chamei-os.

— Lorena! Que surpresa ver você! — Miguel exclamou, sorridente.

Geovanna também veio falar comigo, mesmo não entendendo bem quem eu era.

Percebi que os dois estavam apaixonados, isso significava que Geovanna não estava mais com Lorenzo, pelo menos há um bom tempo.

Por falar em Lorenzo, ele não parou de me vigiar da esquina da minha casa. Tentei bater de frente com ele algumas vezes, chegamos até a discutir quando eu o proibi de ficar me vigiando à noite e ficar rondando o quarteirão do meu prédio.

— A rua é pública. Você não é dona dela, nem do prédio, nem de mim. Farei o que eu tiver vontade — foi o que ele me respondeu, após minha tentativa de proibição.

Resolvi ignorá-lo e estava dando certo. Homem maluco, estranho e paranoico. Eu hein, quero distância.

Na academia eu malhava e dava aulas perfeitamente bem.

Minhas amigas me visitavam às vezes e também nos falávamos ao telefone sempre que dava.

Mas sabe quando você sente uma pontada estranha no peito? Eu sentia isso todos os dias.

Eu me sentia fraca, sem muita fome e às vezes ficava tonta durante as minhas caminhadas. Cheguei a desmaiar na casa da Maysa, quando fui visitá-la, semana passada. Achei que fosse devido ao meu ciclo vermelho do mês, mas percebi que o cansaço e as tonturas eram frequentes.

Então decidi esperar um pouco, não queria preocupar ninguém, afinal, meu irmão já estava preocupando todo mundo.

Quando foi ontem, recebi uma ligação de minha mãe pela manhã. Estava precisando de mim pra cuidar da casa, ela estava cansada e pediu minha ajuda.

Não pude dizer que sentia meu corpo cansado e fraco também, ela precisava de mim e eu a ajudaria. Tomei uma vitamina natural em casa e, sem pensar, fui imediatamente rumo à dela.

— Ah, filha! Que bom que veio! — me abraçou assim que adentrei sua porta.

— Mamãe. Como está tudo por aqui? — perguntei.

Entramos e fomos direto para a cozinha. Ela estava preparando alguma receita especial para Dante.

— Dante se sente fraco, mas às vezes sai, toma sol e consegue fazer algumas caminhadas com as muletas pra poder respirar ar fresco. A namorada fica 24 horas por dia ao lado dele e isso me conforta, pois dá pra ver que ela o ama de verdade. Seu pai está desolado. Sabe como ele é com Dante, e depois da notícia do câncer, ele tem ficado mais quieto e introspectivo.

— Ah, mamãe... Me deixe ajudá-la. Vou dar faxina na casa e deixar tudo perfeito pra vocês. — confortei-a, colocando uma mão sobre seu ombro.

Falamos também sobre as sapatilhas e eu avisei que descobri o objetivo dela na minha vida, que era de ajudar a quem precisa e não de usar para fins egoístas, como eu fazia antes.

Comecei a faxina pelo andar de cima, que não tinha ninguém naquela hora da manhã. Duas horas depois, eu estava já descendo as escadas, quando a campainha tocou.

— Mãe, a campainha! — gritei, das escadas.

Eu jamais abriria a porta pra quem quer que seja com essa aparência de “Filó”, sim, aquela do “Ó, coitado”. Não lembra? Então esquece, não deve ser da

sua época, sou do século passado.

— Abre, filha! Estou com a mão suja aqui na cozinha! — gritou de volta.

Rolei os olhos, gritei um “tá” pra ela e deposei meus materiais de limpeza no canto da sala, enquanto caminhava até a porta. Não devia ser ninguém importante, então que se dane minha aparência.

— O que deseja? — falei automaticamente ao abrir, mas logo me arrependi.

Era o motoqueiro fantasma. Entenderam a referência? Pra mim, ao menos, ele era.

— Ah, você... — completei, desanimada.

— Oi, Lorena. Bom dia! — disse ele, sorrindo.

Sorrindo... O que eu perdi?

— Hã... Bom dia — respondi, desconfiada. — Quer falar com Leonora?

Ele me olhava fixamente nos olhos, de maneira hipnótica. Ahá, Lorenzinho, vá pensando que ainda tem o poder de me hipnotizar!

Estou imune, meu camarada. I-MU-NE!

— É. Poderia chamá-la, por gentileza? — continuou, com a hipnose no olhar.

Filho, eu tô aqui de “filomena”, cansada, desanimada, preocupada com meu irmão e você aí perdendo tempo com esse seu rostinho másculo, moreno, com essa barba por fazer e esse corpo todo musculoso, coberto por essa camisa preta aderente e os cabelos despojados me lançando o seu olhar hipnótico, achando que eu sou a Lorena de dois meses atrás, a do quase atropelamento.

Ah, vá pensando!

— Já vou. Fica aí. — Espalmei a mão em sua direção. Não quero esse doido na casa da minha mãe sem algum motivo importante.

Caminhei até o quarto onde Dante estava, o de hóspedes, e ao entrar, dei um beijinho em seu rosto e avisei Leonora da chegada do seu irmão. Ela achou estranho ele não ter ligado antes, mas foi mesmo assim.

— Vocês se amam muito, não é? — perguntei a Dante, assim que Leonora saiu.

Eu queria meu irmão piadista de volta.

— Sim, pequena Lorena. Nos amamos demais. — Ele, ainda deitado na cama, magro e sem muita força, forçou um sorriso. — Se eu morrer...

— Ei! Pode parando! Você não vai morrer, tá me ouvindo? — cortei-o.

— Lore, vamos ser realistas. Eu posso morrer, então queria que soubesse que eu sou grato por ter você ao meu lado sempre. Eu te amo muito e quero que realize seus sonhos. Nunca deixe ninguém te rebaixar ou te colocar pra baixo. Você é muito mais do que as pessoas pensam.

E eu já estava como uma cachoeira. Meus vasos lacrimais deveriam ter desregulado no momento em que descobri sua doença e a cada palavra dele eu jorrava lágrimas adoidado.

— Te amo, maninho.

Leonora entrou com outra feição no quarto. Correu e abraçou Dante.

— Você vai ficar bem! Você vai ficar bem, meu amor! — exclamava, com uma animação esquisita.

Ela foi ali e voltou otimista de repente? Juro que um dia ainda estudo essa gente. O tipo de Leonora e Lorenzo é raro, garanto a você.

— Ai, como eu tô feliz! Amor, vamos ser felizes, você vai ficar bem! — ela continuou a dizer, enquanto o beijava, animada.

Deixei o casal à vontade e continuei minha faxina.

Cheguei em casa quase oito da noite, sorte que era minha folga.

Após um banho relaxante e alguns capítulos de Dr. House na Netflix, fui dormir.

Mas não sei qual foi o feitiço que, pela primeira vez após algumas semanas de esquecimento, a imagem de Lorenzo invadiu minha mente ao deitar. E a forma como ele me tratou hoje, educadamente, me deixou levemente intrigada. Aquela sensação de que algo estava prestes a acontecer dominou meus sentidos.

Adormeci cansada e cheia de preguiça, nem “Xô preguiça” me despertou na manhã seguinte.

Levantei quase 10 da manhã, agradecendo por dar aulas apenas à noite, e fui tomar café, porém fui surpreendida com o toque da campainha no momento em que eu me sentava à mesa.

Praguejei baixinho, eu estava morta de fome, e andei até a porta.

Ao abri-la, o meu susto foi absurdo, quando vi um corpo masculino escondido por um buquê enorme de flores vermelhas vibrantes que, aos poucos, ia sendo descoberto pela mão que abaixava o ramalhete.

— Lorenzo? — Eu estava com o coração a mil, espantada por ele descobrir qual era meu apartamento e aparecer aqui do nada, àquela hora da manhã.

O olhar dele era profundo e havia um leve sorriso em seu rosto.



Capítulo Dez

Definitivamente eu não estava entendendo bulhufas do que o velho barbudo projetou para a minha vida. Olha, se estava sendo algum tipo de divertimento ou algum modo de me fazerem pagar por eu, até meus 25 anos, sempre ter conseguido tudo o que eu quis, estava funcionando. E muito.

Esfreguei os olhos, ainda em choque com a imagem de Lorenzo com um buquê enorme de flores nas mãos e perguntei:

— O que faz aqui e como descobriu o número e andar do meu apartamento?

Ele coçou a nuca com uma das mãos.

— Leonora. Ela conseguiu pra mim. — Deu de ombros e estendeu as flores. — Toma, são pra você.

Peguei-as e aspirei o perfume maravilhoso que elas exalavam. Estavam frescas e muito cheirosas. E eu estava 100% desconfiada daquele gesto.

— Bom... — Levantei o rosto, indicando a ele que era pra continuar a dizer o que pretendia.

— Ah, podemos conversar?

Deus pai das mulheres impacientes com *crushes* passados. Eu não estava com ânimo nem paciência pra lidar com o “Lorenzo problema” hoje e nem nunca. Mas a curiosidade de saber o que ele queria me dizer falou mais alto.

— Tenho alguns minutos. Entre — menti.

Ele entrou, mas antes pegou a mochila e dois capacetes que estavam no chão ao lado da porta e eu ainda não tinha visto.

— Pra que dois capacetes? Estava acompanhado? — juro que saiu sem querer.

Eita curiosidade sem freios!

Ele olhou os capacetes e deu um sorriso contido.

— Comprei pra você, caso precisasse um dia desses. — Colocou-os no chão, dentro do apartamento, próximos à porta.

Indiquei a mesa onde eu estava tomando café, e disse pra ele se sentar e ficar à vontade. Não queria ser mal-educada e, mesmo nervosa por dentro, por não entender nada dessa mudança de atitude repentina dele, eu queria ouvi-lo.

— Pode começar a falar. Sou toda ouvidos — falei, e continuei a comer meu sanduíche.

— É... — Ele entrelaçou as mãos em cima da mesa, não comeu nada, nem se serviu do café. — Queria te pedir perdão pelo tempo que eu não a tratava como merece e dizer que eu não passei um só dia sem pensar em como seria se tivéssemos nos dado uma chance e...

Olhou pra baixo. Ele parecia meio sem jeito.

— Prossiga — induzi.

Seus olhos castanhos me encararam e percebi seu pomo de adão subir e descer antes dele prosseguir.

— Droga. Eu não sei falar sobre essas coisas. Sou bruto, metódico, mal-

educado às vezes, irritante, nervoso e sem paciência, mas, Lorena... Eu preciso que me dê a chance de ser alguém importante na sua vida. Eu... Eu... Eu preciso de você. — Ao concluir, ele liberou uma boa dose de ar e se levantou da mesa.

Minha boca estava aberta, em choque.

Eu esperei por quase dois meses para ouvir algo desse patamar sair da sua boca, porém o efeito que causou no meu peito não foi o que eu achei que causaria. Eu não senti absolutamente nada. Nem choque, calor, euforia, alegria. Nada.

Eu apenas senti que... Ele demorou demais.

Lorenzo foi até a janela da minha sala e ficou ali, debruçado, com as mãos enterradas nos cabelos e cotovelos apoiados no parapeito.

Limpei minha boca, levantei e fui até ele com os braços cruzados em defensiva. Ao me aproximar dele, pigarreei. O bendito virou o rosto e me encarou.

Havia algo em seus olhos que eu não sabia decifrar. Eles estavam como um mar revolto. Confusão.

— Eu queria tanto que você tivesse tomado essa decisão antes. Que tivesse visto que sentia algo por mim, antes. Eu não entendia nada, era como um brinquedo nas suas mãos e isso me machucou muito. Hoje não mais. Eu te perdoei, pois não consigo guardar mágoa, mas não me sinto mais atraída a você como antes. O que eu sinto é compaixão. Pra mim, você é uma pessoa que poderia ter sido especial na minha vida, mas não quis ser, e hoje eu apenas lamento, mas não posso corresponder às suas expectativas. Não mais. Desculpe.

Ele estava sério e assim permaneceu. Então, tocou meu rosto e deu uma leve carícia na minha bochecha. Aproximou o rosto do meu, falando baixinho e suavemente, enquanto ainda me acariciava:

— Tudo bem. Eu não vou desistir. É impossível negar o que nos conecta um ao outro. Eu tentei ignorar por tempo demais. Mas agora vou correr atrás do prejuízo. Me deixa ao menos tentar? — Sua voz rouca e grave invadiu meus sentidos.

Eis a questão.

Deixo ou não deixo ele tentar?

Não podia garantir que não voltasse a me sentir atraída por ele como antes, mas... E se eu sentir e depois ele me magoar novamente? Quem me garante que não vá acontecer? Não foi uma só vez que ele o fez. Foram diversas. Inúmeras vezes que eu sentia que seria valorizada e era, em seguida, lançada no lixo. Como uma nada.

— Eu não sei — sussurrei.

Seu rosto estava muito próximo do meu e mais um pouco nos beijaríamos. Será que eu ainda lembrava do seu sabor?

Ele apertou os olhos tão forte, mas tão forte, que senti um aperto no meu peito ao vê-lo aparentando tristeza.

— Me desculpe — sussurrou, segurando meu rosto com as duas mãos e colando sua testa na minha.

E me beijou.

Sua boca tocou levemente a minha, e dessa vez eu senti lá no fundo da minha alma o bendito choque. A tensão palpável que antes, só o olhar intenso dele já fazia com que eu enlouquecesse. Ainda estava lá, no fundo do meu ser, mas estava.

Nossas línguas se entrelaçaram e a saudade do seu sabor, misturada à redescoberta do sentimento, fez com que nosso beijo se tornasse absolutamente incrível e dependente.

Lorenzo colocou seu corpo no meu e levou uma mão até minha nuca e a outra na minha cintura, enquanto nos beijávamos. Eu agarrei seu tronco com força naquele instante.

Ele conduzia o beijo com maestria e logo o ritmo, de intenso e voraz, ficou lento e sensual. Seus dentes largavam mordiscos nos meus lábios e sua boca

arrastou-se da minha para meu ouvido.

— Viu? Não queira negar isso que temos, morena. — Levou seu rosto até meu pescoço e respirou fundo. — Eu amo seu cheiro.

Opa...

Como assim?

Amo seu cheiro realmente foi algo inédito.

Ai, caramba... Preciso me controlar.

— Eu tenho muitas perguntas. — Afastei-me dele e o encarei.

Seus olhos estavam inundados de desejo e eu morria de medo de ser algo momentâneo.

Ele passou a mão pelos cabelos e assentiu.

— Te responderei tudo que quiser. — Colocou as mãos nos bolsos da frente da calça.

— Ok — respondi —, só que agora eu preciso pensar. Hoje dou aula à noite, podemos conversar depois. Tudo bem?

— Ótimo — finalmente ele sorriu.

Esse sorriso era amplo e genuíno. Parecia realmente feliz.

Levei-o até a porta e me despedi com um aceno. Ele deixou o capacete rosa aqui, disse que era pra mim, então tudo bem. Coloquei as flores em um jarro com água, eram cheirosas e lindas, e fui para meu quarto pensar.

Minha cabeça deu um nó e eu passei o resto do dia relembrando tudo, todas as ocasiões em que Lorenzo participou nos últimos dois meses.

Quando acabei de me recordar, a realidade me deu um soco.

Eu ainda estava interessada nele. Não da forma como era antes, meio paranoica e imbecil, mas ainda estava.

A noite chegou e, após a minha aula, fiquei na recepção da academia aguardando por ele, que não foi treinar como de costume. Alguns minutos de espera foram o suficiente, pois logo a imagem do motoqueiro se fez real na minha frente... E olha... Ele estava simplesmente maravilhoso.

Sua jaqueta preta, sempre dando o ar de badboy, mas a camisa de baixo, pela primeira vez, era branca. Seus cabelos estavam despojados e não tinham uma direção certa a seguir. Sua barba estava bastante aparada, leve, e seu rosto mais jovem devido a isso, mas o que mais me deixou de boca aberta... Foi o sorriso lindo, branco e estonteante que ele abriu ao me ver. Um sorriso que eu não estava acostumada a ver nele e, sinceramente, adorei a nova combinação.

Aproximou-se de mim, deu um beijo na minha testa que não consegui impedir, e estendeu uma mão na minha direção.

— Vamos, morena?

Respirei fundo, dei minha mão a ele e assenti.

— Vamos.



O local onde Lorenzo me levou naquela noite parecia uma área de proteção ambiental. Com certeza era um local proibido, pois tinha algumas cercas em volta e era superdeserto. Bem a cara dele.

— Lorenzoooo — resmunguei, e ele se virou para mim, estava andando um pouco mais à frente, me puxando pela mão. — Onde estamos?

Ele parou, tirou um papel do bolso e se colocou ao meu lado. Era um pequeno mapa. Apontou para um local de área verde e o iluminou com a lanterna. Estava escuro e apenas a luz da lua nos guiava.

— Estamos aqui. É uma área de proteção ambiental, geralmente não entra

ninguém.

— E por qual motivo eu entraria com você num lugar desses? — Cruzei os braços e firmei minhas pernas onde eu estava.

Ele suspirou.

— Seria muito injusto se eu pedisse pra confiar em mim? — assenti, ainda séria. — Tudo bem, não precisa confiar, mas apenas venha, juro que vai gostar.

— Não — respondi imediatamente.

— Não? — Seu semblante esmoreceu um pouco.

— Olha, acho que você deve sofrer de amnésia. Ninguém em sã consciência confiaria numa pessoa que já se mostrou indigna de confiança. Vou voltar pra casa, tchau. — Me virei e comecei a fazer o caminho de volta.

Era um teste, não pensem que sou má ou qualquer coisa do tipo. Mas eu precisava saber se aquele Lorenzo era ainda o mesmo de antes. Se fosse, ele ficaria impaciente, gritaria “que se dane” e me deixaria ir.

Mas não foi o que aconteceu, e eu não sabia se ficava aliviada ou não.

Eu estava preparada para o show, pra ir embora e deixá-lo gritando, bravo, ali.

Mas ele correu até mim, tocou meu ombro e me chamou pelo nome. Eu me virei e o encarei.

— Desculpa, eu não fazia ideia de que fui tão babaca a ponto de odiar estar em algum local sozinha comigo. Teria como esperar aqui? Vou lá buscar as coisas e já volto. Tudo bem? — Seus olhos ainda estavam tristes, mas a suavidade com que as palavras saíram da sua boca me transmitiu um pouquinho que fosse de confiança.

— O que tem lá? — Apontei para o fim da pequena trilha de areia em meio às árvores.

Ele sorriu de canto.

— Eu preparei algo parecido com um piquenique. Comida, bebida, toalha no chão, pra sentarmos e conversarmos. Essas coisas. — Colocou as mãos nos bolsos, num gesto um pouco acanhado, eu diria.

Droga de coração amanteigado, que bateu mais forte naquela hora.

— Tá — Rolei os olhos. — Vamos nesse piquenique. Só não posso demorar muito — avisei.

Ele sorriu e então seguimos.

Chegando lá, tinha uma área gramada e, no centro dela, algumas lamparinas a gás em volta do enorme tecido quadriculado estendido no chão, contendo uma grande cesta e uma bolsa térmica com as bebidas.

Lorenzo acendeu as lamparinas e então nos sentamos. Tinha muita coisa na cesta, mas uma coisa me deixou muito feliz.

— Não acredito! — exclamei, embasbacada quando peguei o saquinho de papel com pães de queijo ainda quentes na mão.

Ele, que estava sentado ao meu lado, vendo como eu me saía futucando tudo, deu uma gargalhada gostosa.

— Não podia faltar, assei agora há pouco, por isso demorei um pouquinho a te buscar na academia. Coma, estão divinos. — Apontou para eles.

E eu comi. E estavam mesmo divinos.

Depois começamos a comer de tudo um pouco que continha na cesta, até que o momento em que eu devia falar chegou.

— Bom... — comecei — Como te falei, eu tenho muitas perguntas.

Ele se ajeitou na toalha, deitou um pouco o corpo para trás, apoiado pelos cotovelos, e virou o rosto para a direita, me encarando.

— Pode perguntar — disse, sério.

— Não quero parecer uma chata e estragar esse momento tão legal com um interrogatório, mas por hoje eu ficaria feliz se apenas me dissesse por que de repente tá sendo legal?

Ele fitou o céu, respirou fundo e respondeu:

— Eu não sei absolutamente nada do que tenho sentido nos últimos meses. Não me ensinaram sobre essa coisa estranha que eu sinto quando te vejo, ou quando você me provoca, ou até mesmo quando apenas sinto sua presença perto de mim. Não me pergunte, eu fiquei um bom tempo tentando evitar e afastar você de cada maldito pensamento que rondava minha cabeça, mas...

Ele parou e eu fiquei mais curiosa. Continua, filho!

— Mas...? — acrescentei.

Ele pareceu ter se dado conta de que eu o ouvia, então me olhou e sacudiu a cabeça, parecia imerso em pensamentos. Achevou-se para mais perto de mim e segurou minhas mãos.

— Mas não consegui evitar e... Não me importo com mais nada, Lorena. O que você me faz sentir aqui — Levou minha mão até seu peito, e na mesma hora eu senti os batimentos ultra-acelerados — é inédito pra mim, mas é tão bom que eu preciso que me dê uma chance. Eu quero que seja minha.

Alerta vermelho!

Intensidade demais, possessividade demais. Calma aí, queridinho, não é assim que a banda toca.

— Que pena que querer não é poder. — Juro que eu sempre quis esnobar alguém falando essa frase. Me senti A diva!

Ele engoliu em seco e se afastou um pouco.

— Eu fui tão imbecil — falou consigo mesmo.

— Sim, foi — confirmei, e continuei a comer.

O tempo passou, logo começamos a conversar sobre diversas coisas. A banda, meu trabalho, minhas amigas e tudo o mais. Quando percebi, estávamos gargalhando como dois amigos de longa data em meio àquele local escondido.

Lorenzo me levou em casa e disse que no dia seguinte me levaria cedo pra buscar meu carro. Eu aceitei. Ele tentou me beijar umas quinhentas vezes, mas eu recusei todas. Fui forte e o deixei sofrer um pouquinho. Tem de aprender a valorizar!

Assim se passaram aproximadamente dez dias.

A cada dia, ele aparecia com uma novidade, algo pra tentar me reconquistar.

A cada dia, o fio invisível que nos conectava um ao outro ficava mais forte.

A cada dia, eu sentia que estava correndo um risco sério de me apaixonar perdidamente.

Tudo estava na mesma, meu irmão ainda mal, meu trabalho indo como sempre, minhas amigas ocupadas com suas vidas, Nana feliz com Guto, Nat na organização do seu casório e eu e Lorenzo nos conhecendo. Até que, numa sexta-feira à noite, eu cedi e deixei que ele me beijasse de novo. Sim, ficamos alguns dias apenas nos conhecendo. Sem beijo.

Ah, gente, o beijo dele me tira do ar, se ele me beijasse eu não pensaria direito!

Nesse dia, estávamos na minha casa quando, após jogarmos uma partida de um jogo de tabuleiro qualquer, rimos tanto um do outro que acabamos nos beijando. Eu estava amando aquela versão dele, tão descontraída, sincera e amigável.

Nosso beijo se aprofundou tanto que, quando percebi, estávamos deitados no tapete da sala. Ele sem blusa e eu apenas de lingerie, nos beijando loucamente e tocando um ao outro.

Pensa, Lorena!

Eu precisava pensar.

— Lorenzo... — chamei-o em meio aos seus beijos no meu pescoço.

— Mmmmmm — ele resmungou.

Empurrei seu corpo, que estava em cima do meu, e o encarei nos olhos.

Meu Deus, esse homem é lindo demais, que pecado ter que fazer isso logo agora.

— Não podemos ainda. Não... Apenas, ainda não — falei, um pouco ofegante.

Ele saiu de cima de mim lentamente e sentou no tapete, encostado no sofá. Respirou fundo e me olhava, enquanto eu recolocava minhas roupas.

— Tudo bem? — perguntei quando acabei de me arrumar.

Sentei ao seu lado.

— Tudo bem — ele sorriu fraco. — Eu espero. Desculpa por ser tão... Atirado.

— Pode ser atirado. — Logo me corrigi, antes que ele pensasse besteira. — Digo, quando for a hora certa de ser... Ah, você entendeu — eu ri.

Ele riu junto comigo e me abraçou. Seus braços me envolveram de maneira protetora e carinhosa e seu cheiro de homem, junto ao aroma do perfume que ele usava constantemente, me deixou extasiada naquela demonstração de afeto.

Após ele ter ido pra casa, fiquei pensando sobre o que éramos um do outro. Amigos? Ficantes? Será que era apenas eu na vida dele ou teria outras mulheres? Sobre as perguntas que eu faria, acabei não fazendo nenhuma e deixando ele se sentir à vontade pra ir revelando com o tempo. Ser pressionado não é muito legal.

O dia seguinte amanheceu sem despertador, era sábado. Mas uma

campainha insistente me acordou às 7 da manhã.

Fui atender à porta acabada, com cara de sono, olho pequeno e bafo de onça. Que droga.

Era meu motoqueiro.

— Bom dia, pão de queijo! — Entrou assim que abri a porta, animado, com uma sacola na mão.

— Meu Deus, você não dorme, homem? — Fechei a porta e o segui até a cozinha, onde ele colocou os pães e algumas coisas para o café.

— Vou preparar o café. Vai se arrumar, pois hoje vamos para um lugar e retornaremos só amanhã.

— Oi? — indaguei.

— Vamos, Lorena. Confie em mim, coloque poucas roupas e o que precisar na mochila, se arrume que logo iremos. — Deu um beijinho na minha testa. — Vamos, morena.

Caminhei arrastada até o banheiro, me sentia cansada demais e precisava ter tempo de ver isso no médico um dia desses. Tomei banho, me arrumei, e preparei minha mochila. Coloquei minhas sapatilhas nela, pois ficar um dia longe era muito e eu precisava me precaver, e retornei para a sala. Lanchamos e fomos.



Eu jamais imaginaria que nosso passeio seria andar de moto por quase duas horas e pararmos na região dos lagos do Rio de Janeiro, mais especificamente na costa azul, em Rio das Ostras.

Ao chegarmos lá, passei em uma loja no centro e comprei meu biquíni, que não havia levado. Passamos em uma pousada perto da praia para fazer check-in e deixamos nossos pertences no quarto que contratamos. Após devidamente prontos, fomos direto para a praia.

Lorenzo parecia tudo, menos aquele grosso arrogante que eu conheci dois meses antes. Andamos de mãos dadas pela areia, ele sorridente com sua bermuda de surf preta e óculos aviador, e eu com meu biquíni e canga.

— Gostou da surpresa? — perguntou, enquanto andávamos à procura de um bom lugar pra ficarmos.

— Nossa, adorei. Fazia tempo que não vinha à praia. Você é maluco de me trazer assim, do nada — brinquei.

Ele riu e apertou mais nossas mãos.

Conseguimos um espaço na areia, alugamos um guarda-sol com duas cadeiras e aprontamos nosso cantinho. Lorenzo não perdeu tempo e correu para a água. Eu preferi esperar um pouco, me bronzeando e assimilando tudo aquilo.

Tinha bastante gente por lá, era sábado e era dezembro, né? Mês de calor e de férias.

Fiquei relaxando, quando um grito me chamou a atenção.

— Volta aqui, garoto! — Uma mulher perto de mim, com uma pequena tenda branca contendo cadeiras, isopor com bebidas, cangas e muitos brinquedos espalhados pela sua área, gritava na direção de alguém.

Acho que ela percebeu que eu estava encarando e então olhou pra mim. Estávamos a uns 5 metros de distância, aproximadamente.

— Crianças... Só obedecem quando querem. Você está sozinha aí? — A mulher branca, de rosto jovem, sorriso amigável e cabelos loiros escuros perguntou, sorridente.

— Ah, não, não estou. Eu estou com... Hã... — O que Lorenzo é meu?

— Entendi, está acompanhada. — Ela piscou pra mim.

Eu ri.

— Quem é a criança que correu? — Decidi dar corda, já que ela puxou assunto.

— Ah, meu filho adotivo. Muito bonzinho, mas doido por praia que nem meu esposo. — Deu de ombros. — Quer água de coco? Vem cá, tem bastante aqui.

Fiquei meio sem graça, mas ela insistiu tanto que acabei indo.

— Nossa, estou morrendo de vergonha. Você é um doce. Obrigada — falei, me sentando perto dela na areia, debaixo da tenda, enquanto bebia a água de coco.

A tenda deles fazia uma sombra boa, refrescante.

— Esses homens sempre nos deixam sozinhas na areia, preciso conversar. Sou tagarela de natureza. Ali — apontou para um homem moreno, forte, de cabelos negros e despojados, de mãos dadas com um menino loirinho ao lado —, aquele é meu esposo e nosso filho adotivo.

Eles estavam de costas, mas dava pra ver que eram bonitos e felizes.

— O meu é aquele. — Apontei para Lorenzo, na hora que ele saía do mar, todo molhado, e balançava a cabeça ao mesmo tempo em que esfregava a mão no cabelo e colocava os óculos aviador de novo no rosto.

— Vocês combinam — ela disse —, fazem um casal bonito.

Eu corei, mesmo estando corada de sol, e sorri. Na mesma hora, percebi que ele vinha em direção ao local onde estávamos e fazia um rosto confuso, devia estar me procurando.

— Acho melhor eu voltar, ele vem vindo. Obrigada pelo papo e pela água — agradei. — Prazer, meu nome é Lorena. Nem me apresentei.

Levantei e a cumprimentei com um aperto de mão. Ela sorriu.

— Que nada, não precisa agradecer. Daqui a pouco vou entrar na água também, estou cansada de ficar aqui tomando conta das coisas — rimos. — Ah,

meu nome é Alessa. Prazer.

Despedimo-nos e eu voltei pro meu espacinho simples, com minha cadeira de praia, no mesmo momento em que Lorenzo chegou.

— Ufa, pensei que tinha fugido de mim — ele falou, me deu um selinho e sentou na cadeira ao meu lado. — Quer entrar? Eu fico aqui um pouco.

— Sim, já vou. — Me levantei, preendi meu cabelo em um rabo de cavalo e segui rumo ao mar.

A Alessa também estava se preparando para ir, ela secava o menino com a toalha e o esposo brincava, sacudindo os cabelos molhados na direção dela, que o enchia de tapinhas leves enquanto riam.

Assim que meus pés sentiram a água gelada do mar, relaxei. Precisava conter a tensão que cismava em invadir meus sentidos, ao perceber o caminho que meu coração estava se enredando quando se tratava de Lorenzo. Não saber o que ele realmente sentia e queria estava me matando. Não queria parecer chata nem nada, mas eu precisava perguntar.

Mergulhei, banhando juntamente com meu corpo, a minha alma e tirando tudo que me impedia de ser feliz. Eu faria tudo certo dessa vez, eu seria alguém forte e feliz por completo, como sempre fui.

Voltei pra onde estávamos e Lorenzo já estava pagando o cara dos alugueis do guarda-sol e cadeiras, com as nossas coisas nas mãos.

— Vamos andar um pouco? Vi no mapa pelo celular que tem uma praia mais calma aqui do lado. Adoro trilhas, quer ir? — perguntou, sorrindo de canto.

Era incrível que, sem esforço, ele tentava me seduzir o tempo todo. Meu Deus, para com isso, meu filho!

— Vamos, já estamos aqui, não é? — Dei de ombros.

Começamos a andar pela areia até alcançar um monte de pedras no fim da praia, com um pequeno caminho de areia que nos dava passagem para o outro lado da praia.

No meio do caminho, havia muitas pedras enormes e algumas davam pra subir e tirar fotos lá do alto. Foi o que eu fiz. Subi e ele tirou algumas fotos minhas fazendo pose, depois eu tirei algumas dele também. Descemos, e então ele segurou minha mão e me levou para debaixo de uma pedra, um local um pouco escondido com sombra, e praticamente me atacou.

Segurou meu corpo com uma certa familiaridade e seus beijos percorriam meus lábios, rosto e pescoço, enquanto eu apenas ofegava e recebia suas carícias, apertando suas costas e trazendo seu corpo para mais perto do meu.

Não ia dar certo aquela pegação toda ali.

— Vamos... Continuar... — falei lentamente, um pouco inebriada com seu cheiro e seus toques.

Lorenzo continuava a me beijar, suas mãos percorreram meu corpo e acariciavam nos lugares certos, enquanto eu estava em uma confusão mental, decidindo se aquilo era o que deveria acontecer mesmo ou não.

Até que senti sua mão deslizar a cortina do meu biquíni para o lado e sua barba, acompanhada de seus lábios, percorreram do meu rosto até meu colo, quando seus lábios tocaram...

— Ah... Meu Deus! — gemi em resposta à sua carícia no meu seio e pensei rápido para que não nos arrependêssemos depois.

Afastei-o e ajeitei meu sutiã no lugar.

Lorenzo me olhava fixamente, seu olhar era de um predador prestes a devorar a presa, e eu acharia muito excitante se soubesse tudo o que ele escondia no fundo da alma.

— Você não consegue se conter nem em um lugar público? — ralhei.

Ele permaneceu sério, com seu olhar penetrante.

— Não — respondeu simplesmente. Então passou uma mão no cabelo e colocou a outra na cintura, olhando para os lados. — Não consigo, Lorena. —

Aproximou-se e colou nossos rostos, sussurrando enquanto me encarava. — Não consigo me conter quando se trata de você.

Respirei fundo.

— Ok. Precisamos ter a conversa que tanto adiei. — Espalmei a mão em seu peito, afastando-o um pouco.

Ele assentiu, então nos sentamos, ali mesmo na sombra, em cima da pedra.

— Por que me perseguia todos os dias? Por que me tratava mal sem motivo? Por que ainda assim me ajudava quando eu precisava? Por que não podia se envolver comigo antes? — soltei tudo de uma vez.

— Uau, são realmente muitas perguntas. — Ele colocou as mãos nos joelhos dobrados e virou o rosto em minha direção. — Eu me apaixonei por você. Acho que isso responde a todas elas.

Hã?

Como assim?

Nananinã, queridinho. Não responde, pelo contrário, minha cabeça tá dando um nó.

— Não entendi, esclareça, por favor.

— Então... — Ele fitou o céu. — Fui criado em uma família que não encara muito bem essa coisa de amor. Achei que o amor nunca aconteceria comigo e tive medo. Idiota, eu sei, mas tive muitos motivos pra temer te amar. Só que o destino colocava você na minha frente sempre e quando eu vi... Estava pensando em você, sonhando com você, imaginando você... De muitas formas. — Pigarreou, disfarçando o constrangimento. — Enfim, eu queria protegê-la, queria que estivesse segura, então te vigiava, queria que não se envolvesse comigo, pois eu tenho muitos problemas e alguns deles são irreversíveis e imutáveis. Mas não adiantou muito, pois... Você se apoderou de mim.

Meu peito se inflou de uma forma absurda ao ouvi-lo pronunciando aquelas palavras. Fazia um pouco mais de sentido agora. Só que o que eu jamais

entenderia era o motivo dele ter mudado do nada e decidido que seria melhor ficar comigo.

Mas eu já tinha terminado a dose de verdades do dia e queria aproveitar a curta viagem que estávamos fazendo. Beije-o e seguimos até a praia das areias negras, no fim da estrada de pedras, e ficamos por lá algumas horas.

No fim da tarde, voltamos para a pousada, tomamos banho e nos aprontamos para dar uma volta no centro à noite. Curtimos bastante e nos divertimos nos atrativos da cidade, até retornarmos cansados pelo dia cheio que tivemos.

— Estou morto! — ele bufou assim que entramos no quarto. — Vou tomar logo um banho pra dormir, quer ir antes de mim?

— Não, pode ir — falei, e ele então pegou suas roupas na mochila que trouxe e seguiu para o banheiro da suíte.

Fiquei sentada na cama, encarando o teto, pensativa. Estávamos indo um pouco rápido, mas eu me sentia tão bem, que a presença dele aplacava um pouco a dor de ter um irmão doente no meu peito.

Assim que ele saiu, eu entrei e tomei um banho relaxante. A água estava ótima e consegui pensar melhor durante aquele tempo. Eu perguntaria a ele o que éramos um do outro ainda naquela noite.

Quando finalizei meu banho, me enrolei na toalha e percebi que não tinha levado nada pro banheiro. Abri a porta e pedi que ele pegasse uma roupa na minha mochila. Ele imediatamente seguiu até ela, abriu-a e pegou algo, mas não era minha roupa.

— O que é isso?

Eram minhas sapatilhas.

Droga. O que eu falaria pra ele?



Capítulo Onze

Precisei usar minhas sapatilhas mágicas naquela noite, na pousada. Acabei revelando o que era e pra que servia, deixando Lorenzo tão boquiaberto e atônito, que achei melhor voltar no tempo e não contar. Não queria que ele pensasse que sou uma maluca.

Aquela também foi a nossa primeira noite como um casal. Foi incrível e ele me tratou como uma princesa, garantindo que eu sentisse prazer em tudo que fazia por mim. Foi maravilhoso.

No fim, perguntei o que éramos um do outro e sua resposta foi: “eu sou seu e você é minha”.

Alguns dias se passaram e eu percebi que continuei passando mal algumas vezes e sentindo algumas tonturas. Fui ao hospital onde possuo convênio e fiz um check-up. O resultado demoraria uns dias pra sair, mas pelo menos eu saberia o que tinha. Outra coisa bem interessante que também aconteceu foi Lorenzo ter me explicado por que mentiu sobre os pais e no que ele trabalhava. Disse que não gostava de falar sobre a família, pois nenhum deles morava aqui, e que trabalhava por conta própria, também através dos negócios da família. Não perguntei mais nada, achei aquilo o suficiente para o momento.

Até que, numa certa noite, estávamos eu e Lorenzo no meu apartamento,

assistindo séries na *Netflix*, quando meu telefone tocou insistentemente.

— Alô — atendi.

— Filha, corre pro hospital. Seu irmão teve uma crise. — A voz chorosa de minha mãe se fez ouvir. — Eu preciso que esteja aqui. Está dando tudo errado.

Na mesma hora, desliguei o celular e corri pro quarto, caçando uma roupa qualquer no meu guarda-roupas.

— O que houve? — Lorenzo surgiu na porta do quarto, preocupado.

— Meu irmão. — Eu tentava conter as lágrimas. — Está muito mal. Vou ao hospital. — Ele arregalou os olhos em espanto.

— Vou com você. Não é bom dirigir por aí, abalada como está — disse, firme.

— Tá.

Longos minutos depois, estávamos caminhando de mãos dadas pelo corredor branco e frio daquele lugar asqueroso. Leonora estava desolada do lado de fora do quarto e minha mãe andando de um lado para o outro, fazendo preces.

— Como ele está? — Toquei no ombro de Lea e perguntei.

Ela estava totalmente abatida. Havia olheiras profundas em seus olhos e a dor na sua voz me atingiu em cheio.

— Era pra ele ficar bem! Eu não entendo... Ele está morrendo! — Olhou para Lorenzo. — *Como puede? Garantiran a nosotros que no habia nada más! El no puede morir!*

O olhar de Lorenzo tremia em choque. Ele me pediu licença e levou sua irmã até algum outro local ali perto.

Eu tentei consolar minha mãe. Foi em vão, pois depois de algumas horas de aflição, um médico veio nos trazer a notícia.

Ele não resistiu. Meu irmão havia morrido.

Meu mundo parou. Eu sentei no chão, pois não sentia minhas pernas firmarem no solo, e quis desaparecer.

Pensei nas minhas sapatilhas. De nada me serviriam agora. Quem dera eu pudesse voltar dias no tempo e ter dito a ele que o amava mais vezes. Quem dera eu voltasse no começo de tudo, desde quando eu ainda nem as possuía, pra talvez perceber mais cedo sua doença e ajudar mais nos tratamentos. Quem dera eu retornasse à nossa infância, onde ele sempre me chamava de tonta quando eu errava algo e logo em seguida me ensinava o passo a passo pra eu acertar.

Eu jamais o veria novamente.

Não teria seus abraços.

Suas piadas toscas.

Seus conselhos de irmão.

Suas risadas maravilhosas, que me enchiam de alegria.

Seus sermões.

Eu não teria mais nada.

Desabei em lágrimas desenfreadas e não quis saber mais de nada e nem ninguém naquele dia.

Passou-se o enterro, os dias seguintes foram cheios de amargura e recebimento de condolências aonde eu ia.

Ele tinha ido, não havia mais nada a fazer.

Lorenzo ficou mais fechado. Tínhamos avançado tanto, porém percebi que o que aconteceu com meu irmão, de alguma forma, mexeu com ele. Continuávamos juntos, mas ele tinha menos tempo pra mim, pois dizia trabalhar em algo importante e cuidar da irmã, que entrou em depressão profunda e não

saía mais de casa.

Os fins de semana eram os melhores dias, pois pelo menos neles a gente ficava grudado o dia todo, tentando viver e seguir adiante.

E assim foram meus dias... Que logo se tornaram semanas.

Um domingo qualquer, fomos até o apartamento de Lorenzo, onde Leonora agora morava. Sempre levávamos comida pra ela e uma médica e uma psicóloga a visitavam semanalmente. Naquele dia eu a ajudei a tomar banho e a coloquei pra dormir. Ela não dava sinais de melhora, mas fazíamos tudo o que conseguíamos. Quando voltamos à tarde para meu apartamento, assim que eu atravessei a porta da sala, senti uma vertigem que me causou uma cegueira momentânea e acabei desmaiando.

Não sei quanto tempo depois, eu acordei deitada na minha cama, com Lorenzo sentado em uma cadeira ao meu lado, os olhos preocupados e levemente marejados.

— Eu dormi? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Desmaiou. — Então respirou fundo e acariciou minhas mãos. — Me fala, o que você tem?

A voz dele escondia algo. Ele estava tentando ficar firme e parecer calmo, mas dava pra ver que estava aterrorizado.

— Nada. Eu não sei o que tenho. Fiz exames há um tempo, mas nem fui buscar os resultados.

Ele assentiu e deitou do meu lado, me abraçando.

— Preciso que se cuide. Quando eu disse que precisava de você — dizia me olhando nos olhos, com nossos rostos bem próximos —, eu estava falando sério, Lorena. Você é como o ar pra mim, é tudo, entende? Eu... Eu... — titubeava, nervoso.

— Shiiiu. — Calei seus lábios com um indicador. — Não precisa falar nada. Eu estou bem, não foi nada. Vamos descansar um pouco.

Ele me beijou e posicionou minha cabeça em seu peito, onde pude sentir os batimentos cardíacos ultra-acelerados e fortes. Não sabia que minha saúde o afetaria tanto. Gostamos um do outro, mas eu sempre tinha aquele *medinho*, aquela coisa de pisar em ovos, sabe?

Ainda era dia quando decidimos descansar. As horas se passaram e quando eu acordei, Lorenzo permanecia dormindo ao meu lado. O cenho franzido não o abandonou nem no sono e eu fiquei um pouco preocupada. Queria poder ler mentes, saber o que tanto o atormentava.

Levantei e fui tomar um banho. Ao terminar, me enrolei na toalha e usei mais uma pra enrolar os cabelos molhados. Fui até meu armário e logo vi minha mochila no chão, jogada. Canso de esquecer de guardar as coisas de volta no armário. Tirei as sapatilhas, que agora viviam comigo em todo o canto, mesmo que eu não as usasse mais à toa, e guardei no armário. Peguei uma roupa e, assim que me virei pra retornar ao banheiro, levei um susto.

Lorenzo estava atrás de mim e me puxou para um abraço forte. Muito forte.

— O que foi? — perguntei num sussurro, enquanto ele me embalava em seus braços.

— Só me deixa te abraçar, por favor — pediu, sua voz era um fio.

Deixei, e assim ficamos por um tempo. Depois que nos afastamos, sua mão continuou segurando meu braço e ele me olhou nos olhos. Seus olhos deslizavam pelos meus e sua boca estava entreaberta, como se quisesse dizer algo.

— E-eu... Eu... Eu... — Fechou os olhos e engoliu em seco. — Droga, não consigo nem falar essa porcaria!

Soltou-me e andou um pouco bravo até a sala. Não entendi muita coisa, mas dei espaço pra ele pensar. Uma coisa que aprendi com nossa convivência era que, quando ele estava bravo, era melhor deixá-lo só, e dali a pouco tudo ficaria bem.

Eu me troquei e fui até a cozinha preparar a janta.

Jantamos em silêncio, o clima estava um pouco pesado entre nós. Assistimos um pouco de TV juntos e depois fomos pra cama. Coloquei meu pijama e me deitei. Lorenzo tomou um banho e se juntou a mim, deitando ao meu lado.

— Morena.

Virei minha cabeça e o fitei.

— Diga.

Ele acariciou meus cabelos, enquanto dizia:

— Eu queria muito te dizer algo, muito mesmo, mas não consigo. Só que uma coisa eu consigo, e muito bem — sorriu.

— O que seria essa coisa? — Eu meio que já tinha entendido, e sorri também.

— Demonstrar.

Imediatamente começamos a nos beijar. Um beijo sedento e cheio de palavras não ditas, carícias e cumplicidade. Em instantes, já estávamos nos entregando um ao outro desesperadamente, como se aquela vez fosse a última. Ele não estava sendo tão delicado quanto das outras vezes.

Enquanto nossos corpos se uniam tornando-se um só, seus olhos me encaravam fixamente. Eu tentava desviar às vezes, mas ele trazia meu rosto de volta e me fazia encará-lo e eu não estava me agradando muito do que eu via.

Eu via algo semelhante a dor.

Em meio ao nosso ato de amor, percebi que ele era mais importante do que eu jamais entenderia. Eu estava apaixonada por Lorenzo e os seus olhos queriam me dizer algo, algo que eu não conseguia decifrar, pois era um misto de sentimentos.

Por fim, deitamos, ainda um pouco ofegantes, um ao lado do outro. Me bateu uma angústia no peito e me virei para olhá-lo.

Ele, que estava deitado de barriga pra cima, virou o corpo na direção do meu e me olhou de volta. Foi quando eu tive a surpresa. Ele estava chorando.

— Ei... O que... — comecei, mas ele me interrompeu.

— Eu te amo. Te amo, Lorena. Mais que a minha própria vida. Não esqueça disso. — Soltou uma lufada de ar, como se tivesse se esforçado muito pra dizê-lo.

Então é verdade que espanhóis são mesmo quentes e intensos.

Sorri, pois a dorzinha no meu peito se suavizou e o abracei.

— Eu também te amo.



Meu despertador tocou, era segunda-feira e eu estava com um cansaço horrível no corpo, mas levantei. Porém, após desligar o despertador e rolar os olhos para o lado da cama, não havia ninguém.

— Lorenzo?

Ele devia ter acordado antes e ido preparar o lanche ou algo assim, então levantei e andei pelo apartamento, notando-o vazio.

— Lorenzo? — insisti.

Ele não estava lá. Respirei fundo, com certeza ele devia ter ido até a padaria ou algo do tipo. Voltei para meu quarto e saltei ao ver uma criatura estranha, sentada na minha cama. Uma mulher magra que media uns trinta centímetros, trajava um vestido azul bufante, tinha a pele pálida e cabelos azulados. O que mais me assustou era que na sua mão havia algo semelhante a um cajado, algo muito esquisito.

— O-o-o que é você? — perguntei, quase me borrando de medo.

Essas coisas não deviam existir, deviam?

Ela sorriu, covinhas fofas saltaram de suas bochechas, e então respondeu:

— Sua fada madrinha, Lorena.

— Fada madrinha? — Coloquei as mãos na cintura e a olhei com desdém.
— *Humpf*, fada madrinha?

— Sim, quer que desenhe, fofa? — Levantou as sobrancelhas e revirou os olhos.

Sentei na cama, um pouco distante dela, e a encarei. Analisei seu pequeno corpo e fiquei pensando em como ela apareceu na minha casa, do nada.

— Olha, não sei como entrou aqui, mas eu tô meio ocupada agora. Meu namorado foi na rua e logo volta, então...

— Pare agora — ela ordenou, espalmando uma mãozinha no ar.

— O que foi?

— Você ainda não se ligou no que aconteceu? — perguntou, balançando a tal “varinha” no ar.

Fiquei pensativa por alguns segundos.

— Hã... Não?

Ela jogou o corpo pra trás, caindo no meu travesseiro de modo dramático, e bufou.

— Meu Pai Celestial! De todas, você bateu o recorde. Inteligente, bonita, esforçada, mas meio lenta.

— Ei! Eu não sou lenta! Não leio mentes, ok?

— Amiga, quando sua mãe te passou as sapatilhas, ela explicou o que faria com que eu aparecesse um dia?

— Não, não explicou.

Ela lançou a mão sobre a testa e abriu a boca em espanto. Muito cômico, se não fosse esquisito.

— Não creio! Deixa-me lembrar... — Apontou o indicador no queixo e olhou para o alto, buscando algo na memória. — Estela, não é? A sua antecessora.

— Sim, minha mãe.

— Bom, Estela foi bastante centrada e se comportou bem, quase não fazia besteiras... Já você... — Ela tentou disfarçar as últimas palavras.

— Pera lá, mocinha! Você aparece do nada na minha casa às 6 da manhã em plena segunda-feira sem um motivo aparente e ainda me chama de lenta e desastrada? — indaguei, furiosa.

— Mocinha uma *pinoia*! Sou sua Fada Madrinha! Estou aqui pra acharmos suas sapatilhas! Na verdade, as sapatilhas que eu criei com muito carinho para minha linda amiga Cindi. Que O Criador a tenha! — Fez sinal de cruz no peito.

Eu comecei a gargalhar.

— Minhas sapatilhas? Agora que você vai ficar mal, pois minhas sapatilhas estão bem aqui... — Andei até o armário e o abri, sendo surpreendida. — Ué, cadê as sapatilhas?

— Olha, ainda temos um pouco de tempo. — Ela apontou a varinha na própria cabeça, ficando do meu tamanho e me mostrando um dispositivo na varinha, que abriu um grande painel holográfico bem na minha frente, parecendo um mapa de GPS. — Suas sapatilhas estão a caminho do Aeroporto Internacional Tom Jobim, na Ilha do Governador. Se você parar de desacreditar em mim, podemos ir até lá pegá-la de volta. Não podemos deixar o item ser perdido.

Eu entrei em choque. Mas... Quem a roubaria de mim? E por que fugiriam com ela para um aeroporto?

— Lorena, pelo visto Estela não soube de muita coisa para te informar, não é? — Eu ainda estava sentada na cama, de boca aberta. — Vamos logo, molenga! São as suas sapatilhas mágicas!

Me alertei e olhei para o guarda-roupas.

— Preciso me trocar!

Levantei e, quando fui correndo até o armário procurar algo para vestir, ouvi a voz da fada.

— Enjoada de gente que não sabe pra quê eu sirvo. — Encarei-a, com um olhar confuso. Ela apontou a varinha para mim. — *Luft Bum!*

Quando olhei para mim mesma, estava arrumada e até de cabelo feito. Nem bafo de recém-acordada eu tinha. Ok, esqueci que ela é uma fada.

A fada, que eu ainda não sabia o nome, ficou do tamanho de um alfinete e se escondeu atrás da minha orelha, enquanto eu ia até o estacionamento. Cheguei lá, entrei no carro e saí. A viagem duraria meia hora, aproximadamente, e eu queria saber mais sobre ela, pois não sabia se a veria de novo.

— Desembucha. Que ideia foi essa de sapatilhas mágicas? Você quis enlouquecer toda uma descendência ou o quê? — perguntei enquanto dirigia.

Ela já havia ficado grande e sentado no banco do carona, trajando uma roupa normal.

— Estamos no século XXI, aqui não sei como vocês dão o nome à história da minha primeira abençoada. Uns cem anos atrás, quando apareci para uma descendente, ela falou que o nome era Cinderella.

— Não acredito! Ainda é esse, Cinderella! — Eu estava eufórica. Os contos de fadas existem, afinal!

Fada bufou e sacudiu a mão, falando “menos, menos”.

— O nome dela nunca foi Cinderella. Que mal tem em dar o nome original à história!? Eu fico chateada com isso! Nos livros de hoje, como eu sou? — perguntou, curiosa.

— Uma velhinha rechonchuda e fofa, com um vestido mega brega azul — respondi.

— Viu? Olha pra mim! Eu sou magra, jovem e lindaaaa! Viu o meu vestido mais cedo? É divino! Os melhores ratos designers que produziram em pleno século dezoito! Absurdo, não compreendo nunca essa desfeita comigo!

— E as sapatilhas? Na história falam que foi um sapato de cristal.

— Então. A Cindi Relly, esse era o nome dela, morava na Europa na época. Houve o baile e a madrastra não a deixou ir. Eu apareci, fiz a magia, mas Cindi adorava dançar, ela tinha um amor enorme pela dança. Eu a presenteei com as sapatilhas para que se destacasse entre os demais no salão e pudesse deslizar como uma bailarina. Ela assim o fez, mas...

— Mas?

— Não deu muito certo, pois o príncipe quase não a notou. Eu havia lançado uma magia para que, se o príncipe não tivesse se apaixonado por ela até meia-noite, ela voltaria uma hora no tempo para tentar outra vez.

— E deu certo?

— Deu. Ele se apaixonou por ela e, quando bateu meia-noite, o encanto cessou. Cindi correu pelas escadarias afora e, nos últimos degraus, sentiu o laço de uma das sapatilhas ceder e quase tropeçou quando ela folgou de seu pé. As roupas já estavam voltando ao normal e não dava pra pegar a sapatilha deixada para trás, então ela voltou para casa apenas com uma. O resto da história você sabe. E a magia das descendentes foi um presente de casamento que dei a ela e ao príncipe. Enfim... Você é uma descendente da Cindi.

Calma, Lorena. Respira.

— Ahhhhhhhhhhhhhhhhhhh! Meu Deus.... — dei um gritinho histérico —, sou

da linhagem da Cinderella!

— Cindi! Cindi! — ela me corrigiu.

— Ok, Cindi — concordei e continuei concentrada, dirigindo até o aeroporto.

Durante o resto do trajeto, fiquei sabendo que a sétima descendente foi um pouco rebelde e fugiu com o homem amado para o Brasil, onde teve filhos, que tiveram filhos e assim foi, até chegarem às pessoas da minha geração. Ela me alertou também, que mesmo que outra pessoa roube as sapatilhas, a magia só funciona com a descendente. Mas não existem outras, então se eu as perder, teria de pagar com a própria vida, pois seria o fim da magia juntamente com o fim da descendente que as perdeu. Óbvio que eu não queria morrer, então dirigia que nem louca até o aeroporto para caçar o ou a infeliz que me roubou. Descobri também que o fato de eu ter dito da magia para Lorenzo e voltado no tempo tentando apagar não anula o que eu disse da mente dele. Só se revela a magia apenas uma vez e eu descumpri uma regra importantíssima. Falar nele, até me esqueci de avisar que saí, depois eu ligaria pra ele com calma, quando voltasse pra casa.

— E o que houve com a madrastra má? — perguntei, ao estacionar o carro no aeroporto.

Ela suspirou e me encarou.

— É uma longa história. Vamos logo. — Saiu do carro e eu a acompanhei.

Como ela estava aparentemente comum, não precisou se esconder em mim. Achei até meio desnecessário ela ter ficado no meu ouvido mais cedo, mas deve ter sido pra mostrar suas habilidades, ela pareceu gostar de ser valorizada, pelo que percebi.

Corremos que nem loucas seguindo o maldito alerta do GPS das sapatilhas. Andamos bastante caçando o tal local, mas o aeroporto é enorme, então eu estava meio ofegante de correr tanto. Quando estávamos próximos do local, ela foi me guiando. Chegamos até uma área de check-in. Eu precisaria comprar uma passagem pra passar para a parte do embarque, mas estávamos tão perto que pedi apenas que ela me mostrasse onde estava.

— Ali! Está naquela mochila ali! Nas costas daquela pessoa. — Apontou para alguém.

Encarei a pessoa, de costas, andando tranquilamente com uma mochila pequena nas costas — provavelmente usando como bagagem de mão —, e achei o corpo muito familiar.

— Ei! — gritei e depois tentei um assobio. O homem parou e virou ao som do meu chamado.

Não era possível.

Não podia ser, não... não... não.

Ele arregalou os olhos de tal forma, que podiam saltar das órbitas. Encarou-me e depois olhou para a fada ao meu lado, que estava furiosa.

— Volta aqui! Você está com minhas sapatilhas! — gritei, talvez ele tenha levado por engano, eu queria acreditar nisso.

Mesmo a uns 50 metros de distância, percebi que Lorenzo estava visivelmente nervoso e seu peito subia e descia num ritmo frenético. Ele não disse nada.

Comecei a chorar.

Se ele queria me deixar, tudo bem, tudo bem mesmo. Mas por que roubaria um item tão precioso pra mim? Pra quê?

— Lorenzo! Por favor — eu soluçava, sem forças —, me devolveee! Eu... Não posso viver sem isso!

A minha fada madrinha me consolava do meu lado, mas ela não podia fazer nada. Eu é que devia recuperá-la, ela já fez muito me levando até ali.

— Não acredito que você foi capaz! Você brincou comigo! — Meus olhos estavam parecendo uma cachoeira. Eu chorava copiosamente, de maneira desesperada e compulsiva. — Você me usou!

Os olhos de várias pessoas, em plena segunda-feira, quase sete da manhã, focaram-se em mim, enquanto eu fazia o escândalo mais necessário da minha vida.

Logo ouvi a chamada de um voo para a Espanha e entendi que Lorenzo voltaria para sua família. Ele me deixaria morrer, mesmo sem saber disso!

Eu fui tomada pelo ódio.

— TE ODEIOOOOOO! — gritei, desesperada.

Ele fechou os olhos e eu vi lágrimas caírem deles. Não me comovi, eu não acreditaria mais nele. Nunca mais.

Então ele abriu a boca e sibilou algo que me deixou mais furiosa.

“Eu amo você. Não se esqueça.”

Aquilo me desabou. Ele se foi, foi embora e me deixou ali. No chão, em prantos e sem esperança

.



Algumas horas depois, após me recompor e conseguir dirigir de volta pra casa, a Fada me disse que seu nome era mesmo Fada e lamentou que o ladrão fosse meu namorado. Disse que fez tudo que podia e que voltaria assim que tivesse uma solução, para me ajudar.

Entrei no meu apartamento, desolada e destruída. Em cacos.

Sem nem pensar em nada, ainda chorando, segui até a geladeira para pegar uma água, quando vi um papel preso em um ímã.

"Você não está entendendo, eu sei. Mas um dia entenderá. Eu precisei fazer isso, não podia ver você piorando a cada dia. Foi necessário, juro. Eu te amo, Lorena. De verdade. Tudo foi real desde o momento em que eu bati

a sua porta com as flores. Não foi mentira.

Não quero ficar aqui me explicando sem poder esclarecer nada, eu só quero que saiba que, antes de você, eu era metade. Sempre fui metade. Você me fez inteiro.

Não espero que me entenda, mas tudo isso é apenas para que eu não seja metade outra vez.

L."

E com aquele papel na mão e o coração em pedaços, me lancei na cama e, após chorar tudo o que eu podia, caí em um profundo sono.



Capítulo Doze

FASE 2

LORENZO.

Maldição!

Era o que se resumia o lixo que estava a minha vida naquele momento.

Meu sangue ainda fervia de ódio. Ódio da minha família, ódio do meu sangue, ódio do fato de ser quem sou e nada conseguir mudar isso. E a dor. A dor da perda, a dor de não poder amar, a dor de se deixar quem ama sofrer, sem poder dizer nada e o pior... A dor de saber que não fui destinado a um final feliz. Nunca.

— Senhor, aceita uma bebida?

Virei meu rosto, antes encostado próximo ao vidro da janela do avião, contemplando as nuvens enquanto lembrava da desgraça que andava vivendo, e encarei a aeromoça.

— Aceito, obrigado. — Controlei a emoção na minha voz e peguei a bebida que ela trouxera, ingerindo, enquanto minha mente turva organizava os pensamentos.

Eu me arrependo de tantas coisas. Em tão pouco tempo tudo virou de pernas para o ar.



Eu precisava dar o fora daquele lugar o quanto antes. Desde que eu assinei minha independência e deixei a minha família de lado para morar no Brasil, jamais me imaginei voltando nem para visitas esporádicas. Mas lá estava eu, preocupado com meu pai, atendendo a um chamado de urgência da minha progenitora, que só me ligava quando precisava de algo.

— Filho.

Parei de arrumar minhas malas, que estavam sobre a cama do meu quarto, e encarei os olhos negros de minha mãe, cuja presença invadia todo o meu espaço.

— Diga.

— Nunca consegui entender por quê você é diferente dos outros. Volte a viver conosco depois que tudo ficar bem! A mansão possui quartos de sobra e você pode fazer o que quiser.

Dei uma risada sarcástica.

— Não, obrigado. — Voltei a arrumar minhas roupas, eu precisava voltar logo para o Brasil e me ver livre dessa gente louca.

— Leonora vai mesmo contigo? — ela continuou.

— Não sei. Disse que um amigo do curso dela mora lá e quer passar as férias com ele — respondi sem encará-la, fechando a mala.

— Ela precisa tomar cuidado. Fique de olho nela, meu filho. Sabe que é um risco muito grande, caso ela...

— De novo essa história pra boi dormir. Não, mãe. Sabe que eu não acredito nessas coisas, nem nunca acreditei.

Ela sentou na ponta da minha cama, pôs a mão sobre o peito e suspirou, cansada.

— Leonora é boa. Me dói dizer, mas a menina possui bom coração e eu me preocupo. — Ela me encarou. — Ao menos vai procurar as sapatilhas? Dependemos dela, você acreditando ou não.

Aí que começou a minha desgraça.

Meu pai estava começando a adoecer e, quando minha mãe me solicitou presença, foi para dizer que o conselheiro da família rastreou as sapatilhas mágicas. Um item antigo que era passado de geração a geração. A única informação que continha era que ela estava no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro. Justo onde eu morava desde meus dezenove anos.

Quem ficou incumbido de encontrá-la, mesmo tendo outros quatro irmãos

imbecis que poderiam fazê-lo?

Exato, eu.

— Sim. Malvino me deu uma cosita que vibra quando a magia for usada por perto. Só não me explicaram o que essas sapatilhas fazem.

Minha mãe levantou da cama e andou até a porta novamente. Chegando lá, se virou e disse:

— Retorna no tempo.

Então ela se foi. Dei de ombros e fui me vestir, estava quase tudo pronto para irmos e não queria atrasar, para não perder o voo.

Assim que desci as escadas, Leonora e o amigo já estavam lá. Fiquei surpreso dela trazê-lo até aqui. Nossa casa não é das mais iluminadas e acolhedoras. Pelo contrário, parece um mausoléu. Meus outros irmãos estavam ali ao lado deles, em fila lateral, junto ao meus pais. Despedidas lá eram sempre assim. Todos na sala te dizendo adeus.

O primeiro de quem me despedi foi Leon, meu irmão mais novo, de vinte anos.

— Até breve, hermano — disse ele.

— Até.

Depois foi Victor, de vinte e três.

— Te cuida, Enzo — falou.

— Farei isso.

Depois me despedi de Malvino e, por último, Alejandro.

Alejandro é o meu irmão mais velho, tem trinta e cinco e cuida desde já dos negócios da família. A única coisa que me enche de ódio dele é que meu pai ainda é vivo e o maldito já se achava no direito de dar ordens pertinentes apenas ao meu genitor.

Ao apertar a mão dele, fui puxado delicadamente para mais perto. Alejandro aproximou o rosto do meu e sussurrou algo no meu ouvido.

— No te enamores.

Achei engraçado para uma despedida, mas permaneci sério. Odiava parecer imaturo e dar motivo para Alec me envergonhar futuramente.

Eu era o único dos irmãos que teve a coragem de fugir dali quando mais novo. Eles deveriam me invejar. Então, qualquer deslize meu já era motivo para vergonha ou constrangimento público. Eu via a raiva borbulhando nos olhos deles algumas vezes.

Me despedi de minha mãe e de meu pai.

Ursula é o nome de minha mãe. Meu pai se chama Valentino. Eles nunca foram um casal amoroso, não há amor entre eles, mas agora, após quarenta anos juntos, minha mãe cismou que estava começando a se apaixonar por ele, e por isso a urgência em achar as sapatilhas.

Nossa cura era ela, nosso antídoto.

Não entendo como em tantos anos ninguém da nossa família nunca as encontrou.

Por que logo agora?

Por que eu?

Mas não pude dizer não à missão estabelecida por eles. Eu já era considerado um traidor por me rebelar há dez anos, indo morar no Brasil e deixando as crenças e modo de viver que eles usam para trás. Não queria ser condenado, quem sabe, à morte, apenas por não querer caçar uma mísera sapatilha com cristais que, com certeza, eu acharia brincando.

Leonora se despediu de todos e juntos fomos ao aeroporto.



Meus pensamentos começaram a se encaixar.

E se Dante não tivesse morrido? Eu jamais descobriria a mentira. Jamais descobriria que Alec tramou para que tudo desse errado. Mas ele me paga. Ele me paga, pois assim que eu entregar essas sapatilhas ao conselheiro, vou acabar com ele com minhas próprias mãos. Por mim, por Lorena, por Leonora e por Dante, que já não pode mais se defender.

Minha mente foi levada até minha morena no momento em que me chamou, na hora do embarque.

A dor no meu peito ainda está lá. Já estava há algumas horas dentro do avião, mas não conseguia me sentir melhor. Eu me apaixonei como um louco, de forma irrefreável e imensurável. Lorena não merecia o que eu fiz, mas esperava um dia poder explicar e esclarecer. Acreditava que ela entenderia e saberia que foi para seu próprio bem. Precisava dessa esperança.

Eu a amava, não havia mais como mudar a realidade.

A única solução era levar as sapatilhas o quanto antes.

— Lorena... Lorena... Meu pão de queijo — sussurrei apenas para mim e arrisquei um sorriso ao pronunciar seu apelido carinhoso.

Terminei de beber e posicionei o copo no descanso. Em seguida, encostei a cabeça na cabeceira do assento e suspirei. Passei dois dedos nos meus lábios,

lembrando o sabor da minha morena, que ainda estava tão recente.

Ao lembrar da despedida no aeroporto, um buraco se abriu em meu peito, como se eu, naquele momento, tivesse deixado uma grande parte de mim lá, com ela, e aqui no avião apenas restasse o Lorenzo rancoroso, vingativo e amargurado que sempre fui.

Me partiu o coração vê-la gritar que eu a usei, quando o usado desde o começo fui eu, e estou a caminho do lugar onde todas as satisfações serão tiradas.



Eu já havia perdido a conta de quanto tempo estava naquele avião. Mas só de poder ainda sentir o cheiro de Lorena no meu corpo, de alguma forma a raiva de mim mesmo e meu ódio por minha família deu uma aliviada. Relembrar seu toque, nossos corpos entrelaçados e o cheiro da sua pele na minha me deixou com tanta saudade que eu já queria voltar. Jurei a mim mesmo que, depois de ter tudo resolvido, eu voltaria. Precisava explicar a ela o motivo de toda essa loucura, mesmo que ela me odiasse e me rejeitasse. Eu não poderia simplesmente ignorar esse amor que invade meu peito e meus pulmões como se fosse o ar pra respirar.

Logo minha mente foi invadida pelos seus olhares. A raiva em seus olhos na primeira vez que nos vimos, sua pose autoritária insinuando que eu a havia quase atropelado.

Sorri ao lembrar...

Imagens dos nossos primeiros momentos inundaram meus pensamentos. Até que me lembrei do exato instante em que percebi que estava começando a me sentir atraído por ela.

Assim que eu tomei meu banho após o treino naquele dia, encontrei-a de pé, com roupa de dança, apoiada com a mão no balcão da recepção, e arregalei os olhos em reconhecimento. O que ela estaria fazendo na academia onde treino? Fui até ela.

—O que faz aqui? — perguntei, ríspido.

Ela arregalou os olhos e me olhou, um pouco confusa.

— Trabalharei aqui a partir de semana que vem — respondeu calmamente.

— Hum — murmurei, e passei a mão na nuca, olhando para os lados. — Já vai embora?

— Sim, por quê?

— Por nada. Está com seu carro? Quer carona? — Cruzei os braços.

Eu estava surpreso de vê-la ali, algo me fazia querer estar perto dela, e a tensão no ambiente me fez perceber no segundo seguinte que eu estaria perdido, se continuasse próximo de Lorena.

— Tudo bem — respondeu, um pouco desconfiada.

Assenti e segui para a rua. Torci mentalmente para que ela desistisse da idiotice da minha carona, não ia acabar nada bem e eu pressentia isso. Percebi que ela não me seguiu, então me virei e a olhei.

— Não vem? — perguntei. Diga não, por favor.

— Ah, sim! — Ela teve um sobressalto e lançou tchau para Gianne, a secretária da academia.

Retornei a minha caminhada até a moto, quando ouvi sua voz ofegante. Ela tinha corrido.

— Ei — disse, já perto de mim.

— Hum? — Parei e olhei pra ela, arqueando uma sobrancelha.

Ela cruzou os braços.

— Você está estranho. Tá tudo bem?

Dei uma risada sarcástica. Eu não estava nada bem e, na verdade, nem eu mesmo sabia o que estava havendo comigo.

— Você nem me conhece direito e acha que eu estou estranho? É uma piada?

— Desculpa! — Levantou as duas mãos no ar em rendição. — Acho melhor eu ir sozinha, não quis te incomodar.

— Não! — Contive-a. Droga de vontade de estar perto dela! — Vamos... Tomar um sorvete ali, daí a gente conversa. Gosta de sorvete?

Um sorriso surgiu em seu rosto.

— Adoro!

Eu queria que meu corpo agisse da forma como meu cérebro comandava, mas ele queria tocá-la. Ele queria estar tão perto dela, que de longe poderíamos ser considerados um só. Eu a desejava tanto, e tão rápido, tão inesperadamente.

Após tomarmos o sorvete e eu agir como um babaca, deixando-a ir apenas para que não se aproximasse demais de meus problemas, percebi que ela havia esquecido uma mochila na cadeira, apoiada atrás. Não a abri, apenas peguei e fui até onde eu recordava ser seu prédio. Por sorte, ela chegou depois de mim e pareceu tão contente de eu ter devolvido sua mochila, que me abraçou.

Eu estava literalmente perdido. Meu lado racional havia ido para o espaço. Todo o trabalho que eu exerci sobre eu mesmo a respeito de contatos físicos serem chaves para portais emocionais sem retornos havia caído por terra. E adivinha com o quê? Um simples abraço da morena.

Um abraço que me fez sentir seu aroma doce e suave sendo implantado na minha corrente sanguínea. Ela estava se apossando de mim desde aquele instante e nem ao menos percebeu. Não consegui me controlar e, ao ver que Lorena estava quase saindo do meu limite de visão, senti sua maldita falta. Praguejei internamente e fui até ela.

Beije-a. Dei um beijo irracional, involuntário e sem pensar em nada, naqueles lábios fartos e deliciosos. O pouco que eu senti já havia arrepiado todos os pelos do meu corpo e eu precisava me conter, precisava estudar sobre esses sintomas e pensar bem. Agir com a mente.



Faltavam apenas duas horas para chegar à Espanha. Eu havia cochilado duas vezes durante o voo e sonhado com minha morena.

Após lembrar o dia do sorvete e do nosso primeiro beijo, respirei fundo e coloquei a mão sobre meu peito, sobre meu coração. Ou sobre o buraco que havia no lugar dele, já que o coração havia ficado no Brasil com ela. Eu jamais conseguiria vir com ele. Senti meus olhos arderem. O amor é tão estranho. Eu tentei, tentei de todas as formas não me apaixonar, não cair nas garras do amor e ficar que nem louco por causa de uma mulher. Mas o destino foi tão cruel que não só permitiu que eu me apaixonasse, mas que a mulher cujo alvo do meu amor é, fosse logo a dona da maldita sapatilha que eu estava caçando. Quais as chances disso ser possível?

Meu sangue não pode experimentar o amor.

Minha linhagem está amaldiçoada para sempre.

Apenas a magia das sapatilhas poderá quebrar essa maldição.

Preciso ter esperanças de que, após quebrá-la, eu consiga ver Lorena bem e consiga explicar o tanto que a amo, o porquê de eu ter fugido e feito tudo o que eu fiz. Aquele pequeno e mal explicado bilhete com certeza não ajudou em nada. Pelo que a conheço, ela já deve ter me amaldiçoado com todos os nomes possíveis e jurado até a eternidade que nunca mais me veria outra vez. Foi tão

difícil conquistá-la novamente. Tão difícil fazê-la deixar que a tocasse e a beijasse. Foi tão complicado construir sua confiança em mim após a notícia de Alec, que quando eu percebi que precisaria roubar as sapatilhas e ir embora, quis me matar.

Acabar com minha dor de uma vez e não vê-la sofrer mais.

Prefiro a morte a deixar minha morena me odiar.

Mas não pude ser tão egoísta, não adiantaria de nada, e a maldição continuaria com força total. Era egoísmo dar cabo da minha vida e não me importar com as dos demais. Já tinha morrido gente inocente e eu não permitiria que o amor da minha vida acabasse indo também.

— Lorena, minha morena. — Funguei, enxugando as lágrimas. — Sinto tanto a sua falta. Eu a amo tanto, tanto.

Falei comigo mesmo, esperançoso, como se de alguma forma ela pudesse me ouvir.



Neve.

Foi a única coisa que eu avistei, ao perceber que estava perto de pousar, ainda dentro do avião. O inverno estava rigoroso, porém não tão intenso para adiantamento de voos e pousos.

Assim que meus pés tocaram o chão espanhol novamente, um calafrio se apossou de meu corpo. Eu já estava devidamente vestido, levando o calor do verão no Brasil apenas em minha memória.

Não avisei ninguém da família sobre meu retorno, apenas à Leonora, que provavelmente não devia ter contado nada à minha mãe. Ela ainda estava em processo de recuperação e tratamento psicológico pela perda de Dante. Tomei um táxi e avisei meu endereço.

Durante o longo trajeto, eu só pensava em me livrar logo da maldição e voltar para os braços de Lorena. Já não me aguentava mais de saudades e seu cheiro já havia sido disperso de meu corpo devido às horas passadas no avião.

Recordei-me da noite após o show da banda, quando eu preferi deixá-la em minha casa, ao invés de não me importar em vê-la voltar sozinha, andando na chuva para a dela.

Eu sabia que aquilo batendo acelerado em meu peito estava ligado diretamente a ela. Sabia que não tinha mais volta no momento em que nos entregamos àquele beijo no sofá. Sabia que havia perdido. Ela estava entregue à morte pela minha fraqueza.

Meus pensamentos me levaram à minha infância, onde, pela primeira vez, antes de dormir, minha mãe me contou da maldição.

— *Longe da terra dos contos de fadas existia uma família. Uma família que lutava por seu final feliz e acabou, por tanto lutar, ganhando uma maldição de uma bruxa poderosa do antigo reino do Rei Encantios.*

— *Maldição?* — perguntou meu inocente eu.

— *Sim. Por tentar usurpar o trono da princesa Cindi, sua madrasta, na época, foi amaldiçoada a nunca poder experimentar o verdadeiro amor. Caso alguém de sua linhagem se apaixonasse, a pessoa cujo amor é dedicado morreria lentamente.*

— *Que história triste, mamá.*

— *Triste. Mas se conseguissem roubar o item mágico da antiga Rainha Cindi, a maldição poderia ser quebrada, fazendo com que a descendência da Madrasta má pudesse enfim experimentar o amor.*

— *Eles conseguiram quebrar a maldição? Como viveram sem amar?* — perguntei.

— *Não, querido. A solução foram casamentos arranjados, filho. Apenas para continuar a descendência. Sabe... Há um segredo que preciso te contar.*

Meus olhinhos inocentes focaram nos de minha mãe e, naquele momento, tremi da cabeça aos pés. Eu sentia que algo de ruim estava por vir.

— *conte.*

— *A maldição é real. Somos a linhagem amaldiçoada, filho.*

Não podia acreditar. Eu era apenas uma criança, mas via na tevê, lia nos livros o quão belo poderia ser o amor. Jamais poderia tê-lo dentro de mim. Isso não poderia ser real.

— *Mentira. Isso não existe.* — *Fechei o rosto em uma feição irritada e me cobri na cama.*

— *Filho, você ainda tem dez anos, mas saiba que o amor fará isso com você.*

Não se apaixone, fuja desse sentimento. Até encontrarmos o item mágico que procuramos há gerações, não poderemos jamais amar.

— Mas eu te amo! Amo meus irmãos, meus amigos! — esbravejei, com os olhos marejados.

— Esse amor é permitido, o amor proibido é o amor Eros, o genuíno amor que une dois corações para além da eternidade. O mesmo amor do Rei Encantios e da Rainha Cindi.

— Mentirosa! Sai do meu quarto! Não quero ouvir, saia! — gritei, apontando para a porta do quarto.

Minha mãe, em silêncio, assentiu e se retirou lentamente do recinto.

Eu chorei.

Era apenas um menino, mas naquele momento eu quis fugir daquele lugar pra nunca mais retornar.

E lá estava eu novamente.

Aos vinte e nove anos de idade, completamente apaixonado, dominado pelo mesmo amor do Rei Encantios e da Rainha Cindi, os prováveis antecedentes de Lorena. E o que era eu? Um maldito descendente da madrasta má. Como a vida é irônica!

Meus pensamentos foram interrompidos pela chegada ao meu destino. Paguei a corrida, peguei minhas malas e segui adiante, onde o grande portão negro de ferro, acompanhado de um enorme muro de vasta extensão, me aguardava.

— Lorenzo Ascuero — falei ao comando de trava segura no portão.

Imediatamente o reconhecimento de voz e nome fez com que as trancas de ferro liberassem passagem para mim. Adentrei o enorme e vasto terreno, onde de um lado se via um homem cavalgando em um cavalo negro com maestria e, do outro, apenas um jardim bem cuidado. Segui pela estrada principal a passos largos, porém o mesmo homem no cavalo aproximou-se de mim, desceu de seu animal e parou à minha frente.

Era meu irmão mais novo, Leon.

— *No lo creo! Eres tu!* — Me abraçou forte.

— Tá, chega, sabe que odeio abraços. — Me afastei.

— Como está? Como pôde vir sem avisar? — Caminhou ao meu lado, segurando o cavalo pelas rédeas.

Dei de ombros.

— Estou aqui, é o que importa — pronunciei, sério. — Cadê Alejandro?

Leon bufou.

— Aquele metido a dono de tudo está no escritório do papá. Nosso pai está quase batendo as botas, o antídoto que conseguimos não fez efeito algum. Estamos tentando ao máximo retardar sua ida, mas sabe como é. Inevitável.

— Sim. Eu sei.

Após longa caminhada, chegamos à mansão mais macabra da minha existência. Já na sala, Leon fez o favor de sair gritando aos quatro cantos que eu havia chegado, fazendo com que todos os empregados corressem para buscar minhas malas e perguntar se eu precisava de alguma coisa.

— Não, obrigado — respondi ao mordomo, que me ofereceu água —, preciso falar com Alec.

Não deixei que levassem minha mochila, apenas a mala principal. Segui até o local onde Alec se encontrava e bati à porta.

— *Adelante!* — ouvi-o dizer.

Seus olhos só faltaram saltar das órbitas no exato momento em que entrei na sala rústica e ampla, onde resolvia as coisas de nosso pai. Caminhei até a mesa, posicionei minha mochila no chão e me sentei em uma cadeira, de frente a ele.

— Bom revê-lo, Alec. — saudei, meus olhos fixos e intensos nos dele.

— Oh... Lorenzo, mas... O que faz aqui? — A feição surpresa não abandonava seu rosto.

— Vim quebrar a maldição. Mas antes, gostaria de lhe contar um segredo.

Sabe, a formalidade é uma virtude dos meus familiares. Nunca nos exaltamos com palavras, apenas nos expressamos do modo mais formal possível. Tinha certeza de que Alec podia ver meu rosto impassível, mesmo jamais podendo enxergar a dor profunda em meu peito.

— Segredo? Como assim?

Levantei e comecei a andar pelo escritório.

— Sabe, *hermano*, descobri que a maldição é real. — Parei e o encarei. — Sabia?

Ele se levantou, aprumou seu paletó e se aproximou de mim.

— Mas é claro que eu sabia! Sou o próximo gerenciador das coisas da família. É meu dever estar a par de tudo o que acontece com nossa linhagem ao redor do mundo — falou, soberbo.

— Aham — debochei de modo suave. — Você soube também que o namorado da Leonora morreu?

Ele engoliu em seco.

— Hum... Soube de algo relacionado a isso sim. Por quê?

— Você sabia que nos ligaram em uma madrugada, avisando que a sapatilha havia sido encontrada por um caçador particular e que a maldição já havia sido quebrada?

Ele fingiu espanto.

— Como pode? Nosso pai está à beira da morte. Como podem ter inventado algo tão cruel?

Cruzei os braços

.

— Pois é. Após essa ligação, um tempo depois o namorado de Leonora

morreu. Comecei a investigar e notei que, sim, foi um trote, uma mentira. Mas olha só... Até eu já estava envolvido até o pescoço com alguém. Você sabia? — Arqueei uma sobrancelha.

— Bom... — Ele desviou os olhos dos meus e andou pelo local, como eu havia feito anteriormente. — Eu soube que tinha uma menina muito bonita, morena e bastante atrapalhada que, vira e mexe, era vista perto de você em algumas ocasiões. Após a chegada dela, você ficou um pouco disperso na sua missão. Não estava caçando as sapatilhas com comprometimento.

— Você acha? Acha que eu não estava caçando? Eu evitei aquela mulher o máximo que eu pude! Eu fui cruel, estúpido, insensível, como sempre fui com todas as mulheres. Mas ela tinha algo que você nunca poderia enxergar em ninguém. Sabe por que, Alec? Porque você não ama!

Ele parou, me olhou e deu uma risada estrondosamente maligna.

— Lorenzo, você se apaixonou? E a garota, ela já morreu? — desdenhou.

Meu sangue subiu à cabeça, eu estava me controlando desde o momento em que o vi para não partir seu rosto no meio, mas seu desdém foi demais. Avancei até ele e comecei a desferir socos e chutes pelo seu corpo.

— *Ayuda! Ayuda!* — Alec gritava em meio à minha agressão.

Eu o fiz sangrar, investi contra ele com toda a raiva que eu possuía. Maldito! Ele armou tudo e eu tinha certeza disso!

Até que dois seguranças da família invadiram o local e me contiveram.

— *Mazmorra!* — Alec gritou seu comando.

Eu sabia para onde me levariam.

Um calabouço.



Capítulo Treze

Amplamente arejado e parecendo um quarto de hotel, eis o calabouço. Fiquei surpreso, até parece que pensaram em mim quando o remodelaram, pois quando eu morava aqui, esse local da casa era esquecido.

Não fiquei na moleza, pelo contrário, passei cinco dias agoniantes dentro daquele quarto, trancado, sem nada pra fazer, aguardando apenas as refeições nas horas marcadas e a visita de Leon pela madrugada, passando-me o relatório de tudo que aconteceu no dia.

Sim, meu irmão mais novo também odiava Alec e me ajudou.

No primeiro dia, ele bateu suavemente na porta, me despertando de um cochilo na pequena cama de solteiro localizada no centro do quarto. Levantei e andei até lá, encostando o ouvido na madeira a fim de ouvir o que ele queria me passar.

— Diga, Leon.

— Parece que não conseguiram anular a maldição. Chamaram pessoas especializadas da cidade, mas não conseguiram. As sapatilhas não funcionaram.

— Mas são as sapatilhas! Eu trouxe a verdadeira, garanto a você!

— Eu acredito, *hermano*. Só estou te avisando, caso venham te pedir alguma satisfação. Não conseguiram nada hoje.

— Obrigado, *hermano*. *Hasta mañana*.

— Hasta.

No segundo dia, os homens de Alec vieram me interrogar. Como eu não sabia muito bem o que poderia dizer pra ajudá-los, apenas me calei e deixei aqueles covardes tentarem me torturar de algum modo. Não seria assim que conseguiriam saber sobre a magia e eu não estava disposto a ajudar nem se soubesse. Apanhei, digamos que apanhei bastante e que meu rosto inchou e precisou de muitas ataduras... Que, claro, não foram feitas. Permaneci firme durante o segundo e o terceiro dias, quando Leon me deu a pior notícia que eu poderia receber.

— *Hermano!* — Bateu à porta.

Corri, um pouco impossibilitado com o rosto desfigurado de tanto apanhar e uma perna manca por alguns chutes que recebi, mas encostei novamente meu ouvido na madeira da porta, atento ao que Leon dizia do outro lado.

— Diga. — Minha voz saiu um pouco fraca.

— Descobriram o motivo das sapatilhas não funcionarem. Só funcionam com a garota! Apenas com ela!

Calafrio.

Calafrios intensos se apoderaram de meu corpo. Não... Eles não poderiam tocar em Lorena. Soquei a porta com o restante da força que eu tinha.

— Calma, vão me ouvir e saber que te passo informações! Se acalma!

— Não estou nem aí! Eles não podem tocar nela! Não podem encostar um dedo em Lorena, avise-os! Eu mato a todos, mato!

— Meu pai... Sentir amor é assim? Se for, eu passo — Leon tentou brincar.

— Cala a boca! Não sabe o que está falando, ela é... Tudo! Faça alguma coisa, Leon! Eles não podem procurá-la.

— Vou fazer o que posso... — Percebi Leon se calar e alguns barulhos no corredor do subsolo começaram a aumentar. — Fui pego! — ele sussurrou, desesperado.

— Leon! Leon! — Chamei-o, porém não houve resposta.

O barulho de socos e correntes me fizeram imaginar que os guardas de Alec deveriam estar algemando Leon. Eu me arrastei, recostado na porta até o chão, e deixei as lágrimas invadirem meu ser.

Eu estava sem saber o que fazer. Não podia mais lutar, não tinha forças.

Se não conseguissem anular a maldição imediatamente, Lorena... Droga! Eu não poderia viver em um mundo onde ela não existisse, simplesmente não dava. Aguentaria viver longe, caso ela não me quisesse mais... mas saber que ela não existe mais seria impossível suportar.

Minha mente me levou até ao dia em que tivemos nossa primeira noite, em Rio das Ostras.

Ela me explicou naquela noite que a tal sapatilha era mágica. Eu não contive a surpresa em saber que ela era a dona do bendito item que passei meses procurando. Porém, notei que ela ficou incomodada com o fato de eu saber e logo depois percebi o meu malômetro apitar. A cena dela me contando sobre a sapatilha se tornou distante, como se fosse apenas um sonho. Mas eu sabia que era real. Ela provavelmente a usou e retornou no tempo, achando que apagaria o fato de eu saber sobre sua magia. Sinceramente? Não estava nem aí pra nada no exato momento em que a vi sair de roupão de dentro do banheiro, com o banho recém-tomado.

Fiquei instantaneamente excitado e suspirei. Se ela não fosse minha naquela noite, eu enlouqueceria. Pensei bem em como faria tudo da melhor forma para que ela entendesse que eu a amo, mesmo sem nunca ter dito em voz alta. Naquele dia, mais cedo, eu havia dito que estava apaixonado. Isso deve servir de algo, certo?

Eu a vi se aproximar da cama onde eu estava deitado, de braços cruzados atrás da cabeça, admirando-a. Ela sentou na beira, de costas pra mim, e retirou

lentamente o roupão. Praguejei mentalmente. Ela estava com uma camisola de tecido fino. Daqueles curtos que dá pra ver tudo.

Lorena, Lorena... Não me provoque...

— Eu... estou com um pouco de calor — ela comentou, um pouco retraída. Ainda de costas pra mim.

Ah, quer saber? Que se dane essa coisa de bom moço, cavalheirismo e o caramba! Me aproximei dela por trás e a abracei. Encaixei minha cabeça no seu ombro e arrastei seu cabelo para o lado oposto de onde eu estava, me dando a visão de seu pescoço nu e cheiroso. Aspirei seu perfume de olhos fechados. Cheiro de mulher. Doce, viciante. Eu estava tomado pelo desejo. Pronto para tomá-la inteira pra mim.

Depositei beijos ao longo de seu pescoço, enquanto minhas mãos deslizavam as alças de sua camisola para baixo. Ela fechou os olhos e ofegou no instante em que comecei a acariciá-la.

— Hoje você vai ser minha, Lorena. Não vai poder fugir — sussurrei em seu ouvido.

Ela deu uma risada contida.

— Não tenho medo de lobo mau — respondeu.

Puxei-a para trás e a deitei na cama. Me levantei e fiquei de frente a ela. Ela deitada seminua, me olhando, enquanto eu estava de pé a encarando.

— Eu não me encaixaria em nenhum vilão dos contos de fadas, minha morena — brinquei, enquanto deslizava meu short para o chão, ficando totalmente exposto para ela.

Lorena arregalou os olhos e deu um sorriso.

— Não vou fugir. Quero ser sua hoje, vem. — Levantou o indicador me chamando e eu fui que nem um cachorro, de joelhos, caminhando na cama até nossos lábios se encontrarem.

Começamos a nos beijar do modo mais sedento que possa existir. Há como sentir sede de beijo? Pois era o que eu sentia naquele momento. Sede dela. Dos seus lábios. Do seu sabor. Nossas línguas se tocavam e entrelaçavam-se de modo intenso, enquanto nossas mãos exploravam um o corpo do outro. Estávamos famintos. Eu faria um banquete da minha morena.

Após nossos beijos profundos, fui deslizando meus lábios para baixo, beijando seu queixo, seu pescoço, até chegar no vale entre seus seios. Lorena gemeu em resposta e arqueou o corpo, demonstrando intenso prazer com minhas carícias naquela área. Seus olhos eram um mar de desejo.

— Lorenzo... — ela tentou dizer algo e eu a encarei. Com um pouco de medo dela pedir pra que eu parasse, voltei a beijar sua barriga, chegando ao umbigo. Depois beijei o caminho do umbigo até mais abaixo e terminei de despi-la.

— *Eu tenho... vergonha* — Lorena sussurrou, ao me ver admirando seu corpo nu.

— *Não sei por quê. Você é perfeita. A mulher mais linda que eu já conheci. Voltei a adorá-la do modo que eu sabia fazer melhor e ver seus olhares pra mim fizeram meu coração retumbar de modo frenético dentro do meu peito. Eu sabia que já era totalmente dela, queria apenas prová-la o quão especial pra mim Lorena é.*

Depois de mais alguns momentos íntimos, ela me olhou com atitude e me puxou para si.

— *Vem, preciso ter você agora.* — E eu fui.

Consumamos nosso amor de modo tão profundo que, se eu fosse descrever cada detalhe, faltaria papel no mundo para compor as palavras do que era tê-la pela primeira vez. E meu maior desejo era que fosse assim para sempre. Sem nunca dizer adeus.

Lágrimas.

Lágrimas.

Muitas lágrimas encharcaram minha roupa já manchada de sangue seco.

Relembrar nosso primeiro momento não aliviou a dor de não tê-la mais, de nunca poder sequer dizer que a amo mais uma vez e de, talvez, não poder jamais vê-la devido à maldição já tê-la tomada para si.

O quarto e o quinto dias foram de silêncio total. Não me questionaram nada, nem me torturaram. O banho fazia minhas feridas arderem e, pela primeira vez, no quinto dia me mandaram uma roupa para que eu trocasse.

Mas o que me deixou com medo, louco e fora de mim, foi o que aconteceu na madrugada do quinto para o sexto dias.

Senti uma ardência forte surgir do nada no meu rosto enquanto eu dormia, então abri os olhos e os esfreguei pelo menos umas cinco vezes para constatar se eu estava vendo alguma miragem.

— Lo-Lorena?

Era ela, bem na minha frente.

Era ela, eu não podia acreditar.

— Lorena? — Tentei esticar o braço e tocá-la, mas ela estapeou meu braço para baixo. — Aii!

— Sim, sou eu. E pode tirar sua *eguinha pocotó* da chuva que não vai encostar um milímetro das suas mãos em mim. Agora rala daí que eu quero dormir e tem só uma cama nessa prisão. No avião não consegui dormir um minuto sequer. O projeto de *Voldemort* ficava me encarando o tempo todo, Deus que me livre e guarde! — Rolou os olhos e ordenou de pé, com as mãos na cintura, enquanto batia um dos pés no chão, ritmicamente.

— Voldemort?

— Sim, o tal do Alejandro Ascuero. Macabro, assustador. Vamos, Lorenzo, levanta! Me levantei e fiquei sentado na cama, de frente a ela, ainda não acreditando no que eu estava vendo. Era ela, minha Lorena, o amor da minha vida, bem na minha frente, fazendo piadas no meio da desgraça.

Mas... Espera aí.

Ela estava mais magra e... O que eram aquelas marcas no braço dela?

— O que são essas marcas? — Apontei para seu braço.

— Ora, ora... Agora quer se fingir interessado? Já ouviu falar em quimioterapia? — assenti — Pois é, comecei essa semana. Fui à toa, né? Porque agora, nessa prisão, vou morrer de qualquer jeito. Ainda bem que os enjoos e vômitos já passaram.

Me levantei, ainda um pouco debilitado e desacreditado do que tinha acabado de saber. Ela estava com câncer também, assim como o irmão.

— Descanse aí, eu fico na cadeira — falei, ao sair de perto da cama.

Ela soltou um “Humpf” e deitou na cama. Estava com ódio no olhar, e com toda a razão. Quem não odiaria o namorado que a abandonou do nada e ainda roubou seu item mágico sem falar nada?

É... Ninguém continuaria amando alguém assim.

Posicionei a cadeira ao lado da cama onde ela estava e fiquei observando enquanto minha Lorena tentava dormir, mas não conseguia e acabava se mexendo o tempo todo.

— Posso... — tentei falar.

— Cala a boca. Sua voz me dá náuseas — ela murmurou.

Senti um bolo se formar em meu estômago. A rejeição tão nítida em seu tom de voz, junto ao ódio em seus olhos se distanciava tanto da mulher que eu amo, da que me amou, me fez rir, chorar, me declarar e fazer loucuras por esse amor.

Fiquei um tempo apenas a observando em silêncio, quando notei sua respiração enfim se acalmar. Ela provavelmente havia caído no sono.

— Lorena? — sussurrei.

Não obtive resposta.

— Preciso te contar minha história, vou treinar enquanto você dorme, talvez me dê coragem de repetir quando estiver acordada.

Ela se mexeu um pouco na cama e eu gelei. Será que estava me ouvindo? Logo ficou imóvel novamente.

— Quando eu era criança, minha mãe me contou sobre a história da Rainha Cindi e o Rei Encantios, contou sobre as sapatilhas mágicas e me disse que a madrasta da Cindi quis roubá-las e, por não conseguir, tentou fazer um feitiço para ela, mas deu errado, e o feitiço se virou contra a própria madrasta e toda a sua descendência, por querer usurpar o trono da verdadeira Rainha.

Tomei um pouco de ar, eu estava começando a ficar triste em falar desse assunto.

— Acontece que o tal feitiço era o seguinte: ninguém da descendência da madrasta da Cindi poderá amar. Caso se apaixonem, criem um laço de homem e

mulher e tenham o mesmo amor do Rei Encantios e da Rainha Cindi, o alvo do amor morrerá. — Tomei fôlego. — A realidade é que... A maldição é real e está na minha família, sou descendente da madrasta da Cindi. Não posso me apaixonar, por isso minha busca pelas sapatilhas. Apenas elas poderiam anular a maldição e impedir que você morra. Porque eu a amo, a amo tanto, Lorena, que se você morresse, eu me lançaria junto à morte. Não conseguiria viver em um mundo onde você não vive.

Algumas lágrimas já escorriam por meus olhos nesse momento e parei para limpá-las.

— Quando te conheci, sabia que era perigoso, que podia me apaixonar. Tentei ao máximo me manter longe, mas você era como um ímã que me atraía cada dia mais. Após nosso beijo lá no meu apartamento, tudo mudou. Eu senti meu coração acelerar de uma forma tão intensa, tão involuntária, que tive medo. Fiquei afastado de tudo e todos por dias e depois tentei de tudo para que você me odiasse... Me mantive longe, porém perto. Zelando pela sua segurança, cuidando de você, mesmo sabendo que era inevitável me apaixonar. Eu me apaixonei como um idiota.

Soltei uma risada contida ao lembrar como eu agia.

— Mas numa bela madrugada, alguém a mando da minha família me ligou. Informaram que as sapatilhas haviam sido resgatadas e a maldição quebrada. Não havia perigos, Dante não morreria e... Eu podia finalmente experimentar o amor. Sabe, meu amor... Sempre quis saber como era amar, como era sentir-se amado e poder oferecer a alguém tudo o que eu sou e tenho. Eu fiz isso com você, te dei meu tudo. Toda a minha essência, meus erros, defeitos, qualidades, anseios e sonhos... Pertenciam todos a você. Ainda pertencem, pois meu amor não mudou, só cresceu. Mas então veio a morte de Dante e eu fiquei sem entender.

Respirei fundo e fitei o teto. Estava emotivo e precisava conter o embargo na minha voz.

— Ele morreu... Não era pra ele ter morrido. Leonora entrou em depressão e... Eu comecei a investigar. Descobri que tudo foi um trote, as sapatilhas nunca foram encontradas. Então, no dia em que estávamos em Rio das Ostras, você me falou delas. A informação ficou armazenada em mim, mesmo com você

retornando no tempo para anular, não sei por quê. O fato é que, depois disso, foi difícil escolher entre não te decepcionar e te ver morrer ou te decepcionar e salvar sua vida. Como eu já disse antes, não poderia viver num mundo onde você não vive, então... Escolhi tentar te salvar, mesmo que me custasse seu amor. Mesmo que você me odiasse pro resto da vida.

Minha voz, antes trêmula, se rendeu à enxurrada de lágrimas que estavam retidas em meus olhos. Chorei, chorei tanto que estranhei até meu corpo, de tão frágil e vulnerável que estava. Eu me encolhi, abraçando meus joelhos, sentado na cadeira, e abaixei minha cabeça, enterrando-a no círculo montado pelo meu próprio corpo.

Ali fiquei um tempo, até sentir uma mão tocar meu braço.

Funguei e esfreguei os olhos antes de levantar a cabeça. Ao levantar, vi Lorena sentada na cama, próxima a mim, com um olhar de pesar.

— Eu ouvi — ela disse, cerrando fortemente os olhos.

Levei uma mão até a dela e a segurei firme.

— Eu juro por mim, por tudo que quiser, que é tudo verdade, eu juro. Nunca quis te machucar, mesmo o tendo feito inúmeras vezes. Eu juro. — Nunca imaginei que um dia eu estaria falando enquanto choro dessa maneira pra uma mulher.

Mas não era qualquer mulher. Era o amor da minha vida, era a minha vida.

Ela abriu os olhos e me encarou. Logo percebi eles começarem a marejar suavemente, enquanto suas expressões faciais tentavam permanecer firmes, porém falhavam miseravelmente.

Após alguns segundos me olhando fixamente, ela soltou um bufo e levou a outra mão desocupada ao meu rosto, acariciando, e depois aos meus cabelos.

— Eu te amo, seu cretino.

E deu um meio sorriso.

Não pensei em nada, só me lancei nos seus braços e ali ficamos, deitados na cama, abraçados. Um ouvindo os soluços do outro, até amanhecer.



Capítulo Catorze

Assim que despertei naquela manhã, percebi que não havia sido um sonho. Foi real. O corpo adormecido de Lorena estava entrelaçado ao meu na pequena cama de solteiro do calabouço. Nós nos aquecíamos unindo nossos corpos, e aquele vazio que sua ausência causava em meu peito já não estava presente em mim. Meu coração estava ali, bem do meu lado, seguro com a mulher que o reteria por toda a vida.

Apoiei o cotovelo no travesseiro, enquanto debrucei o rosto na palma da minha mão, com o corpo virado de lado, dando mais espaço para Lorena continuar dormindo pelo tempo que quisesse. Fiquei ali, apenas admirando-a dormir. Tão frágil, tão serena... Tão linda.

Não sei por quanto tempo fiquei ali, observando Lorena, mas em algum momento ela franziu o cenho e abriu lentamente os olhos.

— Bom dia, amor da minha vida — sussurrei, acariciando seu rosto.

Ela sorriu e esfregou os olhos.

— Do seu lado é sempre um bom dia. Pena que estamos presos.

O que ela disse trouxe a realidade à tona.

E o ódio por Alec só aumentou. Eu precisava falar com ele, precisava de alguma forma acabar com aquela loucura de uma vez por todas. Ele estava passando por cima de todos apenas por poder. Eu não quero buscava reconhecimento por trazer as sapatilhas, nem fazer mal a ninguém. Eu... Só queria matá-lo e, claro, isso já era motivo suficiente para que ele me prendesse naquela porcaria de quadrado.

— Vamos pensar em algo, sei que vai dar tudo certo. Tenho fé — confortei-a.

Levantamos e arrumamos a cama. contei um pouco sobre a minha família pra ela. falei sobre minha mãe ter se apaixonado recentemente por meu pai e, por isso, a pressa em encontrar as sapatilhas e trazê-las. Para que meu pai não morresse. Ela me contou sobre as sapatilhas, a magia em si e a história de sua descendente, a Rainha Cindi.

Falou também sobre uma fada madrinha que até então não tinha mais aparecido, após meu embarque no aeroporto. Contou que continuou visitando Leonora e que ela estava em mãos de profissionais excelentes, o que me deixou mais calmo, de alguma forma.

Mas a calma não durou muito tempo.

Em um baque, a porta se abriu e dois guardas entraram de modo frenético e seguraram Lorena pelos braços, levando-a.

— Eu vou também! Não podem levá-la! — gritei, tentando impedi-los, em vão.

— *Callate!* — um dos guardas gritou.

Não pude fazer muito mais, minhas forças estavam escassas e as feridas no meu corpo ainda doíam. Vi minha morena ser levada em silêncio. Ela entendia de alguma forma que tudo aquilo teria fim em breve. Ao menos era o que seus olhos me passavam subliminarmente.

As horas seguintes passavam tão lentamente que eu poderia viver duas vidas e ainda sobriaria tempo. Quando me cansei de esperar, debruçado na parede, sentado no chão, alguém abriu a tranca da porta e me chamou.

— Lorenzo?

— O único que sobrou nessa porcaria? Sim, sou eu — resmunguei.

Era meu outro irmão, Malvino. O que era apenas um ano mais novo que eu.

— *Hermano, estás una basura.*

Ri sarcasticamente.

— O que quer? — fui direto.

Ele andou lentamente e se sentou no chão, ao meu lado.

— Tenho uma notícia um pouco ruim.

Respirei fundo pela milésima vez naquele dia. Mais coisa ruim? Sério, vida?

— Desembucha.

Ele recostou a cabeça na parede e fitou o teto.

— As sapatilhas não funcionaram. Nem com a garota, e já não sabemos o que fazer. Alec está louco e nosso pai, quase morrendo. Os medicamentos não estão mais fazendo efeito de inibidor no corpo dele. Bom... Não sabemos o que fazer. Você tem ideia do que possa ser? — No fim, me encarou.

Então tive uma ideia.

— Sim... Acho que sei. Preciso que me leve lá pra poder... hã... Fazer o ritual. — Mentira, nem sabia que ritual faria, mas precisava estar com eles e Lorena, onde fariam uso da magia.

— Vamos lá, então. Tem de ser rápido. — Malvino levantou e esticou a mão para me puxar.

Não sei como, mas corri ao lado dele por toda a escadaria acima, rumo ao local onde finalmente poderia me vingar de toda aquela gente. Como, ainda não

havia pensado.

Chegando ao grande e macabro salão, meus olhos percorreram o ambiente em busca da minha mulher. Ela estava sentada em uma cadeira, cabisbaixa e triste. Comecei a correr até ela, porém fui impedido por uma mão no meu braço.

— Onde pensa que vai? — Era o imbecil do Alec.

Virei e o encarei com chama nos olhos.

— Falar com ela. Tenho a solução pra maldição.

Ele levantou as duas sobrancelhas, em escárnio, e sorriu sem mostrar os dentes.

— Agora? E quer que eu acredite em Papai Noel também?

Tentei me soltar em vão.

— Me solta, eu lembrei de algo importante — rosnei.

Ele me soltou, por fim.

Não tinha poucos espectadores naquela sala medonha. Todos os meus irmãos estavam ali, junto com alguns guardas e os mais sábios da área da magia em todo o mundo.

Naquele curto momento, enquanto eu seguia até o amor da minha vida, encarei cada rosto daquela sala. Percebi que não adianta ter todo o dinheiro do mundo e acabar morrendo de qualquer forma. O amor vale mais do que qualquer cifrão e eu tinha isso dentro de mim. Se fosse pra morrer, eu morreria em paz.

Abracei-a forte, após levantá-la da cadeira e, naquele momento, senti o ambiente estremecer levemente.

Eu me afastei e encarei os olhos castanhos dela.

— Sentiu isso?

— Senti. O que foi?

Então, olhamos juntos para os lados e percebemos que todos, absolutamente todos os presentes naquela sala, incluindo meus irmãos, estavam parados feito estátuas.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Não sei... Eu... Não faço a mínima ideia.

Então, ouvimos uma voz, algo... Cantarolando?

— *Dale a tu cuerpo alegría Macarena. Que tu cuerpo es pa' darle alegría y cosas buenas. Dale a tu cuerpo alegría, Macarena. Hey Macarena!*

Uma mulher completamente retirada de livros de contos de fadas entrou dançando e cantarolando Macarena, enquanto eu e Lorena a observávamos.

— Fada madrinha! — Lorena exclamou.

— Nossa, como eu amo a Espanha! Adoro os espanhóis, o clima quente mesmo no frio e essas músicas mega *rebolativas*! — A tal fada madrinha, como Lorena chamou, tagarelou até se aproximar de nós.

— Hã... Oi? — falei.

Ela e Lorena pararam de se cumprimentar de modo estranho e se abraçarem.

— Você está me vendo?

— Sim. Não era pra ver? — respondi à Fada.

— Hã... Que seja! — Lançou as mãos ao ar e sacolejou o corpo, fazendo seu vestido azul cheio de tecido pomposo se remexer. — Vim aqui, pois descobri como fazer as sapatilhas quebrarem a maldição!

Não consegui falar nada. Lorena me encarou esperançosa e virou-se para a tal mulher.

— Como você ficou sabendo de tudo isso? Como... Soube da maldição?

— Oras! Eu sempre soube, mas não achei que estariam procurando pelas sapatilhas até hoje. Quando esse homem a trouxe pra cá, eu fiquei investigando. Sabe que posso rastreá-la, não sabe? Então, fiquei esses dias todos aqui, invisível, só assistindo tudo e tentando solucionar esse quebra-cabeças!

— E... O que descobriu?

— Além do meu poder de parar o tempo, supernovo e recente? — Permaneci sério. — Ah, fofo, é porque estou tão boba que só falo nisso. Bom, além disso, descobri que há um amuleto na sua família há gerações. Sabe onde ele pode estar?

Amuleto?

Uma pedra, provavelmente.

Pedi que aguardasse e caminhei até o quarto de meu pai. Lá estava tudo imóvel também, inclusive ele, na cama. Andei até sua estante e peguei o livro das gerações. Eu sempre quis saber para que servia a pedra fixada no centro do livro. Peguei-a e, ao retirar da capa, ela brilhou e uma frase acendeu no local onde antes a pedra estava fixada.

“A magia do amor anula qualquer maldição”.

Corri com a pedra nas mãos e retornei ao salão. Lorena, a Fada e eu ficamos no centro da sala e, com as sapatilhas nos pés dela e a pedra na minha mão, Lorena fez o movimento mágico e segurou minha mão.

Era agora ou nunca.



Capítulo Quinze

Não.

Não foi naquele momento.

Nem sequer nos movemos do lugar e o rosto frustrado que Lorena me deu fez com que eu me contorcesse dentro de mim. Meu âmagô sentiu o golpe do fracasso. Não conseguimos. Ela morrerá e levará meu coração junto. Era cruel pensar nisso? Sim, mas era a verdade.

— Não consigo compreender. — A fada tocou a varinha no queixo, comentando pensativa.

Ficamos alguns minutos a encarando andar de um lado para o outro. Essa mulher não me parecia saber muito bem o que fazia.

— E... O tempo vai ficar parado até você descobrir? — Lorena, um pouco cansada, sentou na cadeira que antes ocupava e perguntou.

— Bom, a não ser que queiram enfrentar esse povo todo — girou, indicando todos ao redor —, sem ter algo efetivo na mente.

É, isso seria ruim.

— Tudo bem, então... Aguardamos. — assenti e peguei uma cadeira, arrastei até Lorena e me sentei ao seu lado.

Seus olhos estavam caídos, sem esperança e tristes. Toquei seu rosto e o virei em minha direção.

— Vai dar tudo certo — sussurrei.

Eu não tinha certeza se daria, mas vê-la daquele jeito perfurava meu coração. Não gosto de vê-la triste.

Ela colocou sua mão delicada sobre a minha, no seu rosto, e suspirou de olhos fechados.

— Temos de entender uma coisa. Se nada der certo, eu...

— Shiiiiiu. — Tratei de calar seus lábios antes que ela falasse besteira.

— Não, Lorenzo. — Tirou minha mão de lá. — Precisamos falar disso. Eu estou quase morrendo e ainda não sabemos como quebrar a maldição, então... — respirou fundo enquanto eu fechei meus olhos pressionando-os com força, temeroso pelo que viria a seguir —... saiba que eu te amo. Te amei desde aquele beijo louco no dia do sorvete. — Ela arriscou uma risada fraca. — Não entendi como, mas a forma como você se impregnou na minha cabeça e no meu coração foi muito estranha. Ainda bem que vivemos isso, esse sentimento. Pra mim já basta. Ter sentido esse amor que eu tanto via, mas jamais havia vivido já me foi o suficiente.

Senti medo. Meu coração faltou sair pela boca pelo modo tão forte com que seus batimentos eram sentidos por mim. Ela... Não pode... Não pode...

— Já sei! — o grito escandaloso e estridente da Fada fez com que nós nos sobressaltássemos.

Ela veio correndo, com um sorriso de ponta a ponta no rosto e cantarolando algo que eu não prestei tanta atenção. Ela sabia de algo e eu estava louco pra saber.

— Descobri o modo de fazer dar certo!

Eu e Lorena nos entreolhamos e, numa conversa silenciosa, assentimos.

— Como? — falamos ao mesmo tempo, encarando a mulher de volta.

— Simples. Vocês se amam, certo?

— Certo — tratei de dizer logo.

— Certo — Lorena também confirmou.

— Arriscariam ficar juntos... Para sempre? — Ela arqueou uma sobrancelha, enquanto tocava a varinha no queixo em batidas rápidas.

Rolei os olhos. Essa mulher é louca ou o quê?

— Mas é claro! Fala logo, pelo amor de Deus! — me exaltei.

Ela fez um bico desdenhoso pra mim, enquanto Lorena deu um tapinha suave no meu braço, falando “calma, escuta, seu ogro.”

Eu abanei a cabeça e engoli em seco. Minha frustração e pressa eram evidentes pra quem quisesse ver, por que essa doida não ia direto ao ponto?

— Casem-se! — Ela pulou, animada e sorridente.

Eu e minha morena nos olhamos com estranheza. Era isso? Tão simples assim?

— Eu caso! — Lorena falou, alegre.

Senti meu peito flutuar. Sei que o motivo maior é a quebra da maldição, mas... Ela disse que casa comigo. Comigo. Ela se uniria a mim pra sempre e eu não consegui conter minha alegria, tomei-a nos braços e a beijei. Dei o beijo mais apaixonado e intenso e cheio de saudade e amor que eu continha em meu peito. Todo o tempo que passamos longe estavam depositados naquele beijo, na união dos nossos lábios. Ao afastar-me de leve, rocei meus lábios nos dela enquanto sussurrei “Eu te amo”, encarando-a nos olhos.

— Eu também te amo, meu *ogrinho* — disse, sorrindo.

— Sou *ogrinho* agora, é? Quando estávamos na sua casa, juntos, em momentos específicos você me chamava de amor, lindo, delícia...

— Pode parando! — Ouvi a voz da louca nos interrompendo. — Esse livro tem classificação juvenil, cuidado com a boca!

Respirei fundo. Lorena ria, abraçando-me, e eu só queria acabar logo com aquilo pra ter minha morena só pra mim, pra sempre.

— Vamos casar. O que precisamos fazer? — perguntei.

— Venham para o centro da sala novamente, farei a benção mágica do casamento.

Caminhamos abraçados até lá, eu e Lorena. Quando chegamos ao centro da sala, arrisquei verificar se estavam todos ainda congelados no tempo e, graças aos céus, estavam. Viramos de frente um ao outro e demos nossas mãos.

— Bom, vou começar — Fada disse, perto de nós, mais especificamente no nosso meio.

— Estou pronto — falei.

— Estou pronta — Lorena repetiu.

A Fada colocou novamente as sapatilhas nos pés de Lorena e pendurou a pedra em um cordão mágico que havia acabado de criar, e a pôs em meu pescoço.

— Lorenzo, você, como descendente da Malina, a madrastra da Rainha Cindi, a qual recebeu uma maldição eterna sobre o amor... Aceita Lorena, a descendente da Rainha Cindi, possuidora das sapatilhas mágicas capazes de uni-los em amor, como seu par para o resto de sua vida?

Eu encarei aqueles olhos castanhos lindos da minha morena. Não havia outro lugar onde eu mais queria estar do que no coração dela. Com ela. Pra todo

o sempre.

— Sim, aceito.

Ela virou-se para Lorena e iniciou:

— Lorena, você, como descendente da Rainha Cindi, possuidora das sapatilhas mágicas capazes de uni-los em amor... Aceita Lorenzo, descendente da Malina, a madrastra da Rainha Cindi, a qual recebeu uma maldição eterna sobre o amor, como seu par para o resto de sua vida?

— Sim. — Notei uma fina lágrima descer de um de seus olhos.

Ela sorria, estava feliz. Levei uma mão até seu rosto e enxuguei a pequena lágrima de emoção que estava ali, testemunhando nosso casamento, e aproveitei para acariciar seu rosto. Ela fechou os olhos e deitou a cabeça na direção da minha mão, roçando sua bochecha suavemente, recebendo meu carinho.

— Eu, então, através da magia de Fada Madrinha, os declaro marido e mulher. Que o laço de amor perdure pela eternidade. — A Fada pronunciou poucas palavras mágicas e rodopiou a varinha no alto.

Um jato azul luminoso saiu da ponta da varinha e nos envolveu. Unimos nossos corpos e, então, a beijei. Selamos nosso amor e nossa união com um beijo emocionante.

Nossos lábios se encaixavam perfeitamente, em sincronia. Abracei seu corpo delicado e senti seus braços no meu tronco, segurando firme enquanto se rendia à dança envolvente que nossas línguas dedicavam-se naquele beijo.

Após um longo tempo, um clarão me tirou do foco e abri os olhos. Olhei para o céu, era o sol.

Estávamos no meio da rua...

Uma rua muito diferente...

Ao nos afastarmos, notei Lorena correr os olhos ao redor, assim como eu fiz.

Cheguei a uma conclusão:

Não estávamos no nosso tempo. Havíamos retornado até a época onde a maldição fora lançada.



Capítulo Dezesseis

Espanha, abril de 1720

Após aquele momento atordoante, eu e Lorena nos encaramos e notei como ela estava estonteante e maravilhosa. Sua roupa era um típico traje de uma dama do século XVIII, com as sapatilhas disfarçadas em outra cor e, ao me analisar, vi que também me correspondia a um cavalheiro daquele século. Ainda estávamos de mãos dadas, quando um senhor passou caminhando próximo de nós e nos lançou um olhar desdenhoso.

— O que pode ter ocorrido para aquele senhor encarar-nos de modo tão rude? — Lorena perguntou, então, num susto repentino, levou a mão à boca. — Estou me comunicando de modo formal, estou falando como uma dama! Mas que diab...

— Shiiiu. — Levei minha mão enluvada até seus lábios e a impedi de praguejar. — Somos um casal recém-casado e chegado à cidade. Viemos de Sevilha e estamos à procura de nossos familiares distantes. A senhora entendeu, amor de minha vida?

— Sim. Onde sugere que comecemos nossas buscas a respeito das sapatilhas mágicas?

— Podemos iniciar entrando em algum comércio. Comerciantes sempre sabem da vida alheia — comentei.

Ela deu uma risadinha abafada com a mão, então a guiei até um pequeno boticário. Lá, após saudarmos o responsável pelo estabelecimento, pedimos informações sobre onde encontraríamos o castelo da Rainha Cindi e do Rei Encantios.

— E... Quem seriam *vuestra mercedes*?

O velho queria saber quem nós éramos. Eu contaria um pouco da nossa mentira para o tal senhor, mas Lorena falou antes.

— Lorenzo. E eu atendo pelo nome de Lorena.

O homem fez um rosto espantado e depois semicerrou os olhos, nos analisando em estranheza de cima a baixo. Eu já havia entendido tudo. Pedi licença e andei até a lateral da loja com Lorena, então sussurrei em seu ouvido, de modo discreto.

— Nessa época não damos nosso primeiro nome a um desconhecido. Somos senhor e senhora Ascuro.

Ela arregalou os olhos e abriu a boca assentindo, em compreensão. Retornei até o homem.

— Perdoe a excentricidade de minha esposa, viemos de outra região e costumávamos sempre cultivar amizades por onde passávamos. Somos o senhor e senhora Ascuro.

— Oh. Permita-me escusar meu ato anterior. — Ele fez uma breve reverência, desculpando-se. — A mansão dos Ascuro é bem próxima daqui, vou informá-los. Ao chegar lá, por certo informarão sobre o castelo Real.

Recebemos o endereço e seguimos a pé até o local, que não era muito distante. Chegando ao local, meu comando de voz obviamente não abriu os portões, como esperado, pela falta de tecnologia avançada. Então, acionei uma sineta do lado de fora e aguardei um empregado se aproximar.

— Somos da família Ascuero, viemos de longe para visitar nossos familiares distantes.

Tive de incrementar um pouco toda a história, mas por fim o senhor nos permitiu entrada. Como eu já conhecia o caminho, dispensei a companhia da governanta e segui até a sala de reuniões. Ao chegar lá, uma senhora com os cabelos bem arrumados no topo da cabeça, vestido preto da cabeça aos pés e impaciência notória, andava de um lado para o outro, enquanto outra mulher baixa, mirrada e de capa negra anotava algo em um tipo de caderno, utilizando uma caneta de pena.

— *Con vuestra permisión.*

A mulher que caminhava pelo cômodo parou e encarou a mim e a Lorena.

— Quem são os senhores?

— Somos membros da família Ascuero, recebemos uma carta há um tempo, solicitando nossa presença para algo muito importante para o Reino e para nossa família — respondi.

— Sim. Ficamos estupefatos por terem recordado de nós e nos enviado esse gracioso convite. Podemos nos dispor a ajudar. — Lorena complementou, com uma suave reverência.

— Eu não convoquei ninguém da família. Podem ter equivocado-se.

— Temos plena certeza de que fomos convocados. Acredito que a uma reunião onde nossa família assumiria pleno poder sobre o Reino, ou estou enganado?

A mulher levou uma mão ao peito, sobressaltada, porém, depois lançou uma olhadela a outra mulher com o papel na mão, e caminhou lentamente até o nosso encontro.

— Perdoem-me pela falta de cortesia. Queiram juntar-se a nós. — Reverenciou-se a nós e retribuímos o gesto.

Caminhamos com ela pelo longo salão e, ao chegar ao lado da tal mulher

com a capa, fomos cativando-a aos poucos para que revelasse o que escrevia. Era o feitiço. Permanecemos dentro daquela sala por algumas horas. Lorena estava impaciente, mas ficamos sabendo que o lançamento do feitiço seria feito à meia-noite, numa invasão secreta ao palácio Real, onde roubariam as sapatilhas de cristais e amaldiçoariam a Rainha Cindi.

Poderíamos impedi-los, mas como?

Ao sermos levados aos aposentos de hóspedes da mansão, Lorena e eu respiramos fundo, após entrar no recinto e ficarmos, enfim, a sós.

— Temos de idealizar algo! Não podemos permitir... Não podemos... — Ela estava nervosa e remexia os cabelos, enquanto andava pelo local.

Eu não tinha mais ideias. Sentei na cama e a chamei.

— Sente-se ao meu lado, meu amor.

Um pouco relutante, ela veio e sentou-se.

— Não vão conseguir. O que faremos eu não faço a menor ideia, mas não vão conseguir amaldiçoar sua antecessora. Prometo. — Encarei-a nos olhos e depus um beijo em sua testa.

— Como consegue me confortar mesmo em meio ao caos? — ela sussurrou, lançando-se aos meus braços.

Acariciei-a em suas costas e me mantive beijando o topo de sua cabeça.

— Não sei, amor. Só sei que sou capaz de tudo por ti.

Ficamos um tempo ali e depois começamos a idealizar planos para tentar impedir a maldição de ser lançada.

A noite chegou e Malina, junto com a bruxa que criou o feitiço, nos convidaram a fazer parte do grande espetáculo, onde acreditavam poder destruir o Reino. O marido dela, José Ascuero, não se importava com nada que a esposa fazia e isso fez com que eu me irasse. De todos os livros de época que eu li, em quase nenhum consegui ver amor genuíno nos casais. Por que os casamentos

eram tão artificiais e infelizes?

Lorena e eu negamos, as deixamos a sós para executar seu plano e, sem que ninguém notasse, fugimos da mansão pela noite afora. Fomos em busca do Palácio Real.

Não sei se foi sorte, destino, ajudinha do céu, mas... Vimos um pequeno ponto reluzente assim que nos aproximamos do muro do palácio. Era a bendita fada louca em tamanho microscópico, porém podia ser vista por nós dois.

— Fada! — Lorena chamou num tom médio, mas a louca ouviu.

Em segundos, a pequena formiguinha reluzente voadora se tornou um ser humano, aquela mesma, com vestido pomposo e cabelos brilhantes.

— Como ousam enxergar minha existência?

— Outra vez, não. — Rolei os olhos. Até no século XVIII ela gostava de problemas.

— Calma, estamos te vendo, pois somos do futuro — Lorena sussurrou e ela ficou espantada. — Precisamos avisar a Rainha Cindi sobre uma maldição que Malina realizará sobre ela, hoje, à meia-noite. Depois disso, ela planeja roubar a sapatilha.

— Como esperam que eu acredite? Sou uma fada, não subestimem minha capacidade mental.

— Como podemos vê-la, então? Isso já é a maior evidência de nossa verdade — falei.

Ela ficou pensativa, daquela forma, batendo a varinha no queixo.

— Digamos que seja verdade... O que acontecerá depois?

Lorena contou toda a história das descendentes e depois contou a história dos meus antecedentes, explicando a maldição do amor e, por fim, dizendo que o destino havia nos unido e estávamos apaixonados, porém Lorena podia morrer a qualquer momento.

— Oh, céus! Isso é sério. Mas... Os senhores sabem como podemos impedir a maldição?

Foi então que Lorena ficou estática. Ela estava pensando em algo genial e eu sabia disso. Conhecia isso nela e fiquei aguardando seu olhar se suavizar e a frase sair de seus lábios.

— Tive uma ideia magnífica! — falou, alegre. — Se você, fada madrinha, criar um escudo de absorção e proteção para abolir a magia no momento em que for lançada, ela não vai atingir ninguém. Depois é só lançar um feitiço que faça a bruxa perder os poderes para fazer o mal e trancar Malina em um calabouço eterno, como castigo pela afronta aos Reis.

— Querida! A ideia é... extraordinária!

Então ficamos algum tempo organizando o plano. Ela nos fez ficarmos invisíveis e nos levou até o quarto onde a Rainha Cindi e o Rei Encantos dormiriam. Eles estavam se aprontando naquele momento, para dormir.

— Todos os dias me recordo do quão afortunado sou por tê-la conhecido. — O rei aproximou-se de sua esposa, que estava escovando os cabelos de frente a uma penteadeira, e acariciou seus ombros.

— Todos os dias agradeço por ter esquecido minhas sapatilhas após o baile — ela afirmou, sorridente.

Naquele momento, encarei Lorena. Ela estava com os olhos marejados e a respiração descompassada. Acredito o quão lindo deve ser ver seus antecedentes tão envolvidos e ligados pelo amor. Hoje sabemos como é amar e o quão especial é esse sentimento.

Então os dois foram para sua enorme cama e se deitaram. Permaneceram abraçados até entrarem em sono profundo.

A fada pronunciou algumas palavras mágicas e criou o tal escudo de absorção em volta da cama deles, para que a maldição não os atingisse.

A meia-noite chegou.

Ouvimos as badaladas distantes e percebemos as portas do quarto serem batidas com força até abrirem e nos mostrar a imagem da bruxa e de Malina, juntas. O rei e a rainha acordaram assustados, devido ao barulho, e as viram.

— Malina? O que faz aqui? — Cindi falou, assustada.

— Vim pegar o que é meu por direito. Você não merece ser rainha e eu já estava farta de vê-la posando de boa moça pelo reino.

— Como? Não fiz nada que a induzisse a agir de tal modo comigo. Por que é tão má?

— Não sou má. Você que é boa demais! Vamos, bruxa, lance o feitiço.

Estávamos ainda invisíveis para os demais, mas aconteceu como havíamos previsto. O feitiço lançado pela varinha da bruxa foi absorvido pelo escudo protetor, que sugou também a própria varinha e deixou a bruxa estupefata, sem nada na mão. Malina não entendeu e praguejou alto.

Então a fada fez-se aparecer e, com a varinha, prendeu Malina com algemas e correntes mágicas.

— Preciso que saibam de algo — a fada falou, dirigindo-se aos Reis.

Eles assentiram, ainda um pouco assustados com tudo aquilo. Foi quando ela nos tornou visíveis para eles e contou nossa história. Malina gritou, cheia de ódio, nos chamando de traidores, porém, a Rainha Cindi correu até Lorena e lhe deu um abraço forte. O Rei Encantios também veio até mim e apertou minha mão, enquanto curvava a cabeça numa mesura.

— Sinto-me honrado pela capacidade de vocês em lutar pelo amor. Desejo que sejam felizes e que as gerações futuras saibam de sua grande bravura.

Eu me emocionei, mas então Lorena me encarou com os olhos cheios de lágrimas e me deu as mãos.

— Precisamos ir — disse ela.

Assenti e fizemos o movimento mágico. Ela com as sapatilhas nos pés, que agora retornaram ao modo original, e minha pedra, que reluziu em meu pescoço.

A fada gesticulou a sua varinha e lançou magia ao nosso redor. Arrisquei olhar para os Reis uma última vez e notei que o que estava escrito no livro das gerações lá em minha casa era real.

“A magia do amor anula qualquer maldição.”



Capítulo Dezessete

LORENA.

Um clarão fez com que meus olhos ardessem um pouco e, instintivamente, os abri. Era manhã e raios de sol invadiam meu quarto. Minha mente estava um pouco atordoada, eu havia tido sonhos? Ou talvez dormido por décadas? Sentei, recostando-me na cabeceira da cama, e respirei fundo. Levei os olhos até o pequeno relógio sobre o criado-mudo ao lado da cama e constatei serem 8 da manhã. Ótimo, daria tempo de me aprontar para o trabalho.

Rapidamente fiz uma retrospectiva mental sobre o que me lembrava. Aniversário, sapatilhas, motoqueiro, maldição, fada madrinha... Sim, era tudo de que me lembrava. Então, eu consegui quebrar a maldição com ele... Hum... O motoqueiro cujo rosto não me recordava... Se minha memória não falhava, ele se chamava Lorenzo. Onde estaria naquele momento?

Um aperto bastante incômodo no meu peito me fez parar de caminhar pelo quarto. Parei, respirei e troquei de roupa. Devia ter sido um sonho, essas coisas não existem. Magia, mistério, maldição... Foi tudo um sonho, concluí.

Após minha higiene matinal na suíte, saí do quarto vestida para meu trabalho e com a mochila nas costas. Queria dar tudo de mim na Gran Plie e não poderia me atrasar.

Só que algo me deteve no momento em que atravesssei a sala, rumando

diretamente para a porta do meu apartamento, sem olhar para os lados.

— Onde pensa que vai, mocinha? — A voz masculina mais imponente que ouvi na vida me fez gelar e paralisar com a mão na maçaneta da porta.

Virei meu corpo lentamente, com certo receio do que veria, mas a imagem era um tanto familiar para minha mente confusa.

— Hã... Trabalhar? — respondi, arqueando uma sobrancelha.

Ele deu uma gargalhada tão aberta e genuína, que fez com que sua cabeça tombasse para trás e seu corpo tremesse um pouco, com o impacto das risadas. O moreno, muito bonito, apenas de bermuda leve e avental de cozinheiro, tirou lentamente o avental, deixando seu torço nu à mostra, e desligou o fogo do fogão antes de caminhar até mim.

Então, cruzou os braços na minha frente, ainda com o sorriso no rosto, e disse:

— No sábado, amor?

Amor?

Ai meu Deus... Algo não estava normal... Algo estava...

— Amor? Mas... Eu e você... Nós...

Tentei formular alguma pergunta, mas ele me interrompeu, enlaçando-me pela cintura e depositando um beijo digno de casais mega apaixonados. Uau, não senti o chão sob meus pés no momento em que ele me soltou e afastou o rosto apenas alguns centímetros de mim.

— Bom dia, minha morena.

Ao fixar meus olhos naquele olhar negro e profundo, minha mente mergulhou em um mar de lembranças. Cenas dele quase me atropelando, nos cumprimentando no meu aniversário, nos vendo na academia, nos beijando na porta do meu prédio, no show, no seu apartamento, nosso beijo na beira da rua, ele me trazendo flores, declarando-se para mim, nossa viagem juntos, nossos

momentos intensos de intimidade e nosso amor.

Sim, nosso amor... Eu e ele nos amávamos.

Então eu devolvi o sorriso.

— Bom dia, amor — respondi.

— Por um segundo, achei que estava no mundo da lua. Parecia perdida — ele comentou, alisando meu rosto com as costas dos dedos.

— Foi apenas um sonho. Um sonho bastante real.

— Então venha. Preparei o café pra nós dois.

Dirigimo-nos juntos até a mesa da cozinha e tomamos nosso café da manhã, enquanto eu recordava de mais fatos sobre nós.

— Amor... Minha cabeça está meio atordoada... Me diga uma coisa. Eu e você moramos... Juntos? — perguntei, um pouco encabulada.

Lorenzo, meu namorado, terminou de mastigar seu pedaço do misto quente e bebericou o café, antes de responder.

— Sim. Já tem uns meses. Foi você quem pediu que fosse aqui e não no meu apartamento. — Deu de ombros.

Meus olhos percorreram seu rosto, caindo lentamente por seu pescoço e seu corpo maravilhoso... Ele era meu namorado. E eu era feliz.

As coisas estavam começando a ficar mais claras.

Até a campainha tocar.

— Meu Deus! Quem deve ser essa hora? — perguntei, espantada.

— Jura que não lembra? — Lorenzo uniu as sobrancelhas em curiosidade.

— Não... É que... Achei que hoje era ontem, lembra? — expliquei e me

levantei, a fim de atender a porta.

Assim que abri, o susto.

Todas as minhas amigas existentes no Rio de Janeiro — somadas com a Nana, que veio do Sul — entraram afobadas com caixas, pacotes, bolsas e uma feição alegre demais no meu apartamento.

Mas o que me deixou estática não foi ver todas aquelas mulheres invadirem minha privacidade logo pela manhã, foi a pessoa que entrou por último.

Eu senti meu corpo tremer, eu estava gelada, em choque. Poderia desmaiar a qualquer momento.

— O que foi? Viu o passarinho verde, maninha?

Era ele, meu irmão, em carne e osso — acrescentado de muitas sacolas coloridas nos braços —, de frente pra mim.

— Dante... É você mesmo? — consegui balbuciar.

Ele soltou as sacolas e veio me abraçar.

— Claro, quem mais seria? Tá tudo bem, pequena Lorena? — Acariciou minhas costas enquanto nos abraçávamos.

Senti algumas lágrimas deslizarem por meu rosto, porém as contive.

— Estou sim, devo estar naquele período chato, sabe? — Me afastei.

— Ou é a tensão pré-casamento! — Ouvi a voz da Nat acrescentar.

Encarei as meninas e sorri. Naquele instante caiu a ficha. Casamento?

Levantei minha mão direita até a altura dos olhos, lentamente, e lá estava ela. A grande aliança dourada reluzente. Minha nossa... Eu estava noiva.

— Amor! Desculpa! A sua amiga do trabalho trouxe hoje mais cedo esse pacotinho de remédios que você esqueceu ontem na academia. — Lorenzo

pegou algo em cima da geladeira e correu até mim.

O frasco era transparente e tinha apenas três pílulas azuis que reluziam. Estranho.

Na embalagem estava escrito: Não esqueça!

Pedi para as meninas ficarem à vontade na sala e fui até a cozinha. Enchi um copo com água e ingeri os três comprimidos de uma só vez.

Pareceu mágica.

Memórias de uma realidade que eu até então desconhecia invadiram minha mente e logo eu pude saber de tudo. Eu me casaria na semana seguinte e naquele dia seria o meu chá de noiva. Algo particular, onde participaríamos apenas minhas amigas e eu. Lorenzo e eu estávamos juntos há um ano, Dante namorava com Leonora e minhas amigas sempre foram as mesmas e estavam ali naquele momento especial.

O que mais me chocou. Eu não tinha mais sapatilha mágica alguma.

Voltei pra sala e encarei minhas amigas, inclusive Leonora, que estava um pouco mais tímida, num canto do sofá.

— Hoje é nosso dia! Vamos lá, madrinhas, podemos tudo! — gritei, animada!

— Até que enfim temos a Lore de volta! — Raquel gritou, empolgada.

— Vamos, gente. Temos uma festa para organizar! — Alice complementou.

Encarei Dante e Lorenzo, que já estavam lado a lado de braços cruzados, vendo o movimento das meninas, quando notei que meu noivo ainda estava sem blusa.

“Vai se vestir”, ordenei num movimento mudo de lábios, no momento em que nossos olhos se cruzaram.

Ele arregalou os olhos e olhou para si, parecendo notar naquele momento

que estava seminu, então pediu licença ao meu irmão e foi direto para o quarto, retornando com a devida camiseta, a seguir.

Meu noivo e meu irmão me deixaram sozinha na minha casa com as madrinhas. Todas estavam empolgadas à sua maneira e o dia correu rápido com brincadeiras, comidas improvisadas, perguntas constrangedoras, apenas para nós mesmas, e muitas fotos divertidas.

Já no fim da tarde, após muitas risadas e momentos emocionantes com elas, todas se despediram e ficamos apenas Leonora e eu, esperando Lorenzo e Dante voltarem.

— Gostou, cunhada? — sorri pra ela, ao retornar à sala e me sentar ao seu lado, no sofá.

— Gostei. Em breve serei eu... Estou supernervosa. Você não está nervosa para o seu casamento? Já é semana que vem! — Ela pareceu empolgada por mim.

— Sim! Nossa... Pensando assim, eu fico ainda mais tensa, sabe? Não queria algo muito pomposo, mas precisava que todas as pessoas que eu amo estivessem presentes. Então acabou tendo que ser um festão mesmo. — Dei de ombros. — A família de vocês também vem, tomara que minha sogra goste de mim.

— Ela vai amar você. — Ela tocou minha mão. — Mamãe é a pessoa mais amorosa do mundo! Você vai adorar nossos irmãos também, são todos especiais à sua maneira.

— Assim espero.

Ouvi o barulho da chave sendo inserida na fechadura. Logo, Lorenzo e meu irmão adentravam ao ambiente, sorridentes, em uma conversa particular.

— O que tanto cochicham, hein? — Leonora perguntou a eles, com uma voz suave e um pouco curiosa.

Dante se aproximou dela e beijou sua testa.

— Nada, amor. Apenas falei para seu irmão que, após o casamento, não

aceito devoluções. Pra aturar Lorena o resto da vida tem de ser corajoso! — brincou.

— Bobo! — Dei um tapinha no ombro dele, enquanto Lorenzo se aproximava de nós.

— E eu respondi que... — ele dizia, enquanto sentava atrás de mim e me abraçava pela cintura, unindo seu peito às minhas costas. Senti seus batimentos fortes —... não me importo com nada, desde que seja você a pessoa unida a mim pra sempre. O resto é lucro. — Beijou minha orelha.

— Meu Deus... Vamos logo embora, amor, antes que isso aqui pegue fogo! — Dante zombou e puxou sua namorada para ele.

Os dois levantaram e avisaram que precisavam mesmo sair. Lorenzo e eu nos despedimos e os levamos até a porta. Depois que eles se foram, eu voltei ao sofá e me joguei lá.

— Ufa, que dia cansativo! — resmunguei.

— Trouxe algo da rua... — Lorenzo pegou uma sacola que estava em cima da mesa de centro da sala e me entregou.

Eu nem tinha notado a sacola no momento em que ele chegou.

— O que é isso?

— Abra — ele sorriu me incentivando, sentado ao meu lado.

Abri a sacola e o saquinho que continha dentro.

Eram pães de queijo fresquinhos e ainda um pouco quentes.

— Hum... Nossa, amor... Assim fico mal-acostumada — falei, enquanto encarava meu presente.

Ele nunca esqueceria dos pães de queijo. Era algo que nas duas realidades aconteceu. Na verdade, tudo aconteceu, exceto toda a grosseria dele. Na realidade em que estávamos, Lorenzo estava recém-saído de um relacionamento

e não queria compromisso no momento. Passamos por alguns estranhamentos, mas no fim de tudo, acabamos cedendo ao fio que nos conectava desde sempre.

Coisas do velho barbudo!

Ele, então, apoiou seu corpo sobre o meu, me fazendo deitar todo o meu no sofá. Instintivamente, enlacei minhas pernas em volta de seu corpo, no momento em que me beijou ardentemente.

Amá-lo era como um bônus da vida. Algo que, nem se eu vivesse mil realidades, conseguiria explicar. Era pra ser, era pra acontecer. Algo desde sempre cooperou para aquele momento, e eu não poderia me sentir mais feliz do que estou. Comigo mesma, com ele, conosco. A felicidade plena é o que transborda em meu peito, e quando ele se afastou, um pouco ofegante, roçando seu nariz no meu e grudando sua testa na minha antes de dizer “fique mal-acostumada, pois o meu amor vai te mimar pelo resto da vida”, eu senti um elo profundo emergir de mim e resplandecer em meus olhos.

Era o amor verdadeiro.

Puro.

Cru.

Sincero.

Era o que nós tínhamos. Não só por aquela noite, naquele momento que eu saberia exatamente onde acabaria, mas... Pelo resto de nossas vidas.

Se, e apenas se, existissem fadas madrinhas... A minha deveria estar naquele momento admirando a cena e pensando consigo mesma: “Fiz um maravilhoso trabalho!”



Epílogo

Agora é oficial.

Lorenzo e eu somos marido e mulher.

A cerimônia foi maravilhosa e digna de cinema. A igreja, decorada com as mais diversas flores em tons de branco e azul, fez com que eu me sentisse a protagonista de um conto de fadas, onde a mocinha finalmente se casava com seu príncipe. E agora eu tinha o meu bem ao meu lado, naquela manhã festiva.

A cerimônia acabou há pouco e seguimos para o sítio onde aconteceria a recepção. Decidimos nos casar pela manhã e, sinceramente? Eu amei! O sol, a paisagem verde, as flores e as tendas brancas, espalhadas pelo amplo espaço onde acontecia a festa, me fizeram quase babar. Ao vivo tudo era muito mais real e sério. Fora que não dava pra chorar muito mais, eu já tinha jorrado cachoeiras dos olhos na cerimônia onde a banda de Lorenzo tocou a música da minha entrada, porém ele embargou a voz de tanta emoção e não conseguiu nem cantá-la por inteiro.

Gente... Foi a coisa mais maravilhosa do mundo vê-lo tentar cantar pra mim e ser impedido pelas lágrimas. Surreal.

Agora estávamos eu e ele recebendo os cumprimentos dos convidados, a começar pelos padrinhos.

Logo vi toda a família de Lorenzo se aproximar. Eu ainda não havia tido tempo para conversar com eles, direito, mas ali era um bom momento pra ser simpática e fazer minha propaganda de boa esposa que eu provavelmente — com muita sorte — seria.

— Amor. — Lorenzo beijou minha testa com carinho. — Estão vindo.

Assenti e aguardei. Primeiro, sua mãe e seu pai nos abraçaram.

— Ah, que felicidade! Estou tão feliz de Lorenzo ter se casado com uma jovem tão especial e bela como você! — A mãe exclamou, sorridente, ao se afastar do abraço.

— Meu filho é um homem de sorte e, com todos os conselhos que demos em prática, com certeza terá um casamento feliz e duradouro. — Seu pai acrescentou, num tom polido.

Eles eram super-ricos e formais, sabe? Então eu tentava evitar os micos e loucuras, pelo menos na frente deles. Seu irmão mais velho se aproximou e o abraçou, logo após veio me cumprimentar, também deixando um beijo no dorso de minha mão.

— Seja bem-vinda à família. Espero que nos tenha como irmãos. Ainda não havia me apresentado, me chamo Alejandro — sorriu, amigável —, esta é minha esposa, Serena. — Apontou para a linda mulher que se aproximou naquele instante.

— É um prazer imenso conhecê-los. Serena, fique à vontade, depois a gente bate um papo de mulheres — descontraí, queria me enturmar, né?

— Ah, com certeza. Alec é protetor demais, pois estou grávida e quase não ficamos longe um do outro, mas vamos, sim, poder conversar bastante, com calma.

— Ela sorriu e Alec a puxou para perto, beijando sua bochecha.

— Ela acha exagero que eu cuide dela. Eu a amo e quero que tenha uma gestação maravilhosa.

— Entendo — sorri —, aproveitem a festa. E parabéns pelo bebê.

Eles agradeceram e foram para seus lugares. Achei fofo todo o cuidado de Alec. Eles transpareciam muito amor e cumplicidade. Fiquei feliz com isso.

Logo cumprimentei Leon, o irmão mais afeiçoado a Lorenzo.

— Cunhadinha... Finalmente alguém conseguiu engaiolar o pássaro. Boa sorte pra aguentar suas manias de limpeza.

Comecei a rir. Lorenzo tinha mesmo umas manias bobas de limpeza. Não que eu me incomodasse. Jamais!

Após Leon, conheci seus outros dois irmãos, que também foram supersimpáticos. Um deles namorava e me apresentou a moça, e o outro era muito sorridente, porém solteiro. Depois da família dele, foram nossos padrinhos. Meus pais não estavam por perto e eu fiquei um pouco preocupada. Onde eles estariam?

Dante e Leonora foram os primeiros e, mais uma vez, a invasão do amor e do alívio que senti ao vê-lo naquele dia lá em casa retornou. Eu não me lembrava mais o motivo exato, mas a simples existência de meu irmão em minha vida me fazia dizer que o amo sempre que o encontrava.

Daquele dia pra cá, as memórias de uma realidade oposta à que eu estava foram sumindo aos poucos, restando apenas vestígios de algo muito antigo, como algumas cenas minhas em um século qualquer do passado. E as memórias da minha atual vida foram se consolidando cada dia mais.

Hoje eu sou dona de uma academia de dança só minha, que inaugurei com o dinheiro que tinha na poupança, somado ao que Lorenzo investiu por mim. Lorenzo pegou a parte do dinheiro que pertencia a ele, da sua família, e abriu uma administradora de imóveis. Ele sempre gostou disso, pois desde mais novo vinha administrando as posses que sua família tinha espalhadas pelo mundo.

— Finalmente casada! — Dante me abraçou. — Já avisei pra Lorenzo que não aceito devoluções! — brincou, me fazendo dar um tapinha leve em seu ombro.

— Vou guardar as piadas para repeti-las no dia do seu casamento, irmãozinho. Te amo muito, seu rabugento.

Lorenzo sorria diante da cena, enquanto Leonora o abraçava. Era um quarteto poderoso, quando nos uníamos a fim de nos divertir. Coisa de filme! Quando eles cismaram um dia de nos levar a um parque aquático, foi muito legal. Parecíamos donos do lugar, eles nos fizeram ir em todos os brinquedos, filmaram, zoaram a gente. Onde nós quatro nos juntávamos, algo acontecia.

Após os cumprimentos deles, de todas as minhas batgirls, da Nat, do Felipe, da Nana e do Guto, fomos finalmente para a parte gastronômica. Eu estava faminta ao quadrado e precisava me alimentar.

Sentamo-nos à mesa reservada apenas para nós dois, que ficava entre a mesa da família de Lorenzo e a mesa da minha família. O almoço foi servido e ali ficamos um pouco, curtindo o momento, curtindo a nossa união e vendo as pessoas que tanto amamos nos prestigiando.

— Morena — Lorenzo cochichou em meu ouvido.

— Hum? — Foquei meu olhar no seu.

— Vamos dar uma fugida? Quero ficar um pouquinho em paz com você.

Senti aquele arrepio gostoso que sempre sinto quando sua voz penetra meu ser. Assenti e nos levantamos disfarçadamente, olhando para os lados, a fim de não dar muita bandeira sobre nossa fuga. Andamos discretamente até fora da tenda principal, onde estavam todos os convidados almoçando, e seguimos para a beira do rio que cortava aquele sítio enorme.

Ao chegarmos lá, nos sentamos debaixo da árvore. Ele encostado no tronco e eu na sua frente, com minhas costas pressionadas em seu peito. Lorenzo me abraçou e ali ficamos, admirando a paisagem e recebendo a brisa suave e calma que me fazia querer dormir.

Ah, gente. Todo mundo sente sono depois de almoçar. Vai dizer que não?

— Ainda não estou acreditando que você é minha esposa.

Eu sorri e me encolhi em seus braços. Era tão reconfortante quando o ouvia falar essas coisas pra mim. Seu amor era confirmado a cada ato, cada palavra, cada segundo que passávamos juntos. Desde o amanhecer até fecharmos os olhos e dormir. Até nos sonhos me sentia amada.

— Eu ainda não estou acreditando que casei na frente desse monte de pessoas — ri.

Lorenzo riu também. Sempre que falávamos em casamento, nunca pensávamos como uma superfesta de rico exibicionista. Era sempre algo nosso, particular. Mas acabou sendo algo gigante até pra minha cabeça entender.

— Me sinto o cara mais sortudo da face da Terra por ter quase te atropelado e derrubado seus pães de queijo — falou rindo, e eu fiz um rosto bravo.

— Há Há Há... Não me lembre a tragédia. Pelo menos o velho barbudo me trouxe você, no fim das contas. — Dei de ombros.

— Velho barbudo? — Ele tapou a boca, prendendo o riso.

— Não ri não! Ele arma tudo desde o início! O destino, amor. O destino! — Me virei e falei com minha voz autoritária.

— Tá bom, meu pãozinho de queijo. Não está mais aqui quem disse. — Me puxou e depositou um beijo em minha testa.

Eu — obviamente — jamais me contentaria com um beijinho bobo na testa, logo segurei seu rosto, acariciando sua barba aparada, e o trouxe para mais perto. Beije seus lábios, que os meus já conheciam tão bem, mas foi como sempre era quando nos beijávamos, uma sensação de ser o primeiro.

Ficamos ali um tempinho nos curtindo, beijando, abraçando, admirados com a paisagem e o momento, quando um homem veio correndo até nós.

— Ufa, ainda bem que os encontrei — disse ofegante, assim que chegou. — Estão chamando vocês para a dança dos noivos.

Ah meu Deus... Mais um mico máster pra minha coleção.

— Estamos indo, Fernando — Lorenzo falou, já levantando e me levando junto.

— Não conheço esse cara, quem é? — cochichei de modo disfarçado para Lorenzo.

Ele arregalou os olhos, como quem nota que não apresentou alguém importante para a sua esposa, e logo fez as apresentações.

— Ah, amor, esse é Fernando Lopes. — Olhou para o tal Fernando. — Ainda não tinha te apresentado pra Lorena.

O homem alto, branco, porém bronzeado, com cabelos lisos e loiros jogados de lado, e olhos estontes num misto de verde e caramelo, se aproximou de mim, um pouco retraído.

— Prazer, senhora Lorena. — Ele estendeu a mão, de modo polido.

— Prazer, Fernando. Você e meu esposo são amigos há muito tempo?

Cumprimentamo-nos e ele, logo após, colocou as mãos nos bolsos da calça.

— Não, na verdade trabalho pra ele na área de vendas da empresa.

Ele era bastante sério, obviamente devia trabalhar pra Lorenzo. Ele jamais contrataria pessoas loucas como eu.

— Ele é o gerente de vendas dos imóveis. Agora está agora incumbido da venda daquela propriedade que recebemos para administrar na semana passada. — Meu esposo comentou.

— Ah, sim. Que bom, então! Tomara que venda logo! — descontraí.

Lorenzo e Fernando sorriram e, juntos, seguimos os três de volta ao salão principal, onde todos os convidados já nos esperavam.

A nossa dança foi escolhida a dedo por nós mesmos. Queríamos algo legal e jovem, e ao mesmo tempo romântico. Decidimos pela música *Accidentally In*

Love, da banda Counting Crows.

A música começou a tocar e os passos animados e rítmicos que ensaiamos começaram a ser vistos por todos no salão de dança. Os fotógrafos e cinegrafistas pegavam cada ângulo de nossa performance e eu só conseguia focar nos olhos achocolatados do meu esposo a cada passo que dava, tendo os dele fixados nos meus, em resposta, do início ao fim.

Após a dança e todos os convidados nos aplaudirem de pé, fomos para a mesa do bolo, onde fotografamos mais um pouco e o cortamos. Depois, o lançamento do buquê, que caiu no colo de ninguém mais ninguém menos do que minha cunhada Leonora.

O fim da festa chegou e logo eu estava descalça com meus sapatos nas mãos, me despedindo de todos os convidados. Meus pais apareceram novamente, quase no fim de tudo e então, após me afastar do aglomerado de pessoas se despedindo de nós, me aproximei deles.

— Por que sumiram?

Minha mãe estava com uma caixa na mão e me olhava, transparecendo alegria. Meu pai me beijou e disse que ia falar com Lorenzo um pouco.

— Filha, podemos ir a um quarto ou um local reservado?

Assenti e a levei para a suíte reservada para a noiva, dentro do casarão do sítio. Chegando lá, nos sentamos no sofá branco maravilhoso, próximo à varanda, e a encarei com curiosidade no olhar.

— Diga, mãe. Me preocupei com o sumiço de vocês.

— Eu e seu pai voltamos em casa para buscar isso. — Me entregou a caixa de ferro mega pesada. — É uma relíquia guardada há quase trezentos anos.

Passei a mão sobre o grande brasão na parte superior da caixa, onde as letras C e E estavam em alto-relevo. Era uma caixa retangular, toda em ferro, com uma trava diferente, acho que tinha abertura pra uma chave.

— Como abro?

— Com essa chave. — Minha mãe tirou do bolso uma chave, também antiga, e encaixou na fechadura.

Girei-a e abri a bendita caixa. Por dentro, era coberta de veludo vermelho e estava muito bem conservada. Mas o que mais me surpreendeu foi seu conteúdo. Havia um par de sapatilhas artesanais de cetim rosa claro, com cristais cravejados por toda a sua extensão. Peguei as sapatilhas e deslizei meus dedos por elas, maravilhada com tanta beleza e conservação.

— Meu Deus... Isso durou quase 300 anos?! — perguntei, estupefata.

— Sim, ela foi reservada pra você.

Como assim? Olhei minha mãe com espanto.

— Pra mim? Mas... Como...

— Não sei, filha. Apenas foi algo passado para todas as primeiras filhas mulheres e com isso chegou até minha mãe, que chegou a mim, que agora é seu. Apenas você pode abri-la. Ninguém antes de você pôde. Já tentei e fiquei surpresa pelo fato de você conseguir abri-la com tanta facilidade. Quando eu encaixava a chave, ela nunca virava, realmente foi feita pra você.

Achei muito estranho, mas ao olhar novamente para a caixa, vi um pedaço de papel no canto, enrolado em um cilindro amarrado com uma fita azul, com um selo em cera o tornando lacrado. Abri lentamente e seu conteúdo me fez lacrimejar.

"Querida Lorena,

Não sei como estarão as formas de tratamento em sua época, porém permita-me escusar minha audácia em referir-me à senhora como "querida". Há algumas horas, recebemos a ilustre visita de vossa graça, juntamente com seu atual esposo, e fiquei por muito tempo imaginando comigo mesma o que eu poderia fazer para expressar a eterna gratidão que vossas vidas causaram a mim, ao meu esposo e ao nosso reino.

Minha fada madrinha me passou as informações necessárias sobre seu ano e tudo mais que eu poderia questionar-me, ao escrever esse longo escrito, porém

sinto-me íntima a ponto de falar com sua pessoa como alguém da minha família, pois no fim de tudo, a senhora o é.

Estas sapatilhas, que almejo estar em suas mãos, pertenceu a mim e foi o que uniu minha alma à do príncipe Encantios para todo o sempre. Hoje somos felizes e regemos o Reino com amor e destreza, porém gostaria que guardasse consigo como algo de suma importância em minha vida.

Desejo que seu casamento seja repleto de amor e magia, pois para o amor tudo é mágico e único.

Seja feliz com Lorenzo, e que juntos possam alcançar todos os sonhos.

Nunca se esqueça de que aqui tens uma amiga torcendo por sua felicidade, com o coração repleto de gratidão por sua coragem em vir impedir o lançamento da maldição, mas, acima de tudo, lembre-se:

A magia do amor anula qualquer maldição.

Rainha Cindi e Rei Encantios."

Eu chorei e, sem pensar, abracei aquele pedaço de papel, onde minha antecedente sabia exatamente o que estava dizendo, quando minha mãe falou algo ainda melhor.

— Leia a parte de baixo da caixa.

Peguei a caixa e a virei. No fundo, estava escrito:

Para Lorena, no dia de seu casamento em 2017.

— Ai, Deus! Era realmente pra mim! — gritei.

— Sim, filha. Era pra você. — Ela me abraçou forte.



Naquela noite, na nossa casa, eu e Lorenzo estávamos abraçados, admirando a luz da lua na varanda do quarto, após eu ter contado e mostrado sobre as sapatilhas e a carta. Ele ficou surpreso por alguém saber sobre o futuro com tanta exatidão, porém minha resposta foi apenas uma:

— Sempre há no amor, um pouco de magia.

E ali começou o nosso “felizes para sempre”.

FIM

Table of Contents

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Catorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Epílogo](#)